

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
CURSO DE MESTRADO**

WÊDJA DOMINGOS DE MELO

**O PRINCÍPIO E FUNDAMENTO DA ESPIRITUALIDADE INACIANA
PARA A SUBJETIVIDADE MODERNA EM BUSCA DE SENTIDO:
um estudo a partir do conceito da Logoterapia e Análise existencial de Viktor
Frankl**

RECIFE/ 2019

WÊDJA DOMINGOS DE MELO

**O PRINCÍPIO E FUNDAMENTO DA ESPIRITUALIDADE INACIANA
PARA A SUBJETIVIDADE MODERNA EM BUSCA DE SENTIDO:
um estudo a partir do conceito da Logoterapia e Análise existencial de Viktor
Frankl**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco.

Linha de Pesquisa: Tradições e Experiências Religiosas, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior.

RECIFE/ 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Antonio Avellar de Aquino – UFPB

Avaliador externo

Prof. Dr. Marco Antonio – UNICAP

Avaliador interno

Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior – Orientador - UNICAP

Orientador

AGRADECIMENTO

Ao longo de anos vividos, pesquiso e apresento a Espiritualidade Inaciana, por meio de cursos, palestras e retiros, fazendo destes a minha missão apostólica, enquanto discípula missionária que sou, na igreja Católica. E tenho percebido a contribuição do Princípio e Fundamento como meio para eu conhecer as fontes de sentido em minha vida. Aos poucos, fui percebendo que o Princípio e Fundamento da Espiritualidade Inaciana, à luz da Logoterapia e Análise Existencial podem ajudar as pessoas que buscam sentido de vida. Logo, esta dissertação é fruto de questionamentos pessoais em confronto com as partilhas de vida de diferentes pessoas que escuto durante os retiros e acompanhamento espiritual.

São muitas as pessoas que acreditaram, incentivaram e contribuíram a fim de que eu chegasse a fechar mais esse ciclo. A todas, minha profunda e sincera gratidão. No entanto, em meio a inúmeras pessoas significativas, destaco algumas.

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder o dom da inteligência, da persistência, da fortaleza e do discernimento durante o mestrado e, sobretudo, no decorrer de toda a minha vida. Deus é, verdadeiramente, o meu amor, a minha fonte de sentido e de inspiração, a quem faço do meu ser entrega para o seu serviço, particularmente por meio dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio.

Aos meus pais, Severino Domingos e Maria José, instrumentos de Deus para que eu viesse a esta existência. foram eles que me auxiliaram a dar os primeiros passos enquanto pessoa, na fé, na vida espiritual, moral e acadêmica. E aos meus irmãos, companheiros e amigos.

A Elba Sobral, que me ofereceu todo o suporte em minha nova caminhada de vida e me proporcionou meios que facilitaram o meu estudo. Essa vitória é nossa!

Ao professor João Luiz Correa Júnior, que “me descobriu”, incentivou-me a ser pesquisadora e se tornou, além de orientador, amigo.

Às Religiosas da Instrução Cristã, que me proporcionaram iniciar o aprofundamento acerca da Espiritualidade Inaciana e a todos os padres Jesuítas que colaboraram com a minha experiência pessoal. Particularmente, Pe. Adroaldo Palaoro, Pe. Luis González-Quevedo e Padre Antônio Mota.

Enfim, aos coordenadores, professores e colegas, pelo estímulo, amizade, respeito e partilha de conhecimentos.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo geral analisar a contribuição do Princípio e Fundamento da Espiritualidade Inaciana, à luz da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, para a subjetividade moderna em busca de sentido. Nota-se uma crise de sentido na sociedade hodierna e o sofrimento de uma vida sem sentido. Sabe-se que todo ser humano precisa ter um para quê ou para quem viver. Saindo de si e ajudando outras pessoas, o ser humano se realiza. Assim sendo, a espiritualidade tem papel fundamental. Aqueles que orientam a própria vida segundo o Espírito de Deus desenvolve-se o seu melhor e despertam, interiormente, a felicidade. Logo, são pessoas dirigidas, que se sentem amadas e sabem amar, razão pela qual desejam colocar-se a serviço de uma causa ou de uma pessoa. Nesse aspecto, toma-se como exemplos, sobretudo Jesus Cristo e Santo Inácio de Loyola.

Palavras-chave: Sentido da vida, Vontade de sentido, Espiritualidade Inaciana.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the contribution of the Principle and Foundation of Ignatian Spirituality under the light of Viktor Frankl's Logotherapy and Existential Analysis to modern subjectivity in a search of meaning. Nowadays, there has been a crisis of meaning in modern society and the suffering of a life without meaning. It is known that every human being must have a reason for what or for whom to live. As well as, changing the perspective and leaving yourself for helping other people, the human being is realized. Therefore, spirituality plays a fundamental role. Those who guide their lives according to the Spirit of God develop their best and awaken inwardly happiness. Thus, they are complete, who feel loved and know how to love.

Keywords: Meaning of life, Will of meaning, Ignatian Spirituality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A CRISE DA SUBJETIVIDADE MODERNA EM BUSCA DE SENTIDO.....	15
1.1 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA SOCIEDADE ATUAL.....	15
1.1.1 Percebendo as emoções na atualidade	16
1.1.2 A sede de proximidade	19
1.1.3 A sociedade sonolenta e barulhenta	22
1.2 IMAGENS DA SOCIEDADE ATUAL.....	27
1.2.1 Sociedade da aparência	28
1.2.2 A crescente falta esperança em meio às contradições	30
1.2.3 O ser humano quer ser deus	32
1.3 UMA SOCIEDADE PLURAL.....	34
1.3.1 Questões sobre o vazio existencial	35
1.3.2 A cultura do descartável	37
1.3.3 A busca da religiosidade como instrumento de cura	39
2. ANÁLISE DA CRISE DE SENTIDO DA SUBJETIVIDADE MODERNA À LUZ DO CONCEITO DE LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR FRANKL.....	42
2.1 A BUSCA DO SER HUMANO POR SENTIDO	42
2.1.1 A vontade de sentido segundo Viktor Frankl	43
2.1.2 A espiritualidade inconsciente	45
2.1.3 A espiritualidade com produto da inteligência espiritual	46
2.2 DEFINIÇÕES DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL	47
2.2.1 Questões sobre a Logoterapia e Análise Existencial	48
2.2.2 Questões sobre a Autotranscendência	50
2.2.3 Questões sobre o Autodistanciamento	51
2.3 A BUSCA DO SER HUMANO POR FELICIDADE	52
2.3.1 Questões sobre a felicidade	53
2.3.2 Questões sobre a vontade	55
2.3.3 Questões sobre a vontade de sentido	56
3. O PRINCÍPIO E FUNDAMENTO DA ESPIRITUALIDADE INACIANA COMO MODO DE ENFRENTAMENTO DA CRISE DE SENTIDO	60
3.1 O PRINCÍPIO E FUNDAMENTO E O SER HUMANO EM BUSCA DE SENTIDO.....	61
3.1.1 O Princípio e Fundamento nos Exercícios Espirituais	61
3.1.2 O Exame de si mesmo	68
3.1.3 Liberdade humana diante das coisas criadas	71

3.2 ESPIRITUALIDADE ENQUANTO DISPOSIÇÃO INTERIOR	74
3.2.1 Conceitos e considerações sobre espiritualidade	75
3.2.2 Relação entre espiritualidade, liberdade interior e caridade	77
3.2.3 Princípio e Fundamento: dispor o espírito ao amor	79
3.3 O USO ORDENADO DAS COISAS CRIADAS	82
3.3.1 Santo Inácio de Loyola: breve biografia e alguns traços de sua personalidade	83
3.3.2 Processo de conversão de Santo Inácio de Loyola	87
3.3.3 Santo Inácio orienta a “nos tornarmos indiferentes”	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100

Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma,

Mas o sentir e saborear todas as coisas.

Santo Inácio de Loyola

INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda a questão da crise causada pela ausência de sentido e a busca da espiritualidade como recurso para encontrar o rumo para a existência, independente de ser ou não a pessoa cristã, religiosa ou espiritualizada. Ainda que o leitor não se sinta perto de Deus, sente dúvida quanto à sua existência ou esteja relativamente convencido de que Deus não existe.

Muitos profissionais de saúde são solicitados para auxiliar pessoas cuja fonte de sofrimentos e de patologias está na falta de motivo para viver. A consulta médica, no entanto, transformou-se num espaço de escuta para as pessoas desesperadas e para todos os que duvidam do sentido da vida. É certo que, aqui no Ocidente, a humanidade migrou do “pastor de almas” para o “médico da alma”.

Esquece-se, todavia, que as respostas às perguntas existenciais estão no próprio interior. Daí a importância da espiritualidade para ajudar no encontro consigo e, conseqüentemente, com o Transcendente e encontrar o objetivo de viver e redescobrir o sabor, o sentido, a beleza de existir. O que, certamente, constituirá bem-estar à saúde.

Observar-se-á que há um foco na relação entre a busca de sentido e a salvação do ser humano, segundo a ótica cristã, dentro da linha da Espiritualidade Inaciana, cujo fio condutor é o amor genuíno e gratuito de Deus, tão enfatizado e excelentemente oferecido no Princípio e Fundamento, trazido por Santo Inácio de Loyola (1491-1556). Como também, na Logoterapia e Análise Existencial, deixada por Viktor Frankl (1905-1997), que trata de duas características antropológicas fundamentais da existência humana: sua autotranscendência e capacidade de autodistanciamento, que especifica a existência humana como tal.

Minha escolha pelo tema deve-se ao fato de que, ao longo de dezenove anos, conheço a espiritualidade inaciana e tive a oportunidade de fazer os Exercícios na Vida Cotidiana (EVC), Exercícios corridos de oito dias e de trinta dias e fui percebendo que eles foram auxiliando-me a desenvolver uma relação pessoal com Deus, por meio da oração, a fazer escolhas e a tomar decisões. Bem como a trabalhar em equipe e a ir colocando em ordem os meus afetos.

Durante os Exercícios Espirituais de trinta dias, dei-me conta de que era iniciante no Princípio e Fundamento, sobretudo no que se referia ao fato de ser aceita e amada por Deus. Como também, na capacidade de expressar e receber

amor. Com isso, resolvi aprofundar, por meio de leituras, e fui descobrindo tamanha riqueza que não poderia deixar de partilhar. Fiz uma especialização em Espiritualidade, na qual tive a oportunidade de conhecer, com maior profundidade a biografia de Santo Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios Espirituais (EE) por ele deixados, de modo particular, o Princípio e Fundamento. Desde então, surgiram várias oportunidades para eu dar os EE, ministrar palestras e cursos na área.

Em síntese, o Princípio e Fundamento é porta de entrada para os Exercícios Espirituais e serve de instrumento para ajudar as pessoas a quebrarem apegos a coisas, cargos, funções, títulos, entre outros, que constroem a sua liberdade, bem como orienta para a internalização do fim para o qual o ser humano é criado. Segue a tradução do texto escrito por Inácio de Loyola:

O ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor e, assim, salvar-se. As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o ser humano e para o ajudarem a atingir o fim para o qual é criado. Daí se segue que ele deve usar das coisas tanto quanto o ajudam para atingir o seu fim, e deve privar-se delas tanto quanto o impedem. Por isso, é necessário fazer-nos indiferentes a todas as coisas criadas, em tudo o que é permitido à nossa livre vontade e não lhe é proibido. De tal maneira que, da nossa parte, não queiramos mais saúde que enfermidade, riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que vida breve, e assim por diante em tudo o mais, desejando e escolhendo somente aquilo que mais nos conduz ao fim para o qual somos criados (LOYOLA, 2016, p.23).

Inácio coloca a pessoa que recebe os Exercícios Espirituais frente a dois dados antropológicos: a origem e o fim do ser humano. Percebe-se que, no texto do Princípio e Fundamento, o verbo criar expressa uma não pertença do ser humano a ele mesmo, visto que a sua humanidade é recebida de um Outro, pois é criado. Ou seja, ser humano é ser colocado na existência por um Outro, o que faz da Criação, enquanto doação da vida, o princípio e o fundamento da relação entre Deus nosso Senhor e o ser humano.

Assim sendo, o local central da criação descentra o ser humano e o projeta Àquele que está para além dele: o Deus criador. Do ponto de vista antropológico, ser humano é estar em relação com o Outro e com as outras coisas criadas. Logo, todas as coisas criadas são o horizonte no qual Deus se revela ao ser humano e este pode louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor.

No entanto, a Criação não é apenas doação de vida, mas projeto de Criação que traz uma finalidade, à qual Inácio se refere ao fazer uso da preposição “para” e,

neste fim está a salvação do ser humano. Para Inácio, a salvação faz parte da ideia de Criação, pois ordenar a vida, segundo o Princípio e Fundamento, não significa somente evitar o pecado, mas desejar e escolher o que mais o conduz ao fim para o qual é criado e isso comporta uma dimensão ética.

Tendo em vista que desejar e escolher o que mais conduz o ser humano ao fim para o qual é criado caracteriza-se “indiferença” inaciana, que só é possível compreender à luz de um amor maior, no horizonte do fim último. A liberdade no amor para o serviço do Criador e Senhor, exige o desapego completo de tudo o que não conduz o ser humano ao fim para o qual é criado. Logo, a expressão “fazer-nos indiferentes” esconde um amor apaixonado do ser humano por Deus. O que é acontece porque primeiro Deus o amou. No livro da Sabedoria 11, 22-26, Deus é chamado de “amigo da vida”. Daí uma relação íntima com o Princípio e Fundamento. Eis o texto:

O mundo inteiro está diante de ti como um nada na balança, como uma gota de orvalho que pela manhã cai sobre a terra.
 Mas te compadeces de todos, pois tudo podes, fecha os olhos diante dos pecados dos homens, para que se arrependam.
 Sim, tu amas o que criaste, não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesses odiado, não a terias feito..
 E como poderia subsistir alguma coisa, se não a tivesses querido?
 Como conservaria sua existência, se não a tivesses chamado?
 Mas a todos poupas, porque são teus: Senhor, amigo da vida! (Sb 11, 22-26).¹

Sabendo-se que o texto dos Exercícios Espirituais tem um estilo de linguagem e de representações próprios da primeira metade do século XVI, o Princípio e Fundamento apresenta a resposta que Inácio deu no seu tempo à questão do sentido da vida. Na sua visão, a vida é dada ao ser humano para “louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor” e, assim, salvar-se. Bem como coloca o ser humano diante de algumas questões místicas e, ao mesmo tempo, existenciais. Tais como: Quem é o Deus com quem me relaciono? Onde estou em relação a Deus? Quem são os outros, as outras criaturas? O que são as coisas criadas? E, afinal, quem sou eu? Esses questionamentos e, conseqüentemente, as suas respostas não eram originais no tempo em que ele viveu nem é nova atualmente. No entanto, respondidas coerentemente, desdobrando-se numa vivência repleta de entusiasmo e convicção, deu e dá sentido à vida de muitas pessoas.

¹ Neste trabalho está sendo utilizadas as citações da Bíblia de Jerusalém, 2016.

O estudo do Princípio e Fundamento, realizado à luz da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl toca na essência do ser humano. Orienta ao uso da capacidade de transcender uma situação desumanizadora, desenvolver a liberdade interior e encontrar o sentido da vida. Pois, para Frankl, o ser humano tem vontade não de prazer (Freud) nem de poder (Adler), mas de sentido. Ele também afirma que a pessoa não é apenas movida por impulsos inconscientes, mas também manifesta uma espiritualidade inconsciente.

Portanto, no primeiro capítulo, serão abordadas algumas características da sociedade atual, visto que a crise de sentido da subjetividade moderna, tão evidente, suscita questionamentos e inquietude. O ser humano, portanto, tem vontade de sentido e somente ele pode empreender essa busca e encontrá-lo.

Considera-se que sob a ótica de Viktor Frankl, que ser pessoa é ser livre e plenamente responsável, bem como, que a vontade de sentido é motivação básica do ser humano, no segundo capítulo será apresentada uma breve análise da crise de sentido da subjetividade moderna à luz da Logoterapia e Análise Existencial.

E no terceiro capítulo será dada uma maior relevância ao Princípio e Fundamento da Espiritualidade Inaciana, como meio para favorecer ao ser humano encontrar sentido, visto que, para Santo Inácio de Loyola, o ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus, ou seja, tem um “para quê” a sua existência.

A metodologia utilizada é uma pesquisa bibliográfica. Em seguida, foi realizada uma análise crítica de obras que interpretam o Princípio e Fundamento da Espiritualidade Inaciana, em autores como: Breemen, 1996; Haight, 2015; Jaer, 2009; Martin, 2012; Oliveira, 2014; Palaoro, 1992, Pedrini, 2017; Tomasi, 2007, entre outros. Bem como, se traçará um panorama da subjetividade moderna em busca de sentido, sobretudo nos autores: Bauman, 2004; Papa Francisco, 2018 e Torralba, 2013. E para melhor observar a abordagem da atualidade dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola e da importância da oração, mais especificamente a oração pessoal, dar-se-á relevância, principalmente, aos autores: Idígoras, 2001; Palaoro, 1992; Jaer, 2009 e outros.

O livro que está sendo utilizado como fonte de pesquisa com as normas da ABNT é “Como normatizar trabalhos acadêmicos: Projetos, Monografias e Artigos”. 2ª edição atualizada, cujo autor é Marcos Roberto Nunes Costa.

Enfim, o Princípio e Fundamento parece ser especialmente necessário no contexto atual de culturas moderna e pós-moderna, devido à crise de valores e fragmentação da cultura contemporânea. Percebe-se que amplos setores da população vivem na indiferença religiosa e no ateísmo prático, ou seja, como se Deus não existisse. É necessário, nesse contexto, que se promova uma visão global da vida, no qual Deus tem seu lugar e o ser humano seja visto sob a perspectiva de seu fim último. Isso dá espaço à intercomunicação do Princípio e Fundamento e a Logoterapia e Análise Existencial. Nesse sentido, cabe a poesia “Na origem”, de Benjamín González Buelta:

Quando abro os olhos
para ver-te no real,
já te vejo antes no desejo
que inicia meu olhar.

Quando pergunto por ti
às criaturas da terra,
já te escuto antes no silêncio
onde nasce minha pergunta.

Quando aproximo minha mão
para te tocar em outro corpo,
já te percebo antes da origem
de minha carne peregrina.

Quando sorvo a água
para me encher de tua vida,
já te saboreio antes
na sede que abre minha garganta.

Quando aspiro os aromas
de teus passos pelos Montes,
já te farejo antes na paz
que distende meus pulmões.
(BUELTA, 2007, p.87).

Considerando que a finalidade do Princípio e Fundamento é que a pessoa saiba aonde vai e se determine, seriamente, a chegar lá. Trata-se de abrir espaço para o desejo de Deus. Pois, para Inácio, é o desejo de Deus que liberta o ser humano da escravidão de determinados desejos que podem fragmentar a sua vida. Assim sendo, nada é capaz de dar sentido tão forte à vida humana como a busca, o encontro e o relacionamento pessoal com Deus. Pois, somente um Amor absoluto pode dar um pleno sentido à vida.

1. A CRISE DA SUBJETIVIDADE MODERNA EM BUSCA DE SENTIDO

Na sociedade atual, considerada pós-moderna ou líquida, bem como, plural em suas características, algo nebulosa em seu contorno, incerta quanto a seu possível desembocar em um novo capítulo da história da humanidade e da cultura ocidental, que não parece unanimemente adequado denominar “pós-modernidade”, a crise suscita perguntas e perplexidades. Conta-se com o vazio de paradigmas que ofereça referencial ao ser humano, que se percebe envolvido pela crise. Isso é apenas uma das suas inquietantes consequências. Assim sendo, neste capítulo serão abordados alguns elementos dessa sociedade hodierna.

Nos pontos a seguir serão elencadas as principais características da sociedade atual, que incluem a percepção das emoções e a sede de proximidade, elementos fundamentais na constituição humana.

O tema abordado é muito sério. No entanto, procurar-se-á dar-lhe um toque de leveza, o que é muito característico quando se trata de assuntos que tocam a dimensão espiritual do ser humano, como será possível encontrar nessas páginas. Certamente, despertará interesse e prazer pela leitura a todos os que tiverem acesso.

Este primeiro capítulo tem como referência os seguintes autores: Bauman, Breemen, Cigoña, Conte, Francisco, Galvão e Torralba. Os mesmos lançam sobre a sociedade atual um olhar sensível e crítico, ao mesmo tempo em que demonstra profundo sentimento de esperança diante da realidade observada.

1.1 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA SOCIEDADE ATUAL

Nesse ponto serão apresentadas algumas características da sociedade hodierna, que viabilizem uma maior compreensão da crise e da busca de sentido. Buscaremos referência, sobretudo, em Francisco Galvão, François Marty, Hildo Conte, Inácio de Loyola, Inácio Larrañaga, J. Ramón de La Cigoña, Papa Francisco, Piet Van Breemen, Francesc Torralba e Zigmunt Bauman.

A atual sociedade, em que a intolerância toma força, suscita perguntas e perplexidades, leva o ser humano a fazer escolhas. Isso representa o que está no seu interior. A pessoa humana tem uma essência que não muda e é isso que a

caracteriza. Outra coisa permanente é a capacidade de entender ironia, metáfora, mito. Bem como o fato de ter sonhos. É a possibilidade de sonhar com aquilo que não existe que a mantém viva, criativa, dá dinamismo à existência.

Podemos chamar outros aspectos da atualidade de continuidade e descontinuidade. Essa descontinuidade é desprezar as coisas do passado. E existe uma grande importância no passado, quando se trata de valores, sobretudo. São esses que dão raízes, criam estruturas firmes, existem para durar mais. O que não significa que esse enraizamento inviabiliza a reforma de vida. É adequado criar raízes e, depois, reformar, fazer mudanças. Para tanto, faz-se necessário o uso da inteligência, que significa ler entre as linhas, para discernir o que precisa ser mantido e o que deve ser transformado.

Nos pontos a seguir serão apresentadas reflexões a partir dos seguintes temas: Percebendo as emoções na atualidade, a sede de proximidade e a sociedade sonolenta e barulhenta, considerados relevantes na subjetividade moderna em busca de sentido.

1.1.1 Percebendo as emoções na atualidade

Na sociedade atual, desconfia-se mais das palavras do que dos gestos. No entanto, a realidade humana entra e sai não apenas pela boca, mas pelos olhos e pelas mãos. Assim sendo, os cinco sentidos estão sendo muito levados em consideração atualmente. É notório que a maior parte das decisões do ser humano é tomada por causa do que ele subjetivamente sente.

Vive-se numa cultura de sensações, em que, constantemente, o ser humano é ora sujeito ora objeto de desejo. No entanto, a instintividade inconsciente facilmente se concretiza dando vazão a sentimentos primitivos e egoístas, sem levar em conta os seus significados e as suas consequências. Com isso, algumas pessoas chegam a perder o sentido da vida.

Percebe-se que esse nível instintivo é sempre factual e fugaz, satisfaz a maioria das pessoas apenas momentaneamente. Desse modo, a lógica se perde no emaranhado instintivo do experimentado e sentido. Pensando ainda nos sentidos, iniciar-se-á pelo olhar. Facilmente os olhos ficam envolvidos pelo objeto de desejo, seduzidos pelos condicionamentos primeiros e instintivos. Sucumbe-se pelo fascínio do momentâneo e fechando-se no experimentado.

Pensando a questão de que o ser humano, com o passar do tempo, empobrece a si mesmo e aos seus relacionamentos com essa mesmice, percebe-se que ele não se contenta com a repetição instintiva e que, embora estando no mundo com outras pessoas, tem a consciência das próprias situações. A partir delas, sente a necessidade de mudar e ser mudado, buscando algo maior e melhor, afirma Cigoña:

A experiência sensível e instintiva é a mais primitiva e o ponto de partida de toda percepção e conhecimento. Contudo, não podemos reduzir-nos somente a ela, pois há dentro de nós uma profundidade maior, o inconsciente espiritual, esperando ser percebido e concretizado. Que mistério! Aquele olhar primitivo e obscuro poderá ser, um dia, puro e transparente, contemplando o Amor em tudo e todos (CIGOÑA, 2006, p.89-90).

Para Cigoña, no entanto, é certo que o ser humano pode passar da sedução dos sentidos para a transfiguração deles, descobrindo significados maiores e transcendentais. Pois os sentidos influenciam as emoções e, conseqüentemente, as ações. Não é possível separar, sem desagradáveis conseqüências, a emoção da razão e do próprio agir.

Sabe-se que nem tudo o que penetra pelos sentidos dá sabor à vida. Normalmente, o que se tem em mente, deseja-se e, certamente, realiza-se. A mente humana, contudo, está repleta de imagens provenientes da sensualidade e da adrenalina do corpo. Conhece-se a realidade não apenas pela lógica da ciência, mas também pelo sentido pela experiência.

Percebe-se que o sentir é elemento constitutivo do pensar, bem como as emoções dão ênfase e relevo às coisas e às pessoas. Entretanto, o sentir e o pensar, o instintivo e o espiritual não são realidades opostas que se possa polarizar, mas relacionadas e interdependentes.

Acredita-se que, com o tempo, o sentir instintivo torna-se mais responsável e inteligente e o pensar reflexivo mais intuitivo e emocional. Com o passar do tempo, inicia-se o desencanto da sedução e os sentidos superam a primitiva fixação, buscando melhores expressões. As coisas que, anteriormente, atraíam de maneira inexplicável e irreprimível vão-se abrindo para novos significados. Há mudança não da realidade, mas dos valores e interpretações.

Pode-se observar também o tato, o mais primitivo dos sentidos. As mãos e a sensibilidade dos dedos buscaram, desde os tempos remotos, o prazer e o sabor

com o seu toque. O tato, o mais carnal dos sentidos, pode, por graça, transformar-se no mais espiritual deles quando colocado a serviço.

O toque, considerado como o mais erótico dos sentidos, pode chegar a ser o mais gratuito e místico. Pois a antropologia bíblica coloca no tato uma multiplicidade de significados e funções. A mão pode expressar tanto o ato de ocasionar dor ou prazer, como também força, ternura, misericórdia e compaixão do próprio Deus.

Enfim, todos os sentidos são transformados ao aproximar-se da gratuidade e da graça divina. Logo, na tradição cristã, o coração é considerado como órgão da sensibilidade, sede das emoções e paixões, e sintetiza todos os sentidos. Daí se fazer referência ao coração quando se deseja falar de emoções.

Uma emoção que pode ser parceira no exercício do crescimento e amadurecimento humano ou fazer travar, paralisar, é o medo. Sabe-se que essa sensação é demasiadamente humana e fundamental para a sobrevivência. Porém, existem graus de medo. Medo em demasia pode travar a pessoa, mas, na medida adequada leva a uma pausa necessária à reflexão. Nessa reflexão, colocam-se na balança os elementos que foram bons, que são úteis e, portanto, devem ser mantidos, pois são valores essenciais. Por outro lado, veem-se aqueles secundários, que se tornaram obsoletos, que já não respondem a uma demanda atual, que terão espaço apenas na memória pela utilidade em um determinado momento. Vencido o medo, vem um novo desafio: transitar entre o bom e o ruim.

Tal desafio se dá, sobretudo, por um discurso da relatividade entre ambos. É preciso admitir, primeiramente, que existe o bom e o ruim. Por exemplo: existe comida boa e existe comida ruim. Se uma pessoa considerar todas as comidas boas, jamais chegará a saborear uma verdadeiramente boa. Como também, existe texto bom e texto ruim. Na ausência de uma reescrita de um texto que não está bom, perder-se-á a oportunidade de se apreciar um texto rico, compreensível, bem fundamentado, no qual se brinca com as palavras, é um texto bom. E não é honesto privar o leitor de tal experiência.

É positivo e necessário admitir que existem ambos: o bom e o ruim. Porém, na atualidade, prega-se que faz mal ter feito alguma coisa que não está boa. Não se quer admitir o erro. Inclusive, o politicamente correto trabalha com a mediocridade, com o médio. E isso atrofia a capacidade de vencer os próprios limites, inibe a criatividade, propiciando a acomodação, caminhos para uma vida vazia de sentido. Até a ciência anda com o erro. Sabe-se que as grandes descobertas vieram das

tentativas. Para evitar que essa sensação de vazio se transforme num enorme sentimento de tristeza e angústia, a pessoa deve ser educada desde a infância a lidar com o erro.

Com a carência de uma formação que leve a pessoa a lidar com o erro, invadem-na a tristeza e a angústia. Pois a mídia faz um bombardeio de notícias desagradáveis, há tanta injustiça e ausência de referenciais, entre outros motivos. No entanto, o ser humano é criado para buscar vida satisfatória e plena. E essa contradição atinge o seu interior, esvaziando o sentido de viver, gerando emoções.

Além da falta de uma educação das emoções para lidar de maneira saudável com o erro, o que gera forte sentimento de tristeza e angústia, há uma limitação também no que diz respeito à formação da pessoa para lidar com a frustração. Pretende-se evitar o crescimento que se dá, inclusive, por esse meio. Porém, o crescimento é necessário e natural.

Em algum momento, a pessoa precisa crescer. Do contrário, ter-se-á uma espécie de “geração geleia”, que não suporta sequer uma discussão e não enfrenta conflitos. Tornam-se intransigentes, intolerantes, impacientes e mal humoradas. Tal fato poderá desaguar no vício de falar mal dos outros, que é bem característico de pessoas que não se conhecem, que não se enxergam com veracidade e que também é um tipo de violência. Sabe-se que a agressividade está dentro da pessoa.

1.1.2 A sede de proximidade

Além de ser palco para a luta entre o bem e o mal, o coração humano anseia por proximidade. Tem sede de presença. Apresenta necessidade de companheirismo. Para tanto, cada pessoa deve prosseguir na busca consciente de relações consistentes. A esse respeito afirma Bauman:

Se você investe numa relação, o lucro esperado é, em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança – em muitos sentidos: a proximidade da mão amiga quando você mais precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo na derrota e o aplauso na vitória (BAUMAN, 2003, p.29).

É gratificante ter uma dessas necessidades satisfeitas. Isso produz no interior uma agradável sensação de liberdade. Porém, um relacionamento é um investimento, como todos os outros. Portanto, exige tempo, estratégia, risco, frustração. A pessoa não tem qualquer garantia de sucesso, porém deve saborear

todo o fascínio presente em cada passo dado. E a necessidade de relacionamento provém da essência e da consciência de ser pessoa humana. Quando se toma consciência de si mesmo, nascem duas necessidades vitais: ser ela mesma e ser para o outro. Nesse sentido, afirma Larrañaga:

Desde as profundezas de sua consciência de finitude e de indigência, surge no ser humano, explosiva e inevitável, a necessidade e o desejo de relacionamento. Se imaginássemos um ser humano literalmente só, em uma selva infinita, sua existência seria um círculo infernal que o levaria à loucura, ou essa pessoa regressaria às etapas pré humanas da escala vital (LARRAÑAGA, 2012, p.25).

No entanto, entende-se que todos os tipos de relacionamento alimentam-se de desejo. E este é como uma semente. Precisa de tempo para germinar, crescer e amadurecer. Os frutos não aparecem de maneira instantânea. É necessária a paciência no cultivo. Existe um tempo próprio. O desejo resiste à aceleração.

Em todo relacionamento, existem dificuldades. Contudo, as dificuldades se superam com o amor. O amor supera romantismo. Bauman vai falar que o eu que ama expande-se doando-se ao objeto amado, que pode significar a alteridade:

Amar diz respeito à autossobrevivência através da alteridade. E assim o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo, ou a – ciumentamente – guardar, cercar, encarcerar (BAUMAN, 2003, p. 24).

Logo, amar é colocar-se a serviço do outro, é estar à disposição da pessoa amada. Isso poderá resultar em renúncias e sacrifícios, podendo, inclusive, levá-la a assumir a responsabilidade. É entrega confiante, mesmo quando não se sabe aonde chegará essa extensão que provém do amor. Amar é abrir-se ao destino, que significa admitir a liberdade que se incorpora no outro, o companheiro no amor.

Na Espiritualidade Inaciana, acredita-se que o amor deve manifestar-se mais através de atos do que de palavras. Porque o amor consiste numa comunicação mútua entre duas pessoas. Quem ama comunica e dá o que tem à pessoa amada. Por sua vez, a pessoa amada faz o mesmo com o ente amado. Nessa reciprocidade, cada um dá o que tem.

É notório que poucas pessoas se apreciam e amam-se verdadeiramente. Algumas pessoas pensam que se amam por darem livre curso a seus diferentes tipos de gostos e desejos. E uma pessoa que não se ama não espera ser amada por outras pessoas. Ao contrário, tem a tendência de se considerar indigna de amor. Por

não acreditar no seu valor, sente-se ameaçada pelos outros. Ao perceber que os outros são apreciados, sente-se atacada. Sua visão negativa em relação a si mesma constitui enorme barreira que a impede de se aproximar das outras pessoas de maneira positiva e de amá-las. E essa falta de amor a outras pessoas se dá pelo fato de que ela não se ama suficientemente. Com isso, as suas relações são vacilantes, dado que a sua personalidade é fraca e tem pouca confiança no seu próprio valor.

Quando o nível de confiança em si de uma pessoa é baixo, ela tende a endurecer e a perder a sua autenticidade. Além disso, desenvolve um medo excessivo de ver as suas fraquezas descobertas. Assim sendo, instala-se numa atitude de defesa e torna-se desconfiada, depois agressiva.

Por não se sentirem amadas, muitas pessoas geram em si enormes tensões e provocam conflitos com as pessoas que as cercam. Experimentam profundo sentimento de solidão, embora estejam rodeadas de pessoas. A esse respeito, afirma Breemen:

Aparentemente, o que falta a muitos homens e mulheres é a consciência da “verdadeira presença” dos outros, isto é, do outro que me aceita como eu sou, que se faz presente. Procuram tão desesperadamente verificar essa “verdadeira presença”, que sufocam o pouco que podem encontrar (BREEMEN, 2007, p.95).

Ávidas de relações pessoais profundas, algumas pessoas costumam exigir excessivamente daqueles que estão ao seu lado, e quando esses revelam-se impotentes para corresponderem às suas expectativas, pouco realistas, abrem espaço para a amargura e a hostilidade. Isso tudo gera sofrimentos.

Para fugirem da sensação de desespero e de solidão, muitas pessoas fazem uso de drogas. Outras entram no ativismo, afim de que, mantendo-se ocupadas e convencidas da necessidade de seus afazeres, não têm tempo de se confrontarem com essa sua desagradável sensação. Enquanto outras desenvolvem o hábito do consumismo proporcionando substitutos com o intuito de apaziguar a sensação de frustração que continua insaciada.

Enfim, quando uma pessoa não se sente amada, todas as coisas tendem a assumir uma excessiva importância em sua vida, que podem ser os gostos e as aversões, a profissão, o trabalho, a posse, o prazer, a influência, o status, a consideração e outros inúmeros substitutivos.

Entretanto, há, em todas as pessoas, uma sede de proximidade, necessidade fundamental de sentirem-se amadas, acompanhadas. É muito prazerosa a sensação de cumplicidade, parceria, diálogo, inter-relação, troca de afeto, o sentir-se aceito tal qual a pessoa é e está.

1.1.3 A sociedade sonolenta e barulhenta

Na atual sociedade, o ativismo se tornou o modo habitual de viver. Imprime-se no ser humano a convicção de que esse deve estar sempre ocupado e com a agenda repleta. As pessoas incentivam umas às outras a manter-se em atividade. Omite-se descanso, pausa para a reflexão e tempo para a oração. Ocupação e agitação tornaram-se estilo de vida. Além disso, propiciam status. No entanto, transformam-se em fonte de cansaço e de ansiedade.

Nota-se uma geração de jovens plugados. Estão altamente conectados com o mundo exterior e, dificilmente, conseguem estabelecer metas, cumprir prazos, iniciar e concluir uma atividade e, muito menos sondar o seu interior, entrar em contato com as suas reais necessidades, com as suas carências e com o seu desejo mais profundo. Daí a dificuldade de cultivar uma espiritualidade que lhe devolva para si, que o remeta ao seu interior e, conseqüentemente, propicie o seu relacionamento pessoal com o Divino.

Em meio ao ativismo e à conectividade, é possível notar uma crescente ansiedade entre as pessoas. Para muitas é o maior dos sofrimentos. Pois deriva do pior dos males que é não saber para que se está neste mundo. Muitas vezes, a ansiedade vem de profundidades tão remotas e desconhecidas que a pessoa ansiosa não sabe “como e contra quem lutar”. E fica inerte, sentindo-se presa entre forças cruzadas, vivendo uma tensão mais profunda que a angústia. Nesse sentido, afirma Larrañaga:

A ansiedade nasce e vive entre a tristeza e o temor, entre o vazio e a violência, entre a luta e a inércia . parece-se com a apatia e o tédio da vida, e a pessoa pode ter vontade de morrer, mas não é compulsiva nem agitada. Quando a ansiedade é de caráter neurótico quer dizer que tem raízes mergulhadas nos conflitos profundos e nos problemas não resolvidos (LARRAÑAGA, 2012, p.18).

Observa-se que, normalmente, a fonte da ansiedade é a falta de sentido na vida. É preciso libertar-se do vazio da vida, ter um propósito bem definido e

encontrar sentido em alguém ou algo de que valha a pena a existência. e muito ajuda o cultivo de uma espiritualidade.

Todas as espiritualidades, no entanto, propõem meios diversos para o autoconhecimento e para o relacionamento com a divindade. Essa pluralidade proporciona a cada pessoa encontrar uma espiritualidade que melhor se torna o seu caminho. Uma das espiritualidades que se apresenta aqui é a Espiritualidade Inaciana.

A Espiritualidade Inaciana convida o ser humano a um revertério, ou seja, transformar o seu cotidiano, muitas vezes marcado pela conectividade externa em demasia e pelo ativismo, em meio a uma sociedade com cobranças em relação ao imediatismo, à eficácia e à eficiência, a se conectar mais em seu mundo interior, esse desmedido continente e ser conhecido e habitado pela fantasia, encantamento, sentimentos. Nesse sentido, eis o que afirma Cigoña:

Neste mundo globalizado e hiper moderno existe o perigo de cada um viver em seu “mundinho” e fazer das partes que conhece e domina como se fossem o todo. O subjetivismo, esse modo relativo de medir tudo a partir de si, predomina nas pessoas. Entre esse subjetivismo anarquista e o legalismo desumano encontramos um modo de proceder próprio daqueles e daquelas que experimentaram o caminho inaciano (CIGOÑA, 2010, p.87).

Essa espiritualidade ou esse caminho inaciano convida a pessoa a começar a “sentir e saborear” o que até então não se percebia ou não se valorizava. A contemplar a beleza da vida e se relacionar com o mundo exterior desde o mais positivo e com o mundo interior, desde o mais natural. Isso tudo é um exercício.

Quando Inácio fala de “sentir e saborear internamente” está anunciando o coração dos Exercícios espirituais. Essa experiência por ele sugerida não se trata de aquisição de um saber, como ato da inteligência, mas entrar no caminho da interioridade por meio dos sentidos. Para tanto, não se pode apelar à outra pessoa, pois o processo é totalmente pessoal. A esse respeito, afirma Marty:

Quando se trata de sentir e saborear, ninguém pode fazê-lo em meu lugar, cabe a cada um assumir essa experiência. Assim se passa com o caminho espiritual, porque não existe um modelo standard para a escuta do Mestre interior. É sobre sentir e saborear, com sua qualificação de interioridade, que o questionamento se desloca (MARTY, 2006, p.15).

A Espiritualidade Inaciana valoriza o ser humano, leva-o a um profundo amor pessoal a Deus e às Escrituras reveladas. E a principal forma de oração nos

Exercícios Espirituais é a contemplação evangélica, em que a pessoa não se contenta com um sobrevoos do texto. Então, Inácio propõe como exercício a “Aplicação dos sentidos”. A denominação, rapidamente dada, de “sentidos da imaginação”. Assim, afirmou Inácio de Loyola:

Depois da oração preparatória e dos três preâmbulos, é proveitoso passar os cinco sentidos da imaginação pela 1ª e 2ª contemplação do seguinte modo: ver as pessoas com o olhar da imaginação, meditando e contemplando em particular as circunstâncias em que estão, para tirar algum proveito do que vê; ouvir o que falam, ou poderiam falar, refletindo sobre si mesmo para tirar algum proveito; sentir e saborear com o olfato ou o paladar [...] Refletir em si mesmo para tirar proveito; sentir com o tato [...] sempre procurando tirar proveito (LOYOLA, 2016, p. 57-58).

Ao orientar a pessoa a refletir sobre si para tirar proveito, quer ajudá-la a exercitar-se para criar comunhão e ter gestos de solidariedade, a exemplo de Jesus Cristo. E, ainda, a desenvolver um modo contemplativo de ver, ouvir, falar e sentir, cuja realidade adquire um novo significado e sentido.

Com essa nova sensibilidade, o ser humano passa de um fazer, puro ativismo, tantas vezes focado em seus próprios interesses, necessidades e vontade, para um buscar e encontrar a vontade de Deus, na disposição de sua vida e um ajudar, com foco nas necessidades e interesses dos outros. Pois a Espiritualidade Inaciana é, ao mesmo tempo, mística e comprometida. É abertura para a liberdade. Nela só há amor verdadeiro e abertura para novos horizontes, onde existe liberdade.

Liberdade supõe possuir-se. Mas como possuir-se sem se conhecer? Eis uma questão que merece longa e profunda reflexão nos dias atuais: a sociedade hodierna ainda valoriza em demasia o parecer. É uma sociedade do expositivo e do espetáculo. As redes sociais viabilizam as duas coisas. Cresce a ânsia por expor os lugares frequentados, as atividades realizadas, as pessoas de quem se acompanham, os objetos usados, entre outros. Tudo isso sob um véu de bem-estar e de uma alegria interminável. Escondem-se os sentimentos de abandono, de solidão e de angústia que acompanham boa parte das pessoas em processo de amadurecimento.

Na sociedade atual, tende-se a exaltar o barulho e a ignorar o silêncio. As pessoas muita necessidade de expressar seus sentimentos, interesses, desejos e realizações. E o fazem por meio de palavras e ações. São inúmeros ruídos que as

iludem e distraem. E, ao mesmo tempo, levam-nas para fora de si, dificultando o exercício da escuta interior, que auxilia no autoconhecimento. Em seu livro *Pedagogia do silêncio*, Eder Vasconcelos vai dizer que esta é a arte de conduzir para o lugar da interioridade. Nesse sentido, afirma:

Ela quer ser um caminho rumo a nossa casa interior, para permanecermos na escuta atenta do mistério que perpassa a nossa existência. A pedagogia do silêncio tem como meta essencial nos educar para falar e calar, sentir e perceber. Ela não faz oposição entre palavra e silêncio. Parte do princípio de que toda palavra gestada no silêncio é capaz de transformar o mundo (VASCONCELOS, 2018, p. 12).

Nesta era do barulho, agitação e estresse, o ser humano necessita do silêncio que favorece o retorno à “casa interior”, ao aconchego de seu “verdadeiro lar”. Nessa casa, sentir-se-á uno com Deus, consigo, com o outro e com o cosmo. Na ausência do silêncio, cresce o número de pessoas vazias, superficiais e desmotivadas.

Também observa-se um grande número de pessoas tristes, que, muitas vezes, estão buscando projetar uma imagem de si que nem sempre é real. Essa pode ser a principal fonte das frustrações interiores e das colisões nas relações interpessoais.

Desencantadas diante da vida, perdem o sentido da existência e tornam-se mecânicas, pessoas que agem de maneira irrefletida. Ao mesmo tempo em que subestimam as suas emoções, os seus sonhos, a sua fantasia. Negligenciam o momento presente e estão ansiosas em relação ao futuro inseguro. Com isso, enfraquecem o relacionamento com as pessoas próximas e queridas, e permitem que o seu olhar seja ofuscado pela neblina do apelo cada vez maior à produtividade, pondo-se, muitas vezes, à qualidade e ao sentido do serviço a razão do fazer.

Cerram-se os olhos diante da necessidade alheia, do belo, do transcendente, em virtude da desesperança escondida sob a máscara da pressa; a pessoa corre sem saber para onde está indo. Ou se camufla sob o apelo à eficiência, em detrimento da qualidade de vida, que pressupõe a satisfação de colher os frutos do trabalho, estejam eles no campo da objetividade ou da subjetividade.

Colher tais frutos seria uma expressão, usada aqui, a urgência de sair da sonolência em relação ao outro e vestir a sua pele, sentir com o outro, interessar-se pelo que lhe interessa. É sair de um natural egoísmo e caminhar para um amor

oblativo, que significa amar, porque quem ama sente-se realizado pelo simples fato de amar. É o que Torralba chamará de inteligência social e cabe muito bem nesse contexto. Lê-se:

As pessoas que cultivam a inteligência social chegam a dominar a arte da empatia, sabem colocar-se na pele dos outros, captam seus sofrimentos e suas alegrias, comunicam profundamente seus estados de ânimo (TORRALBA, 2013, p.33).

Sair da sonolência seria a capacidade de altruísmo. Mas é também a abertura confiante para mostrar-se por dentro. Apresentar-se com profundidade, oferecendo-se ao outro. A sociedade atual já está farta de pessoas superficiais, de ações que servem apenas para promoções pessoais e glórias vãs, o que se pode definir de espetáculo.

É urgente o desenvolvimento da capacidade de empatia. De colocar-se no lugar do outro e participar das alegrias, dores, sofrimentos, angústias e prazeres experimentados por seus semelhantes. Observa-se, no entanto, certa indiferença nas pessoas, que tornam insípidas as relações, relaxadas as consciências e sonolentas as pessoas. Entretanto, é possível reverter esse quadro, exercitando o amor e a bondade.

Há pessoas que sonham, acreditam no ser humano, buscam o bem comum, que amam. Ainda, tem-se o sorriso das crianças, a força dos jovens, a intuição dos adultos, a sabedoria dos idosos. Existe esperança. A espiritualidade ainda é um veículo que move as consciências, que educa as emoções, que desperta os sentidos. A espiritualidade ajuda o ser humano a sonhar com a vida e viver esse sonho, pleno de sentido ou encontrando sentido.

Todavia, também se contam com aspectos não tão positivos na sociedade hodierna, porque, como se sabe, o ser humano é, naturalmente, egoísta e vaidoso. Por exemplo, muitas vezes, ao sair para passear, está dando voltas na própria intimidade e saboreando um elogio recebido, um êxito que teve ou um aplauso que lhe fizeram. Nesse sentido, fazendo uso de metáfora, afirma Larrañaga:

Seu instinto de vaidade é como uma serpente de mil cabeças: sempre está com alguma cabeça erguida pedindo uma maçã de autossatisfação. É preciso cortar-lhe a cabeça, ou seja, não conceder-lhe nenhuma satisfação, retificar a intenção e matar de fome a serpente. Mas como possui mil cabeças, virando a esquina e no momento menos pensado, levanta-se outra cabeça e a pessoa já estará outra vez saboreando aquele afago, aquelas palavras elogiosas que lhe disseram, a estima popular, alimentando o “eu”, e

quanto melhor alimentado o “eu”, maior será a sua tirania (LARRAÑAGA, 2017, p. 62-63).

Utilizando, ainda, a metáfora da serpente para falar do “eu”, pode-se afirmar que, para as pessoas que buscam evoluir, faz-se necessário cortar a cabeça e, deixando de alimentá-la, vê-la desfalecer. Ou seja, é preciso fazer o constante exercício da auto-observação do mundo das intenções e retificá-las, de modo que o único motor a impulsionar qualquer atividade seja Deus. Assim, serão apresentadas a seguir, algumas imagens da sociedade atual.

1.2 IMAGENS DA SOCIEDADE ATUAL

Sabe-se que, por instinto, os seres humanos buscam a si mesmos. Visto que, de alguma maneira, a natureza humana é egocêntrica, logo, destacam-se, neste ponto, três aspectos preocupantes da sociedade atual, que são: sociedade da aparência, a crescente falta de esperança em meio às contradições e o ser humano quer ser deus. Aqui se fará uso, entre outras biografias, do livro “Deus é jovem”, escrito por um homem que vive a espiritualidade inaciana e se tornou ícone de humanidade em todo o mundo: o Papa Francisco.

Algo muito inquietante no tempo atual é a busca excessiva do ser humano de corresponder às expectativas de outrem a seu respeito. E não é possível viver almejando ser o que não é. Isso é a maior negativa que a pessoa pode fazer. Além de despertar internamente ansiedade e angústia, advém a tristeza própria de quem não consegue revelar-se tal como é.

Além disso, é muito provável que a sua perda de esperança diante das contradições em que se depara, esteja no fato de que, muitas pessoas não saboreiam o momento presente e criam uma imagem distorcida em relação a si, ao outro e à realidade. Assim sendo, tende a acomodar-se ou tenta mudar aquilo que não lhe compete, causando-lhe uma falsa sensação de ser Deus.

Tal sensação é alimentada pela ânsia de poder. No entanto, a vontade existencial do humano, verdadeiramente, é a de sentido. É na contribuição ao outro para que descubra as suas fontes de sentido que o ser humano sente-se realizado.

1.2.1 Sociedade da aparência

Na sociedade hodierna, nota-se um crescente afastamento do ser humano de si mesmo, no que se refere ao autoconhecimento. Isso o torna menos consciente e mais disperso, vivendo, portanto, mais da aparência. É um contínuo parecer sem ser e ser sem parecer. Quando o que se deve buscar é um constante gerar-se, enquanto autoconsciência e sujeito administrador das próprias potencialidades.

Apoiado pelo mecanismo de desconhecimento, o EU consciente tende a colocar uma barreira entre o seu consciente e o seu inconsciente, bem como a formar falsas imagens de si que podem conduzir ao orgulho, autossuficiência, autocentramento e egoísmo, fechando-se em si mesmo. A pessoa desenvolve talentos, dons e qualidades apenas para se prevalecer diante das outras pessoas. E vai cultivando um EU inflado, recusando críticas e a elas reagindo de modo violento. Normalmente apresenta dificuldade para enxergar as próprias fragilidades, considera-se superior aos outros e tem atitudes de julgamento com os demais.

Percebe-se que o EU autocentrado é possessivo, podendo desenvolver inúmeras obsessões, tais como: obsessão pela riqueza, pelo poder e pelo prestígio. Normalmente, a pessoa autocentrada é desconfiada e insegura, cheia de medos e ansiedade. Muitas vezes passa a viver na solidão e pode ser muito cruel consigo e, conseqüentemente, com os outros.

Também o autocentramento leva à racionalização da vida, deixando a pessoa com enorme dificuldade de entrar em contato com os próprios sentimentos e emoções, como o amor, a compaixão, o medo, a angústia, a agressividade, as frustrações e os ressentimentos. Dificilmente a pessoa toma consciência da instabilidade de humor e da possibilidade de estar sendo movida por feridas, traumas, condicionamentos.

Com isso, o seu verdadeiro EU é sepultado. Seguindo a tendência de seu falso eu, não consegue chegar a um amor gratuito e desinteressado. Não desenvolve o sentimento de gratidão e de satisfação, que a tornará apta para saborear o bem-estar e a paz. A respeito da dificuldade para se chegar ao autoconhecimento, afirma Oliveira:

A psicologia conhece por demais essas resistências (mecanismos defensivos do EU) para o autoconhecimento. Os psicólogos, em seus consultórios clínicos, verificam diariamente que seus pacientes procuram refugiar-se na ilusão, resistindo a reconhecer as

verdadeiras causas de seus sofrimentos psíquicos. [...] A espiritualidade, desde tempos imemoriais, conhece e trabalha com essas resistências para o autoconhecimento verdadeiro de si (OLIVEIRA, 2012, p.70).

É conhecido que, para muitas pessoas, a resistência para conhecer a própria verdade é tão grande que, à medida que as terapias avançam e começam a aparecer o que realmente as move, boa parte abandona o acompanhamento. A espiritualidade, no entanto, visa a ajudar o ser humano a destruir o mecanismo de desconhecimento, as resistências e o autoengano, a fim de que chegue à liberdade.

Outra grande questão é o fato de que muitos indivíduos têm dificuldade de aceitar ser aquilo que são. Uma vez que aceitar-se é assumir-se, tomar nas mãos, administrar consciente e responsavelmente o processo de crescimento, que jamais acaba.

Não se aceitando, o ser humano tende a viver distante de si. É como estar, constantemente, fora de casa. No entanto, estar em casa produz a agradável e sadia sensação de segurança. É onde a pessoa se move com liberdade e espontaneidade. Ao contrário, estar fora de casa é sentir-se abandonado e com medo. E o medo inibe, paralisa, sufoca as qualidades e o desenvolvimento dos dons pessoais.

Sentindo-se em casa, não precisa pensar em guardar a própria vida, porque ela está em boas mãos. Logo, a pessoa vai se abrindo ao amor e o amor é a primavera do humano. Somente na experiência de amar e ser amado, tudo floresce. Amar, porém, suscita a confiança de que o outro seja ele mesmo na sua verdade original. Sobre a questão do conhecimento e do amor, afirma Conte:

No mundo moderno vale somente o conhecimento “oficial”, “científico”, “registrado”, com seu método de análise, verificação, repetição, controle e domínio. Todos os fatores subjetivos são pretensiosamente eliminados. O conhecimento equivale a adquirir poder sobre a coisa conhecida. “Conhecer é poder”. E, podendo, se domina. É por isso que o produto mais valioso atualmente é a informação. Contudo, o verdadeiro conhecimento, fruto do amor, gera comunhão, não dominação (CONTE, 2001, p.121).

Essencialmente, conhecer e dar-se a conhecer é um ato de confiança, inspirado no amor, por meio do qual, uma pessoa habita a outra, numa reciprocidade de entrega gratuita. Logo, se o conhecimento científico da modernidade conhece

para dominar, o conhecimento como fruto do amor tem seu ponto de partida na capacidade afetiva e acolhedora.

Muitas vezes, por não se conhecer e não se aceitar, o indivíduo busca corresponder às expectativas de outrem na busca de sentir-se amado. Porém, ser amado é consequência da autenticidade. Sobre isso, afirma o papa Francisco:

A vaidade sempre tem dupla face. E a autenticidade é o caminho para salvar-se porque traz a estima das pessoas, e se as pessoas o valorizam pelo que você realmente é, então verá que vai se sentir amado (FRANCISCO, 2018, p. 100-101).

Sabe-se o valor da autenticidade para sentir-se amado. No entanto, há uma crescente necessidade entre as pessoas de se mostrarem nas redes sociais. E nem sempre as postagens são autênticas no que se referem às reais emoções.

Ou seja, ninguém posta fotos chorando com um fracasso, com expressão de angústia por suas perdas ou com medo dos desafios que a vida constantemente apresenta. Ao contrário, postam apenas imagens sorrindo, fazendo viagens, comendo ou bebendo algo desejável.

Eis o perigo de parecer sem ser ou ser sem parecer. Não dá para conquistar a confiança dos semelhantes apenas com palavras de autopromoção, esperam-se testemunhos. E esses advêm com a prática da justiça, solidariedade e compaixão. É preciso sujar os pés no chão da vida para adquirir experiências que tornem a pessoa aberta ao novo, à mudança de paradigmas, sem perder os valores.

1.2.2 A crescente falta esperança em meio às contradições

Há uma enorme chance de perda da esperança nesta sociedade marcada pela corrupção, ganância e desinteresse pelas necessidades alheias. É uma crescente onda de individualismo cegando as pessoas. Como alimentar a esperança em meio à tamanha apatia de uns pelos outros? É notório o quanto, de maneira geral, cada pessoa pensa apenas em si, em suas próprias necessidades, busca o seu próprio prazer e interesse, não obstante as necessidades e alegria de seus semelhantes. Não se sentem responsáveis pelo outro nem costumam se envolver na busca do bem-estar comum.

Tudo isso porque, em geral, as pessoas não estão bem consigo. Quando uma pessoa está bem consigo mesma, relaciona-se de maneira harmoniosa com as

outras pessoas, buscam, em seu interior, respostas significativas que a ajudam a tomar decisões de maneira mais consciente, com discernimento e se empenham em promover uma sociedade mais solidária com a criação e com a vida, em todas as suas formas.

Levando em consideração que o ser humano não é um absurdo casual ou uma paixão inútil, nem um aglomerado químico, mas criatura. E, como tal, deve viver e relacionar-se adequadamente consigo, com os outros, com o mundo e com Deus. É, portanto, imprescindível considerar que todas as áreas específicas do ser foram criadas, amorosamente por Deus, é também inclinado a amar. Em relação ao amor, afirma Bauman:

Nada, exceto o vocabulário do amor e do cuidado sobrevivem à transformação. “Cuidado pelo outro”, “fazê-lo por causa do outro”, “fazer o que é melhor para o outro”. [...] A receita utilitária para a felicidade universal difere de cuidado amoroso da mesma forma que a última lista de distribuição beneficente de comida difere do partilhar uma refeição (BAUMAN, 2013, p. 148).

O amor gratuito e verdadeiro está cada vez mais escasso. Percebe-se que o termo “amor” esvaziou-se. Amar verdadeiramente incomoda, porque é o desafio mais permanente que tem o ser humano de sair de si e começar a se relacionar, adequadamente, com o diferente. Entretanto, amando, a pessoa se torna autêntica. E essa autenticidade traz consigo a capacidade de escutar e de ser escutado.

Em todas as esferas sociais observa-se, no entanto, que o discurso não condiz com a prática. Os líderes já não são escutados, porque não são autênticos. Quanta mentira, injustiça e corrupção entre os professores, pais e mães de famílias, padres, bispos e pastores, bem como nos líderes políticos, entre outros. A quem se deve escutar? Seguir, então... nem pensar!

Daí a urgente necessidade de alimentar e fomentar a esperança. Do contrário, não se encontrará sentido em viver, nem em buscar e sonhar com melhorias em hospitais e escolas, por exemplo. Para isso, deve-se educar para a valorização e o cuidado com os bens que não podem ser comprados, porque são íntimos. Sobre isso, afirma o Papa Francisco:

Aquilo que não pode ser comprado, como o amor, o carinho, a amizade, a estima, deve ser cuidadosamente cultivado, deve ser mantido com extrema atenção, e é necessário empenhar todo o coração para não deixar que acabe murchando. É necessário regá-lo com o coração (FRANCISCO, 2018, p, 84).

Eis os bens dos quais não há preocupação com roubos. Deve haver empenho de tempo e de atenção para fazer dar frutos os dons de Deus lançados como

semente no coração de cada pessoa. Tem a ver com a intimidade de cada um. Com o seu jeito de ser e de se relacionar consigo, com o outro e com o mundo. Isso não significa que o ser humano deva cair na grande tentação da sociedade atual que é a de querer ser deus.

1.2.3 O ser humano quer ser Deus

Eis uma das maiores tentações do ser humano na atualidade: querer ser Deus, fazer-se Deus. Com isso se esquece de sua dependência ao Deus verdadeiro, que o chamou à existência. Não lembra a sua codependência em relação aos seus semelhantes. Vai perdendo o sentido de comunhão e de fraternidade, criando o seu próprio trono, para reinar em detrimento do senso de responsabilidade em relação à vida do outro, ao seu bem-estar, à sua dignidade enquanto pessoa.

Aquele que se autoprojeta como Deus, aos poucos vai perdendo a sensibilidade em relação aos sentimentos e ao sofrimento das outras pessoas. Preocupa-se apenas com a própria existência e com o modo mais imediato possível de sentir prazer, de sentir as suas necessidades supridas e as suas decisões baseiam-se apenas em critérios criados por sua própria consciência, por vezes, cada vez mais relaxada. Acabado o senso de coparticipação no bem comum e da mística da cocriação, o que resta ao ser humano senão construir muros interiores e destruir tudo o que não coopera para a sua egocêntrica ilusão de que tudo pode?

Assim sendo, surge outro vilão que nasce e se nutre no interior de cada ser humano: o poder. Este, sendo usado de maneira ordenada, serve de aliado para a construção de uma sociedade igualitária. Porém, há um abuso no uso do poder, porque a pessoa faz-se temida e quer ser seguida, a todo custo, tornando-se, todavia, um verdadeiro problema para si e para o outro. Nesse aspecto, o Papa Francisco faz a seguinte afirmação:

É comum se acreditar que toda conquista de poder é progresso; o fato é que o homem moderno não foi educado para o uso correto do poder, porque, para todos os efeitos, o imenso crescimento tecnológico não se desenvolveu na mesma medida da responsabilidade, dos valores e da consciência (FRANCISCO, 2018, p. 90).

Não tendo sido o homem educado para o uso ordenado e correto do poder, nota-se o risco em relação à gestão do poder. Sobretudo se ele estiver nas mãos de alguns e, especialmente, na mão de pessoas que podem decidir autonomamente o que fazer com esse poder. O caminho, portanto, para a administração madura do poder é a humildade, sem a qual o ser humano entra nos três maiores perigos da atualidade: orgulho, ganância e vaidade, o que poderá provocar o vazio existencial.

Outra maneira de se evitar o uso abusivo do poder está na experiência religiosa autêntica, que pode ser descrita como um sentimento de harmonia íntima, pela qual o ser humano tem consciência de participar e colaborar com uma potência maior em obras de amor, de concórdia e de paz. A esse respeito, afirma enfaticamente Piazza:

O fato é que a experiência religiosa autêntica só se dá com pessoas normalmente dotadas de sensibilidade para as coisas do espírito e para o discernimento racional. Não é preciso que alguém seja um gênio, mas é preciso que não seja um débil mental ou um obtuso espiritual (PIAZZA, 1983, p.96).

A experiência religiosa, para ser autêntica, requer uma espiritualidade elevada. Precisa ser estritamente individual, positiva e enaltecadora da realidade humana. E não polariza o mundo visível e contingente (profano) e o mundo invisível e absoluto (sagrado), o que denota maturidade. Essa maturidade também o leva a compreender que existe uma finalidade para a sua existência. O que está em destaque, particularmente na Espiritualidade Inaciana.

No texto do Princípio e Fundamento, o primeiro elemento que se destaca é que o ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor. O ser humano é criado para um fim. Com essa afirmação acerca da criaturidade da pessoa humana assume-se uma abertura constitutiva que a transcende e sem a qual não pode compreender-se. A esse respeito, comenta Mori:

Ele é criado por Deus e para Deus. Para Inácio, esta direcionalidade não é alienação ou renúncia de algo fundamental do humano, mas a condição mesma do “salvar sua alma, ou seja, o humano se realiza somente nesse “para” Deus. O louvor, o serviço e a reverência não são dois fins, mas um único (MORI, 2012, p.8).

Observa-se que, para Mori, o ser humano, enquanto criatura que o caracteriza genuinamente não é algo neutro, mas o seu ser é relacional, voltado para Deus e para os seus semelhantes. Logo, a perspectiva global do Princípio e

Fundamento é otimista e abre seu caminho frente a outras antropologias pessimistas, visto que a realidade humana pode ser paradoxal, mas nunca um vazio.

Sendo assim, não faz sentido o ser humano buscar ser Deus, uma vez que tudo se define a partir do encontro entre Criador e a criatura e produz uma trama relacional entre Deus e o ser humano, que age no mundo, pois Deus habita sua criação e a criação conduz ao Criador. Deus convida o ser humano a escutá-lo.

E para escutar a “serena voz” de Deus, é preciso silenciar os lábios, a mente e o coração. No silêncio interior, é possível escutar Aquele que fala no mais profundo da intimidade do ser humano. Nesse sentido, afirma Vasconcelos:

A imagem do coração é uma imagem para falar da inteireza e do núcleo dos afetos humanos. É no coração que Deus quer falar e inscrever a lei do amor. [...] Deus conhece o segredo e o mistério do silêncio. Ele mora na casa do silêncio. [...] Esta casa do silêncio é o nosso coração aberto e receptivo para acolher com gratidão a sua voz nos chamando pelo próprio nome (VASCONCELOS, 2018, p. 15-16).

Além disso, o silêncio oportuniza o autoconhecimento, a criatividade e a vida espiritual autêntica. É necessário ao ser humano entrar no mais profundo de si para ver e rever as facetas do seu núcleo pessoal. Isso favorece sentir-se inteiro e, portanto, mais próximo de seu Criador.

1.3 UMA SOCIEDADE PLURAL

Distanciando da consciência de sua finalidade e de sua relação com o seu Criador, o ser humano corre sério risco de cair no vazio existencial. E pensando-se na questão do vazio existencial, observa-se que há um crescente número de pessoas vivenciando tal situação, o que possibilita uma vivência com ritmo muito acelerado ou estagnada, sem abertura à mudança, fruto de novas aprendizagens e olhar renovado em relação a si, ao outro e ao mundo.

Com a sensação profunda de vazio, a pessoa tende a apegar-se e/ ou buscar em coisas, pessoas, titulações, viagens, entre outros, sentido para a própria existência. Na falta de legítimas fontes de sentido, alimenta-se a cultura do descartável, que, muitas vezes, relativiza-se o que não é relativo e banaliza-se o que não é banal. Isso inclui a Transcendência. Algumas pessoas que se dizem muito

religiosas, não cultivam uma espiritualidade profunda que as ajude a se conhecerem, a conectar-se com o Divino e a assumir uma postura ética, solidária e comprometida com o seu semelhante.

Nesse ponto, tratar-se-á de alguns pontos da sociedade atual, diante dos quais não se pode fechar os olhos: questões sobre o vazio existencial, a cultura do descartável e a busca da religiosidade como instrumento de cura. Aqui se pautará nos seguintes autores: Francisco Galvão, Leomar Brustolin, Thiago de Aquino e Viktor Frankl.

1.3.1 Questões sobre o vazio existencial

Para Frankl, vontade de sentido é o contínuo interesse do homem pelo significado de sua vida. O ser humano busca um sentido para a sua existência, porque a vontade de sentido é a sua necessidade primordial e o motiva a buscar nas situações e possibilidades latentes que podem ser captadas e vivenciadas como um dever a ser cumprido. Nesse sentido, comentando sobre o pensamento de Viktor Frankl, Aquino afirma:

A vontade de sentido consiste em uma força unificadora e integradora da existência humana, cuja ausência ou frustração gera o vazio existencial que resulta em desorientação e apatia. A vontade de sentido consiste no “para que” da existência no cotidiano ou em situação extraordinária (AQUINO, 2010, p.27).

Sendo a vontade de sentido entendida como um princípio de coerência que ordena a transcendência horizontal do ser humano, permitindo descobrir a coerência interna de sua existência e a falta dessa motivação, da vontade de sentido, fomentam o vazio existencial. Se o ser humano reprime ou ignora o desejo de significado, sente-se vazio, experimenta o vazio existencial, que se manifesta em um estado de tédio.

Na sociedade atual, o vazio existencial é manifestado pelo tédio e pela sensação de vida sem sentido. E essa sensação pode estar escondida por trás do uso de drogas, da agressividade, da depressão e do suicídio.

Compreende-se que a insatisfação com a própria existência pode desencadear o vazio existencial. Na atualidade, milhares de pessoas sofrem desse mal. Muitas buscam preencher o seu interior com posses, títulos e outros que, na maioria dos casos, só aumentam essa sensação. Viktor Frankl estudou tal estado

vital e o descreveu como frustração existencial, que aparece como um sentimento de falta de sentido da própria existência. Ele considera que o ritmo acelerado com que as pessoas vivem é uma das maneiras de tentar fugir dessa sensação de vazio existencial. Desse modo, ele comenta:

Devemos salientar que existe igualmente o horror vacui – o medo do vazio – que acontece não apenas no domínio físico, mas também no domínio psicológico. Na tentativa de dominar o vazio existencial com o barulho dos motores e a embriaguez da velocidade, observo o dinâmico psíquico vis a tergo do rápido e crescente aumento da motorização. Considero o ritmo acelerado da vida de hoje como uma vã tentativa de automedicação da frustração existencial (FRANKL, 2015, p.71).

Tanto o medo da solidão quanto o medo do vazio fazem com que o ser humano busque acelerar o ritmo e acrescentar atividades e compromissos ao seu cotidiano. Como se só valesse estar ocupado. Faz-se tudo no automático e fica-se, cada vez mais, distante de si. Aumenta o barulho e cresce a velocidade em relação a tudo o que se vive, em todas as dimensões como automedicação da frustração existencial. Porém, o efeito tende a ser contrário. Não se encontrando a pessoa no momento presente, ela está sempre ausente de sua vida e cava, com isso, a sua própria solidão, o seu próprio vazio. E não consegue responder à pergunta que a vida lhe traz sobre o sentido de tudo o que faz, daquilo que vive, que busca, que sonha. Se é que sobra tempo para o sonho, para a utopia, para a fantasia, que gera a criatividade e dinamiza a existência.

O ser humano de hoje, mais do que em outras épocas, precisa aprender a viver o momento presente e educar os sentidos e a percepção, cuidando das sensações, da atenção e da emoção. Caso não se preste a atenção a esse respeito, tende a pessoa a cair na sensação de vazio, de falta de sentido. Sobre esse assunto, afirma Viktor Frankl:

A etiologia do vácuo existencial me parece ser consequência dos seguintes fatos. [...] nenhum instinto ou pulsão diz ao homem o que ele deve fazer. [...] nem convenções, nem tradições sequer valores orientam o homem de hoje sobre o que ele deveria fazer; ora, atualmente, muitas vezes, ele mal sabe o que deseja fazer (FRANKL, 2016, p.105).

Não sabendo o que quer, o que deve e o que deseja fazer, tende o ser humano a fazer o que os outros fazem ou o que querem que ele faça. E isso lhe

furta a liberdade, expressão ou condição muito peculiar. Sem ela, poderia se questionar-se o que lhe sobra de ser humano.

Para tanto, faz-se necessária uma justa autoescuta, cujo caminho é o silêncio. Por meio da escuta de si, a pessoa poderá chegar às respostas de suas grandes questões existenciais. No entanto, muitas pessoas estão dispersas e distraídas diante da infinitude de objetos criados com a intenção de despertar a falsa ideia de necessidade e, em seguida, de sua substituição. Daí surge a cultura do descartável.

1.3.2 A cultura do descartável

Observa-se que a durabilidade dos objetos fabricados hoje é bem menor se comparada àqueles de poucas décadas passadas. O que estimula o consumo em demasia, a necessidade de uma substituição com maior frequência, que desemboca em certa insegurança. Observa-se que, infelizmente, essa relação do ser humano com os objetos está sendo estendida para os relacionamentos de um modo geral.

O ser humano está sendo tratado com certo descaso. Percebe-se, em algumas situações, que se busca o outro para satisfazer uma necessidade momentânea e o descarta quando tal necessidade é suprida. E, ainda, não se costuma permanecer por muito tempo ao lado de uma pessoa que o questiona, aponta alguma fragilidade ou pensa diferente.

O momento presente convida, constantemente, ao relativismo. Passa-se do polo da rigidez para o da fluidez e não se consegue chegar ao equilíbrio. Relativiza-se tudo, inclusive as relações. E o semelhante não existe para suprir as necessidades alheias. É na convivência com o outro que o ser humano se constitui enquanto pessoa. O diferente favorece o autoconhecimento.

O momento atual é o da era da conectividade. O ser humano conectado tende a fugir de tudo o que exige constância, bem como contenta-se com relações líquidas e sexo sem envolvimento. E, ainda, tende a ser dividido e dificilmente está no momento presente. Sem inteireza, no entanto, nada do que se vive tem sentido. Isso também vale para o aspecto espiritual. A esse respeito, afirma Francisco Galvão:

Somos inteiros naquilo que amamos, realizamos e sonhamos? [...] Na vida espiritual, para aprender a ser é preciso aprender a estar. Estar inteiro: mente, vontade e coração. Deus não se dá inteiramente a quem não se entrega por inteiro (GALVÃO, 2018, p.85).

Normalmente há uma enorme dificuldade para viver o presente porque não é simples aprender a lidar com o cotidiano, tantas vezes apresentando situações que faz o ser humano encontrar-se com a sua fragilidade, ansiedade e insegurança, que causa desconforto. Com isso, ele tende a transportar-se para o passado ou o futuro na ilusão, disfarçada de esperança, de estar em lugares de alegria e prazer, visto que existe uma constante busca de experienciar novas sensações.

Atualmente, o ser humano está mais suscetível às distrações da vida. É fácil sair do foco e não extrair nada de consistente no que se faz. Há encantamento crescente pela superfície das coisas e não se encontra profundidade em nenhuma delas, na maioria dos casos. No que diz respeito à superficialidade nas relações e inconstância nas escolhas, afirma Francisco Galvão:

Estamos, mas sem estar completamente. Amamos, mas sem profundidade. Abraçamos, mas sem saborear a presença do outro. Estamos na festa e também fora dela. Estamos na aula, mas não captamos o que o professor está dizendo. Estamos na companhia dos que amamos, mas nossa mente está longe do seu coração (GALVÃO, 2018, p. 87).

Sempre inquietas e angustiadas, as pessoas não só estão perdendo a capacidade de saborear a presença do outro, como também de mergulhar no Mistério, de contemplar a natureza e de estar presente à vida. A cultura da pressa adia o aprendizado de estar inteiro dentro e fora de si. Cada pessoa deve buscar ser inteira em tudo o que ama na vida. É, justamente, a não inteireza que torna as relações frágeis. Nesse sentido, afirma Francisco Galvão:

Infelizmente, estamos perdendo a capacidade de viver pausadamente, de saborear as surpresas de cada amanhecer, de cada momento da vida. Estamos perdendo o dom da contemplação e a capacidade de poetizar a crueza da existência. E, na tentativa de estar em “todos” os lugares ao mesmo tempo, divagamos entre um pensamento e outro, entre um sonho e outro e, no fim, não estivemos inteiros em lugar nenhum (GALVÃO, 2018, p.86).

Nessa era da conectividade, o ser humano deve habituar-se a estar inteiro onde escolhe estar, e presente à pessoa com quem escolheu ficar, evitando fragmentações. Aquele que sempre está incompleto dificilmente desenvolverá uma espiritualidade encarnada, que o transforme, que lhe proporcione uma experiência pessoal com o Deus da vida. Em algum momento, olhando para trás, perceberá que não esteve em lugar algum. Isso é desolador e provoca um sabor amargo de vida sem sentido.

No entanto, o mundo, a história e o ser humano são chamados a uma orientação teocêntrica. No entanto, essa orientação, normalmente, não acontece de maneira pacífica. Ao contrário, o ser humano tende a entrar em crise por uma inadequada relação com as coisas. Nessa perspectiva, o Princípio e Fundamento, com as expressões: “as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o ser humano, para ajudá-lo a chegar ao fim para o qual é criado” e “há de usar tanto quanto” e o “desfazer-se tanto quanto”, mostram que existem coisas que ajudam o ser humano a potencializar a sua relação com Deus e outras que impedem, impossibilitando-a.

Sendo o ser humano constitutivamente referencialidade teocêntrica, tudo adquire uma valoração que não é determinada de modo definitivo. Entre o “há de usar tanto quanto” e o “desfazer-se tanto quanto” abre-se um espaço que implica o exercício da liberdade diante de tudo o que é criado, seja naquilo que toca a existência em sua finitude, vida longa/ vida breve, saúde/ enfermidade, seja em seu natural desejo de posse: riqueza/ pobreza, seja no instigante desejo infinito intramundano: honra/ desonra chega a ordenar os afetos em relação a tudo o que é criado. O ser humano vai afastando de si os sentimentos de tristeza, ansiedade e angústia, tão crescentes na atual sociedade. E a religiosidade não deve ser buscada como instrumento de cura, mas como caminho para desenvolver uma espiritualidade que favorece a integração do ser humano.

1.3.3 A busca da religiosidade como instrumento de cura

Sob o olhar da espiritualidade, percebe-se que a vida é um bem fundamental em relação aos valores humanos, pois é mais que um valor. Isso porque a vida tem um valor absoluto em qualquer circunstância, por ser propriedade de Deus e o ser humano é o seu administrador. A esse respeito afirma Leomar Brustolin:

A vida é mistério que transcende a investigação científica. A experiência humana é marcada pelo encontro com o Absoluto e pautada por perguntas e necessidades, sonhos e esperanças, tristezas e angústias. Ante as inquietações profundas, a humanidade conheceu o fascinante mundo do sagrado e da experiência do Transcendente, ao qual foram dados muitos nomes, mas ante o qual a inteligência emudece, sem entender a magnitude da “presença” que acompanha a criatura durante o viver (BRUSTOLIN, 2007, p.22).

Assim sendo, nenhuma pessoa confere a vida a si mesma. No entanto, o dom do Criador supõe a tarefa humana de garantir a qualidade de vida a si e aos seus semelhantes. É possível afirmar, portanto, que o ser humano é protagonista de um dom recebido, pois Deus delega a administração da vida à determinação humana, sem que isso fira a sua autonomia. Logo, pode-se interferir na vida sem agredir o seu Autor.

De um modo geral, na sociedade hodierna, o ser humano não está sendo educado para a frustração, a perda e a espera. Busca o automático. É uma pressa assustadora. As pessoas têm dificuldade para ceder, escutar e refletir. Não se valorizam as sensações nem se aguçam os sentidos. Nesse aspecto, nota-se uma desumanização do ser humano.

Faz-se necessário levar-se em conta que o ser humano não é apenas ser físico-biológico, mas tem sentimentos, vive em um meio social e natural, possui uma constituição ontológica e uma abertura à realidade transcendente. Tudo isso mostra não apenas a sua complexidade, mas, sobretudo, a sua beleza

Sentindo-se angustiado e sem rumo, muitas pessoas buscam a religiosidade como meio para encontrar alento e consolo. A tristeza, muitas vezes, é vista como enfermidade, e busca-se cura. A ansiedade cerra os olhos de muitas pessoas. Na cegueira existencial, não se tem critério e muito menos discernimento. Busca-se “a melhor oferta”. A religião e a religiosidade que melhor atendam à demanda pessoal do momento e no menor espaço de tempo possível.

Com isso, já não se veem pessoas religiosas ou com espiritualidade, em sua maioria, mas pessoas que correm para “adquirir algo” que a alivie de suas tensões, que seja instrumento imediata. No entanto, há uma interpelação interior que convida o indivíduo a uma experiência pessoal com o Divino, deslocando a busca pela necessidade para uma busca segundo o desejo. Compreendendo-se, diminui a angústia do ser humano. Produz-se também grande gozo em seu interior, uma experiência religiosa pessoal impossível de ser descrita, porém quem faz essa experiência percebe-a como uma espécie de divisor de águas, passando a se ver como uma pessoa “antes e depois” de tal experiência.

Em muitas situações, a pessoa busca a religiosidade movida apenas pela emoção, quando o objetivo deveria ser uma conversão, movida por uma forte motivação interior, que não se trata apenas de movimentar ideias e conceitos. Se a afetividade não estiver envolvida, a conversão será precária e de duração efêmera.

Assim sendo, a pessoa deve buscar desenvolver uma espiritualidade, que supõe silêncio e solidão diante de si e de Deus, a fim de mobilizar os afetos, a reflexão e a imaginação, que conduzem a colóquios íntimos com o Senhor. Tudo isso poderá propiciar um estado emocional intenso, de modo a envolver a corporeidade, conduzindo todo o ser à união com o Transcendente. Nessa união, a pessoa vai assumindo uma nova postura diante da vida e abrindo-se à alteridade, aprendendo a sair de si para os outros, para a realidade e para Deus.

Do ponto de vista do sentir inaciano, a pessoa passa de uma religiosidade meramente emocional, pautada no sentimentalismo, para um profundo experienciar Deus. Longe de encerrar o sujeito em uma experiência narcisista de comoção, abre-o à vinculação com outros, no seguimento a Jesus Cristo, de maneira responsável, amadurecida e altruísta. Assim sendo, nota-se que a vida espiritual adquire fortaleza dentro da alteridade. É impossível desenvolver uma espiritualidade autêntica sem enxergar o semelhante. Nesse sentido, afirmou Viktor Frankl:

O verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado [...] Quanto mais a pessoa esquecer-se de si mesma – dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa – mais humana será e mais se realizará (FRANKL, 2015, p.64).

É fato que esquecendo-se para dedicar-se a uma causa ou a alguém que lhe é importante, o ser humano se sente realizado e a sua vida vai se tornando mais plena. Logo, o sentido se descobre no mundo, na inter-relação, na coparticipação, no senso de responsabilidade social.

Enfim, tendo apresentado algumas características da sociedade atual, com ênfase na crise de sentido e na necessidade de referenciais diante do vazio de paradigmas e a diminuição de solidez nos valores morais e éticos. Observar-se-á a seguir a crise de sentido dessa mesma subjetividade moderna à luz do conceito de Logoterapia e Análise existencial de Viktor Frankl, que afirma ter o ser humano vontade de sentido.

2. ANÁLISE DA CRISE DE SENTIDO DA SUBJETIVIDADE MODERNA À LUZ DO CONCEITO DE LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR FRANKL

No capítulo 1 foram apresentadas algumas características da sociedade atual cujo ponto de partida consistia na observação da crise de sentido do ser humano. Já neste capítulo 2, considerando que Viktor Frankl afirma ter o ser humano vontade de sentido, será apresentada uma análise da crise de sentido dessa mesma subjetividade moderna à luz do conceito de Logoterapia e Análise Existencial por ele deixada.

De maneira simples e breve, será apresentada a concepção de Viktor Frankl acerca da vontade de sentido e algumas outras ideias e expressões que lhes são próprias. Dessa forma, fica mais fácil contemplar o cenário em que a pessoa atua e a angústia vivida por aqueles que têm os seus afetos desordenados e nada investem no sentido de reverter o quadro. Nos pontos que se seguem, serão apresentadas a busca de sentido pelo ser humano, que se desdobra na vontade de sentido segundo Viktor Frankl, a espiritualidade inconsciente e a espiritualidade como produto da inteligência espiritual.

As definições da Logoterapia e Análise Existencial descortinam-se questões sobre a Logoterapia e Análise Existencial, a Autotranscendência e o Autodistanciamento. E, ainda, questões sobre a felicidade, sobre a vontade e sobre a vontade de sentido. Buscar-se-á fundamento nos seguintes autores: Adroaldo Palaoro, Francesc Torralba, Francisco Galvão, François-Xavier N. Van Thuan, Luis González-Quevedo, Pedro Finkler, Roger Haight, Thiago de Aquino e Viktor Frankl.

2.1 A BUSCA DO SER HUMANO POR SENTIDO

Tendo em vista que, na sociedade atual, o ser humano experiencia uma crise de sentido, marcada pelo consumo e busca respostas ao seu anseio mais profundo, aos poucos percebe que não são coisas, tarefas, pessoas, títulos, papéis, ideias que darão sentido à vida, mas que existe algo muito maior que o impulsiona a viver, a sonhar e a gastar o seu tempo, a vivenciar suas emoções, a despender energias e esforços de sua razão.

Aqui será aprofundada a ideia de que a pessoa que tem um *para quê* e *para quem* viver encontra motivo profundo para viver. E esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido apenas por essa determinada pessoa. Foi a partir dessa observação que Viktor Frankl partiu para desenvolver a linha da psicologia denominada Logoterapia e Análise Existencial, que afirma ter o ser humano vontade de sentido. Esse é o seu fundamento e ponto de partida.

À medida que esse ser humano sai de si, de seu universo limitado, e vai ao encontro do outro, a fim de ajudá-lo, vai encontrando sentido para a sua própria existência. Parece que sente sabor aquele que vive com naturalidade a experiência da entrada em si para se conhecer e da saída de si para ajudar. A seguir serão apresentados alguns pontos para tratar sobre a vontade de sentido segundo Viktor Frankl.

2.1.1 A vontade de sentido segundo Viktor Frankl

Nessa perspectiva sobre a busca de sentido, segundo Viktor Frankl, cada indivíduo faz o seu itinerário, motivado por algo tão subjetivo, por ser uma motivação primária do ser humano e precisa ser encontrado. Sobre isso escreveu Viktor Frankl:

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido (FRANKL, 2008, p.124-125).

Compreende-se que a inter-relação constitui o ser humano e pode ser fonte de sentido. Por isso, é muito natural que as pessoas estejam sempre em busca de encontro. É na relação com seu semelhante que ele se realiza enquanto pessoa, cresce, torna-se, verdadeiramente, humano. Não é criado para viver sozinho. Na convivência, desenvolve suas potencialidades e vive uma profunda e bela experiência de ser significativo para o outro. Sua sensibilidade se amplia, seu modo de enxergar a vida vai-se aprimorando, sua criatividade entra em ação, sua vida ganha novo tom.

No campo de concentração, Viktor Frankl deteve-se na observação acerca da vontade de sentido que cada pessoa tem e que o mesmo ser humano é capaz de

viver e até de morrer por seus ideais e valores que podem ser resumidos nas seguintes palavras:

A busca de sentido certamente pode causar certa tensão interior em vez de equilíbrio interior. Entretanto, justamente essa tensão é um pré-requisito indispensável para a saúde mental. Nos campos de concentração nazista poder-se-ia ter testemunhado que aqueles que sabiam que havia uma tarefa esperando por eles tinham as maiores chances de sobreviver. (FRANKL,2008, p.129).

Não são coisas fúteis que o ser humano busca para dar sentido à própria vida ou para ajudar o outro a encontrar sentido, mas algo que merece atenção, dedicação... que o move... e que não o isenta de tensão. Não são também coisas que já carregam significado e respostas prontas, mas algo que vai muito além, fazendo-se necessária uma sensibilidade refinada e uma grande determinação.

Nesse aspecto, em que trata do ser humano não anda em busca da ausência de conflitos que causam tensões para perceber-se vivo, mas que a procura e a luta por um objetivo, uma causa e uma tarefa, também o movem, afirmou Viktor Frankl:

O que o ser humano precisa não é de um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O que ele necessita não é uma descarga de tensão a qualquer custo, mas antes o desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento. O ser humano precisa não de homeostase, mas daquilo que chamo de "noodinâmica", isto é, da dinâmica existencial num campo polarizado de tensão, onde um polo está representado por um sentido a ser realizado e o outro polo, pela pessoa que deve realizá-lo (FRANKL,2008, p.130).

Pois ninguém pode realizar a missão que outra tem na vida, nem deve tentar evitar impactos que o ajudam a crescer, a amadurecer. Assim, a fé vai também se fortalecendo e saindo da superfície, levando-o a confiar que é graças ao amor de Deus que se passa a existir. Pois os que acreditam em Deus, consideram que o mundo, e igualmente o ser humano, foram criados por Ele. Aconteceu uma espécie de explosão de amor que o trouxe à vida. Deus o amou primeiro e, por isso, o materializou. Assim sendo, cada pessoa vai aprendendo a amar a Deus também. Porém, o amor a Deus não a impede de amar o mundo, com toda a sua beleza.

2.1.2 A espiritualidade inconsciente

O amor a Deus é fruto de uma espiritualidade desenvolvida no interior do ser humano, que se expressa em gestos concretos de confiança e abandono à sua vontade. Neste ponto, portanto, serão abordados alguns elementos que apontam ter o ser humano uma espiritualidade inconsciente, ou seja, uma busca inconsciente pelo Divino.

É no interior do ser humano que Deus se revela. Algumas pessoas, fiéis a uma misteriosa inspiração interna, recebida de uma ainda mais misteriosa, fonte de luz e de insuflação situadas acima das leis da natureza, baseiam-se no que sentem, cuja racionalidade é orientada pela emotividade, porque possuem uma espiritualidade inconsciente. Com isso, confiam mais na luz da sua espiritualidade inconsciente do que em suas ponderações intelectuais. Sobre as pessoas que desenvolvem a espiritualidade, no sentido de viverem segundo um espírito, afirma Pedro Finkler:

As pessoas que desenvolveram uma verdadeira e profunda espiritualidade tem mais perspicácia para captar com maior exatidão os aspectos sutis da realidade tanto material quanto espiritual. Tem maior capacidade de discernimento em seus processos decisórios (FINKLER, 1993, p.61).

Assim sendo, observa-se que as pessoas que desenvolvem e cultivam uma espiritualidade vivem em estado de discernimento, que as torna aptas para fazerem boas e sábias escolhas, sendo o inconsciente um excelente mecanismo de adaptação. Portanto, a espiritualidade inconsciente colhe como fruto uma espécie de sabedoria do coração, algo maior que a inteligência. Isso porque as experiências emocionais são vivenciadas de forma mais lenta e duradoura do que aquelas puramente intelectuais. E interferem de modo mais profundo na maneira de ser e de se expressar do ser humano. Na intenção de explicar melhor o que poderá ser designado como inconsciente espiritual, em oposição ao inconsciente intuitivo, afirma Frankl:

[...] Aquilo que chamamos de consciência se estende até uma profundidade inconsciente, isto é, tem suas origens num fundo inconsciente: justamente as grandes e autênticas (existencialmente autênticas) decisões na existência humana ocorrem sempre de maneira irrefletida e, portanto, inconsciente (FRANKL, 2015a, p. 29).

Com isso, observa-se que até a consciência é irracional porque, normalmente

a pessoa age e só toma consciência posteriormente. A auto-observação fornece elementos que favorecem a tomada de consciência e a autocrítica, devendo ser, entretanto, exercício cotidiano das pessoas que buscam o crescimento e, portanto, desenvolvem uma espiritualidade. Nessa perspectiva, Roger Haight afirma que todas as pessoas têm uma espiritualidade, estejam elas conscientes ou não. Eis a sua concepção:

Todo mundo tem uma espiritualidade, mesmo quando não se está consciente dela, desde que se tenha algum caráter e identidade relativamente consistentes. [...] A espiritualidade descreve a identidade individual de uma pessoa. Esta noção de espiritualidade repousa no truísmo de que nós somos o que fazemos, de forma que o caráter geral ou padrão de nossos comportamentos, sua lógica, constitui realmente a espiritualidade que, por sua vez, define quem somos (HAIGHT, 2015, p.145).

Compreende-se que a pessoa molda a existência do eu por meio da ação. Assim sendo, a espiritualidade está incorporada na ação humana. Logo, a espiritualidade contempla e envolve todo o ser, pois a existência, especificamente humana, consiste em ação intencional e voluntária.

2.1.3 A espiritualidade como produto da inteligência espiritual

Neste ponto, tratar-se-á da inteligência espiritual enquanto elemento que faculta ao ser humano a capacidade de viver para além de seus instintos e a despertar o espiritual enquanto aquilo que é livre em seu interior. Ao se afirmar, no entanto, que o ser humano é capaz de vida espiritual em virtude de sua inteligência espiritual reafirma-se que ele tem capacidade para uma experiência com o Transcendente sem afastar-se da realidade, da corporeidade, do mundo. Mas antes auxilia o ser humano a viver com mais intensidade e a mergulhar em seus níveis mais profundos.

Compreende-se a vida espiritual como uma emergência humana e o aspecto mais nobre do ser humano. Para desenvolver a espiritualidade, faz-se necessário, entretanto, o autoconhecimento, a fim de favorecer abertura, movimento e dinamismo rumo ao Divino. Para desenvolvê-la é imprescindível fomentar a sede de plenitude, pois o ser humano é ser finito aberto ao infinito, ser efêmero aberto à eternidade, ser relativo aberto ao Absoluto. Nesse sentido, afirma Benne:

Saber que Deus espera ansioso minha percepção da presença divina é de grande ajuda para minha atenção espiritual. Aguardo Aquele que já me aguarda. Procuo me dedicar àquele que já se dedica a mim com constância (BENNER, 2014, p.67).

A inteligência espiritual permite ao ser humano considerar o fim da própria existência. As pessoas espiritualmente inteligentes tendem a dar mais atenção às suas motivações e têm maior facilidade para a tomada de decisões. E, ainda, relacionam-se mais profundamente com os seus semelhantes e desenvolvem sensibilidade mais aguçada para atitudes solidárias e altruístas.

No contexto atual em que se vive a compressão do tempo, em que se cultua a rapidez e o imediatismo, há uma imensa dificuldade de se cultivar e exercitar a reflexão, há um chamado interno ao cultivo da inteligência espiritual, de modo que a pessoa aprenda a viver e não somente viver. Nessa perspectiva, afirma Francesc Torralba:

As pessoas que têm sua inteligência espiritual atrofiada pensam apenas em passar o tempo, mas aquelas que a cultivam, tenham ou não talento, sejam ou não hábeis, pensam em aproveitá-lo. Um ser espiritualmente limitado necessita de motivos externos para preencher de conteúdo sua vida, espera que a ordem venha de fora de seu ser. É um ser heterônomo, dependente (TORRALBA, 2013, p.250).

É urgente o cultivo da consciência em relação ao que se está buscando e qual o sentido daquilo que se busca, dos sonhos, a fim de manter o foco. Para tanto, não se pode esperar respostas externas. Elas se encontram no interior de cada ser humano e só ele poderá abstrai-la e desenvolver a própria autonomia, independência e codependência.

2.2 DEFINIÇÕES DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Neste ponto, dar-se-á maior relevância ao conceito de Logoterapia e Análise Existencial, trazendo algumas questões sobre autotranscendência e autodistanciamento, que são bem pertinentes quando se trata do sentido da vida sob a ótica de Viktor Frankl.

Para Viktor Frankl a vontade do ser humano não é, essencialmente, de prazer(Freud), nem de poder (Adler), mas de sentido. Ele necessita ter um *para que*

ou *para quem* viver, que o mova, mobilize-o, desperte o seu melhor, torne causa para lutar, sonhar, criar.

Sabe-se que o ser humano não é responsável pelas contingências da vida, mas com o que fazem com aquilo que lhe ocorre, de modo a optar sempre por viver e, com sentido. Para tanto, em muitos momentos, faz-se necessário distanciar-se, um pouco de si e das situações para discernir como deve atuar, tomando, cada vez mais, consciência de assumir a responsabilidade em relação a si mesmo.

2.2.1 Questões sobre a Logoterapia e Análise Existencial

Observa-se que, especificada como psicanálise, a psicoterapia empenha-se por chegar a consciencialização da alma. Ao contrário, a Logoterapia busca a conscientização do espiritual. Assim, na sua especificação enquanto Análise Existencial, a Logoterapia ocupa-se em trazer o ser humano à consciência do seu ser responsável, enquanto fundamento da existência humana. Ou seja, responsabilidade diante de um sentido. A esse respeito, afirma Frankl:

O problema do sentido da vida, quer se apresente, quer não expressamente, cumpre defini-lo como um problema caracteristicamente humano. Por conseguinte, o pôr-se em questão o sentido da vida não pode ser, nunca, de per si, expressão do que porventura o homem tenha de doentio; é antes e sem mais, para falarmos com propriedade, expressão do ser humano – expressão precisamente do que de mais humano há no homem (FRANKL, 2010, p.55-56).

A Logoterapia ensina que o ser humano está perpassado de uma vontade de sentido, que é a sua luta por uma existência preenchida de sentido. Ela entra na dimensão humana e, dessa maneira, fica apta a acrescentar ao seu instrumental os fenômenos humanos específicos que surgem nessa dimensão. Trata-se de duas características antropológicas fundamentais da existência humana: sua “autotranscendência” e a capacidade de autodistanciamento, que especifica a existência humana como tal, como humana.

Nota-se que, atualmente, o ser humano não tem apenas frustração sexual, como também frustração existencial. Sofre menos de um sentimento de inferioridade e mais de um sentimento de falta de sentido. Tal sentimento é associado a um sentimento de vazio. E talvez a grande pergunta seja: o que produz o vazio existencial? Como não há uma resposta, pode-se pensar no fato de que,

diferentemente dos animais, não são apenas os instintos e as pulsões que dizem ao ser humano o que ele tem de fazer.

Logo, sem saber o que deve fazer, também já não sabe mais o que quer. Daí advém duas grandes consequências: ou a pessoa quer apenas o que os outros fazem ou faz apenas o que os outros querem dela. Há outras consequências, ainda mais sérias, que surgem do vazio existencial: o sentimento de perda do sentido da vida ou a falta de esperança na existência de um tal sentido. É muito saudável e, inclusive necessário, questionar-se sobre o sentido da vida. É sinal de amadurecimento humano, sobretudo. A esse respeito afirma Viktor Frankl:

Perguntar pelo sentido da existência, questionar esse sentido, é antes um ato humano mais do que um sofrimento neurótico; no mínimo, trata-se de uma manifestação de maturidade intelectual: uma oferta de sentido não é mais aceita de maneira acrítica e sem questionamentos – ou seja, de maneira irrefletida – das mãos da tradição, mas o sentido quer ser descoberto e encontrado com independência e autonomia (FRANKL, 2016b, p.18).

A verdade é que o sentido da vida está para ser encontrado, apreciado, vivido. O ser humano é criado para a liberdade e autonomia e não para reproduzir atos socialmente aceitos. A pessoa humana é dotada de criatividade. E deve criar a partir de seus sonhos que nascem, sobretudo, dos ideais, valores e crenças. Os sonhos dão sentido à existência e o sentido tornam a pessoa hábil para sonhar. Que linda complexidade compõe o indivíduo! É preciso não se assustar com tantas dobras que fazem dele um ser único.

Sabe-se que a pessoa humana, intrinsecamente, possui um valor enorme, tantas vezes desconhecido por ela, inclusive. Isso não pode ser relegado, ignorado. O ser humano existe para ocupar o seu lugar, a fazer o que outros não podem realizar como seu, a descobrir e a criar possibilidades. E a Análise Existencial serve, também, como meio para tanto. Eis como Viktor Frankl define Análise Existencial:

Chamo de análise existencial aquele método de tratamento psicoterapêutico que ajuda o paciente a encontrar momentos significativos em sua existência, perceber possibilidades de valor. Decerto essa análise existencial pressupõe uma imagem de ser humano que abarca necessariamente sentido, valor e espírito, que ocupam o espaço que lhes é devido na realidade (FRANKL, 2016b, p.174-175).

No ponto a seguir, tratar-se-á da questão da autotranscendência, uma vez que a Logoterapia e Análise Existencial a considera como a essência da existência

humana. A mesma concebe o ser humano como alguém que age no mundo e precisa atribuir sentido à sua vida.

2.2.2 Questões sobre a Autotranscendência

Atualmente muitas pessoas, tidas como bem sucedidas, pelo fato de terem uma boa formação, que lhes proporciona êxito na profissão e, conseqüentemente, um bom rendimento, queixam-se de sentir falta de uma missão. Ou seja, estão à procura de sua vocação e de valores pessoais que as sustentem. Até porque é crescente na sociedade atual a escassez e, até, a ausência de referências. Tais pessoas sentem falta de uma missão vital especial. De uma atividade em que possam prestar um contributo único e insubstituível. Estão, de certa forma, cansadas de fazerem “o que todos” fazem ou “o que qualquer um” faz.

Cresce, no entanto, a procura por profissionais que, de certa maneira, escutem consolem. Isto é: já não se encontram com facilidade pessoas que olham nos olhos, que se colocam no lugar do outro e que vistam a sua pele para perceber as suas necessidades, sofrimentos e buscas. Viktor Frankl já percebia tal fenômeno e afirmou:

A consulta médica se tornou um posto de escuta para todos os desesperados da vida, para todos os que duvidam do sentido da vida. Já que para “a humanidade ocidental emigrou do pastor de almas para o médico da alma” (FRANKL, 2010, p. 28).

Percebe-se, portanto, o aumento do número de pessoas que buscam profissionais na área da psiquiatria e psicoterapia. Há uma necessidade alarmante de ser escutado. Muitos construíram seus próprios muros e agora já não sabem o que fazer. No entanto, companheirismo não se compra nem se paga por serviço, antes é conquista e amor, é construção. Todavia, a maioria das pessoas não percebe que o que precisam, de fato, é isso: uma pessoa (ou mais de uma) significativa ao seu lado, sendo-lhe companheiro/a e que haja uma verdadeira reciprocidade.

Frankl concebe que a essência da existência humana consiste na sua disposição à autotranscendência, que significa a capacidade do ser humano de sair e voltar-se para algo ou alguém que está além de si próprio. Nesse sentido, afirma Aquino:

O ser humano encontra um sentido a cumprir, um dever-ser ou vivencia algo ou alguém. O prazer, a felicidade devem ser instâncias adquiridas como consequência da realização de um valor que se encontra fora de si, e não como um fim fora de si mesmo (AQUINO, 2010, p. 35).

A autotranscendência aponta para algo ou para alguém, ou para um sentido a ser preenchido, ou para a existência de outro ser humano que encontra. Com isso, nota-se que o ser humano é totalmente ele mesmo: ele entrega-se na dedicação de uma tarefa, no serviço a uma causa ou no amor a outra pessoa. Ou seja, esquecer-se de si. A autorrealização só é possível com a autotranscendência.

Com a autotranscendência, a pessoa vai desenvolvendo uma espiritualidade mais profunda, que transcende ritualismo e leva a um relacionamento mais autêntico e maduro com as outras pessoas. Pois a abertura ao outro é um dos grandes frutos da vida espiritual. A esse respeito, afirma Francisco Galvão:

Vida espiritual é a fina habilidade para conduzir a alma ao lugar do não pertencimento, um processo de aprender a ser sem pertencer-se. Aprender a perder-se para reencontrar-se mais pleno de si. É caminho de autoconhecimento que nunca termina (GALVÃO, 2018, p.17).

Isso porque a vida espiritual é um caminho de autoconhecimento, contínuo. Nesse itinerário a pessoa vai desenvolvendo o desapego e se tornando mais plena e completa. Porém, é necessário o encontro e doação ao outro para desenvolver a inteireza de si mesmo.

2.2.3 Questões sobre o Autodistanciamento

Primordialmente, duas características constituem as capacidades unicamente humanas de Autodistanciamento: Humor e heroísmo. Com elas, o ser humano é capaz de se distanciar tanto de uma situação quanto de si mesmo. O que se compreende com isso é que a pessoa é livre para dar forma a seu caráter, sendo responsável pelo que fez e faz de si. De fato, o que importa não são os condicionamentos psicológicos ou instintivos, mas a liberdade, ou seja, a atitude que se toma diante deles. Sobre isso, afirma Viktor Frankl:

Afinal, a liberdade da vontade significa a liberdade da vontade humana, e esta é a vontade de um ser finito. O homem não é livre de suas contingências, mas, sim, livre para tomar uma atitude diante de

quaisquer que sejam as condições que sejam apresentadas a ele (FRANKL, 2016a, p.26).

Certamente Viktor Frankl afirmou isso por acreditar que o ser humano se sustenta sobre a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. Inclusive a visão de homem da Logoterapia se sustenta sobre esses três pilares. Na Logoterapia a pessoa é concebida como um ser livre e responsável. Não só o ser humano questiona sobre o sentido da vida, como algumas situações da vida lhe fazem questionamentos que, ao responder, demonstra qual o sentido que a vida tem e quais as suas fontes, de maneira peculiar e pessoal. Sobre esse aspecto, afirma Aquino:

Se, por um lado, o ser humano é movido pela busca de sentido, por outro, a vida também demanda sentidos a serem realizados. Nessa perspectiva, a vida é o interrogante e o ser humano é um ente que responde, e ao responder às questões que a vida lhe coloca, torna-se responsável (AQUINO, 2014, p.32).

Ninguém pode responder pelo outro sobre as interrogativas da vida. Portanto, cada pessoa é responsável por suas próprias escolhas e suas consequências. Afirmando que o ser humano é movido pela busca de sentido, entende-se que o ser humano é concebido como ser em movimento, ou seja, passível de mudanças. Logo, as demandas de sentidos a serem realizadas variam ou alteram ao longo de sua existência. E isso é belo, por ser, especificamente, humano.

Sabendo-se que somente o ser humano questiona sobre o sentido da vida, percebe-se que o autodistanciamento é uma capacidade antropológica, pois é uma capacidade humana de se contrapor aos condicionamentos internos e externos. Isso pode ser exemplificado com a questão do sofrimento. Pois o ser humano é o único ser criado que tem consciência de suas dores. Logo, pode tomar uma posição diante delas, que seria sofrer e dar sentido ao sofrimento.

2.3 A BUSCA DO SER HUMANO POR FELICIDADE

Prosseguindo a questão do sentido da vida, percebe-se o anseio do ser humano por felicidade, chegando, em alguns casos, a ser uma busca obsessiva. Assim sendo, neste ponto, dar-se-á maior destaque às questões sobre a felicidade, a vontade e a vontade de sentido.

A felicidade é um anseio e busca constante de todo ser humano. Ela vem de dentro e está relacionada com o processo de autoconquista e é construção diária, fruto das escolhas e decisões tomadas. Além de ser cultivado, está sempre acontecendo e é feita de breves contentamentos.

Observa-se que a vontade é, de fato, o que move o ser humano. E tem a ver com encontro consigo. Descobrir o manancial interior, que o identifica com a voz do seu ser que indica o que lhe faz bem, o que lhe ajuda a ser veraz, o que o leva à integração, leva-o a gerar o bem, a veracidade, a integridade. E a vontade de sentido é estruturante. Está no âmago do ser, é a descoberta do que o faz vivo, verdadeiramente.

2.3.1 Questões sobre a felicidade

Para Frankl, a felicidade, enquanto autorrealização, será sempre um efeito colateral da autotranscendência. Ou seja, quanto mais a pessoa esquecer-se de si mesma, dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa, mais humana será e mais se realizará. Sobre a felicidade, Frankl afirma:

[...] A todo momento as pessoas são exortadas a “ser felizes”. Mas a felicidade não pode ser buscada; precisa ser decorrência de algo. Deve-se ter uma razão para “ser feliz”. Uma vez que a razão é encontrada, no entanto, a pessoa fica feliz automaticamente. Na nossa maneira de ver, o ser humano não é alguém em busca de felicidade, mas sim alguém em busca de uma razão para ser feliz (FRANKL, 2008, p.161-162).

E busca essa razão para ser feliz através da realização concreta do significado da felicidade inerente e latente numa situação dada. Ele deve encontrar uma razão para a felicidade e não sentir como uma imposição. É semelhante ao riso. Quando alguém quer que outra pessoa ria, deve dar-lhe uma razão. Não é possível obter dela uma risada real exortando-a ou fazendo com que ela seja forçada a rir.

Uma das maneiras, entretanto, por parte do indivíduo de se perceber tendo encontrado uma razão para ser feliz, está no fato de ter encontrado sentido. Para Viktor Frankl, o ser humano não apenas existe, mas decide qual será a sua existência. Assim sendo, tem a liberdade para transformar-se a qualquer instante. No entanto, essa liberdade deve ser acompanhada pela responsabilidade. Do

contrário essa liberdade está em perigo de degenerar. Sobre a responsabilidade, ele afirma:

Essa ênfase sobre a responsabilidade reflete-se no imperativo categórico da Logoterapia: “Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora”. Parece-me que nada estimula tanto o senso de responsabilidade de uma pessoa como essa máxima, a qual a convida a imaginar primeiro que o presente é passado e, em segundo lugar, que o passado ainda pode ser alterado e corrigido (FRANKL, 2008, p.134).

Ele também considera que o ser humano se determina a si mesmo. Ou seja, o que se torna é fruto do que ele faz de si mesmo. Nesse aspecto, Viktor Frankl levava em consideração o fato de que o ser humano é aquele que inventou as câmaras de gás de Auschwitz, porém é também aquele que nelas entrou de cabeça erguida, rezando o Pai Nosso ou o Shemá Yisrael.

No que se refere à felicidade, Frankl sempre atentava para a responsabilidade do ser humano com os demais. E a reter um conhecimento a respeito da unidade da humanidade, que ultrapassa as diversidades, quer as referentes à cor da pele, quer as referentes à cor do partido político. Nesse sentido, ele afirma:

Parece que ninguém teria hoje razões de queixa, por lhe faltar o sentido da vida; pois basta alargar um pouco o horizonte para se notar que, na verdade, nos regozijamos com o bem estar, enquanto outros vivem na escassez. Sim, regozijamo-nos com a liberdade, mas onde fica a responsabilidade pelos outros? Milhares de anos atrás, a humanidade lutou pela fé num Deus único: pelo monoteísmo; mas onde fica a humanidade única, um saber que eu gostaria de chamar de monantropismo? (FRANKL, 2010, p.28).

Esse sentido do outro, da responsabilidade pelo semelhante apenas é possível pelo amor. Não se trata do sentido romântico da palavra, mas um amor que significa dar-se. Para tanto, faz-se necessário um desprendimento, o que pode ser doloroso. Compreende-se que desprendimento é fazer morrer algo vivo. No caso de perdoar ou compreender, por exemplo, antes de dar-se, a pessoa precisa morrer para algo muito vivo como o rancor, a repulsa ou o desejo de vingança.

Tendo tratado sobre questões sobre a felicidade, a partir do conceito da Logoterapia e Análise Existencial, considera-se necessário trazer também de questões sobre a vontade. Far-se-á isso no ponto que se segue.

2.3.2 Questões sobre a vontade

Viktor Frankl considera que o ser humano não é livre de suas contingências, mas livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições que a ele sejam apresentadas. Nesse aspecto, ele afirma:

[...] A pessoa é livre para dar forma a seu próprio caráter, sendo responsável pelo que faz de si mesma. O que importa, logo, não são os condicionamentos psicológicos, ou os instintos por si mesmos, mas, sim, a atitude que tomamos diante deles. É a capacidade de posicionar-se dessa maneira que faz de nós seres humanos (FRANKL, 2016a, p.27).

Frankl concebe responsabilidade e vontade como eventos psicológicos, noético-ontológicos. E a capacidade de oferecer uma atitude diante dos fenômenos somáticos e psíquicos implica a elevação de um outro nível e a abertura a uma nova dimensão, à dimensão dos fenômenos noéticos, que são distintos da dimensão biológica e da dimensão psicológica. É nessa dimensão que os eventos tipicamente humanos devem ser localizados.

Também Frankl fala da liberdade da vontade do ser humano como liberdade de ser impulsionado para ser responsável, ou seja, para ter consciência. A esse respeito, ele afirma:

Toda liberdade tem um “de quê” e um “para quê”. O “de quê”, do qual o ser humano pode se libertar, está em seu ser impulsionado; seu eu, então, tem liberdade diante de seu id. O “para quê” da liberdade humana é a sua responsabilidade (FRANKL, 2015a, p.48).

Enfim, sob o olhar da Logoterapia e Análise Existencial, ser pessoa é ser livre e plenamente responsável. E é o fato de ser pessoa que faz do ser humano senhor de sua vontade, uma vez que essa teoria ensina que o ser humano está perpassado, desde a base, por uma vontade de sentido, afirma Viktor Frankl:

Chamamos de vontade de sentido simplesmente aquilo que será frustrado no ser humano sempre que ele for acometido pelo sentimento de falta de sentido e de vazio. [...] O sentido deve ser encontrado, e essa busca só pode ser empreendida pelo sujeito (FRANKL, 2016b, p. 22-23).

Assim sendo, o sentido não pode ser aplicado, ou seja, o terapeuta não pode dar um sentido à vida de um paciente. Essa atividade é de total responsabilidade da consciência de cada pessoa. Logo, serão abordadas, no ponto a seguir, questões sobre a vontade de sentido. Que é ponto chave para Viktor Frankl.

2.3.3 Questões sobre a vontade de sentido

Sabe-se que a vontade de sentido não é algo criado. É a preocupação com o sentido de sua existência que distingue o ser humano como tal. Somente o ser humano busca ter algo pelo qual viver. Logo, é natural que a vontade de sentido venha à tona; o sentido em si deve ser elucidado. Afirma Viktor Frankl:

O conceito de uma “vontade de sentido” como a motivação básica do ser humano é um tapa na cara de todas as teorias motivacionais contemporâneas, que ainda se baseiam no princípio da homeostase, considerando o homem como um ser que está aí apenas para satisfazer impulsos e instintos, para gratificar necessidades – tudo isso apenas no intuito de manter ou restaurar um equilíbrio interno, livre de tensões (FRANKL, 2016a, p.200).

Segundo a concepção de Viktor Frankl, no homem se enraíza mais profundamente a vontade de sentido, que é, justamente, o esforço pelo melhor cumprimento possível do sentido de sua existência. Conforme já foi mencionado, para ele, o desejo do ser humano não é a felicidade em si, mas uma razão para ser feliz. A esse respeito, afirma:

Não é, portanto, a felicidade aquilo que o homem anseia de modo mais profundo e verdadeiro? Não foi o que admitiu o próprio Kant, que essa é a realidade, e que só posteriormente o homem anseia por ser digno de felicidade? Eu diria que aquilo que o homem realmente quer é, afinal de contas, não a felicidade em si, mas um motivo para ser feliz (FRANKL, 2015b, p.65).

Em contrapartida, em alguns casos, o ser humano sofre do sentimento de que a sua existência não tem sentido e isso lhe traz um vazio existencial. E esse vazio interior corresponde à frustração existencial. Por mais que se fale que, na atualidade, as pessoas buscam a eficácia e a eficiência e, por isso, estão sempre muito atarefadas e, conseqüentemente, apressadas. Corre-se muito para “dar tempo”. Mas o que se faz com esse tempo? Pode-se perguntar: o que fazer com o tempo livre, por exemplo? Isso já fazia parte das reflexões de Viktor Frankl, que afirma:

Vivemos em uma época de crescente tempo livre. Mas há tempo livre não só em relação a algo, senão também para algo; o homem existencialmente frustrado, todavia, não sabe com que ou como poderia preenchê-lo (FRANKL, 2015b, p.70).

De um modo geral, a frustração existencial é latente, pois o vazio existencial pode permanecer dissimulado e mascarado, semelhante a um lugar para o qual as

peças fazem de si mesmas. É então que ocorrem tentativas de esvaziamento do seu interior. Recorrem à comida, à bebida, ao jogo ou mesmo acentuando o ritmo acelerado de vida como automedicação da frustração existencial, porque quanto menos a pessoa conhece a finalidade da sua vida, mais acelera o ritmo com o qual a segue. E o homem existencialmente frustrado não conhece nada com o qual possa preencher o tempo livre, nada com o que ele possa preencher esse vácuo existencial, que, por vezes, pode estar latente e precisa tornar-se manifesto. Ele pode permanecer em estado de larva, mascarado. Sobre o vácuo existencial, afirma Viktor Frankl:

Além disso, conhecemos diversas máscaras, por detrás das quais o vácuo existencial se esconde; pensemos na doença do manager, que se precipita, a partir de sua fúria de trabalho, na dinâmica da funcionalidade, e a vontade de poder, para não dizer a sua cunhagem mais primitiva e mais banal, a “vontade de dinheiro” – reprime a vontade de sentido! (FRANKL, 2015b, p.72).

O ser humano anseia por uma existência plena de sentido. Ele tem fome de sentido. Entretanto, deve ser mobilizado para isso e aprender a despertar a própria vontade de sentido onde se encontra reprimida ou permanece inconsciente. O que poderá acontecer na experiência de encontro e de amor ou mesmo através da aceitação de sua condição, da sua realidade. Nesse sentido, afirma González-Quevedo:

O que dá sentido à vida é a consciência de que somos amados com um amor que é mais forte do que a morte. Contra o pessimismo existencialista, que define o ser humano como um “ser para a morte”, a fé nos diz que o ser humano é um ser para a vida, para o amor, para a felicidade eterna (GONZÁLEZ-QUEVEDO, 2007, p.47).

As pessoas que experienciam o amor, sentem-se satisfeitas. É um sabor de eternidade. Nota-se que o ser humano leva dentro de si um apelo à transcendência. E o encontro com alguém além de si, que o transcende, dá-se durante o itinerário da vida, não é algo instantâneo, assim como a vida humana também é caminho.

A vida humana é um caminho e nele fazem-se pontes entre as pessoas, e é isso que dá sentido à existência, desde que haja uma busca interior, que conduz ao amadurecimento de ambos os lados. A esse respeito, afirma Francisco Galvão:

A busca interior é caminho de sentido, às vezes cheio de curvas e obstáculos. Um caminho que, apesar de solitário, sempre faz ponte com outras vidas e com outras histórias. É um encontro de mútua descoberta. Não obstante é inevitável solidão interior, toda busca

espiritual necessita do encontro com o outro para ganhar clareza e intimidade (GALVÃO, 2018, p.17).

O caminho espiritual desperta o ser humano para a própria consciência. Pois toda pessoa humana tem uma sede de infinito e precisa apenas saber-se espiritual. Ajudará muito o exercício do silêncio, da oração pessoal e do exame de si, que conduz ao mergulho em si, para se conhecer e a saída de si, para doar-se ao outro, com tranquilidade.

Também o ser humano é o único animal consciente de que irá morrer. Por vezes, esse destino pode parecer-lhe insuportável e ele inventa inúmeras maneiras para não o encarar e busca meios para adiá-lo. No entanto, vida longa não significa vida com sentido, que significa saber para quê e para quem se vive, realizando a sua original missão nessa existência, vivendo intensamente cada instante. Acerca do sentido da vida, afirma Adroaldo Palaoro:

Porque sabemos que somos mortais e dotados de liberdade, nós, seres humanos, nos interrogamos sobre o sentido da vida; somos capazes de vivê-la como um projeto de nossa própria escolha e podemos transformar a morte no último e supremo ato de nosso viver (PALAORO, 2013, p.66).

Logo, a morte só pode ter sentido se a vida o tiver. Apenas as pessoas que vivem intensamente enfrentam serenamente a proximidade do ato de morrer e se preparam para tal. É a consciência de se ter vivido por uma causa e de ter levado uma vida construindo a serenidade e a plenitude que este último ato da existência pode ter sentido e significado. Do contrário, o que advém é o medo, o pavor, a rejeição e até mesmo o desespero.

Em seu livro Cinco pães e dois peixes, de François-Xavier Nguyen Van Thuan, vietnamita, conta que, quando os comunistas lá chegaram, disseram-lhe que sua nomeação era fruto de um complô entre o Vaticano e os imperialistas para organizar a luta contra o regime comunista; três meses depois foi preso, a 15 de agosto de 1975. Libertado após três anos, partilha ter encontrado sentido transbordando de amor. Assim, afirma:

Penso que devo viver cada dia como o último da minha vida. Deixar tudo que é acessório, concentrar-me somente no essencial. Cada palavra, cada gesto, cada telefonema, cada decisão é a coisa mais bela de minha vida, reservo a todos o meu amor, o meu sorriso; tenho medo de perder um segundo, vivendo sem sentido (VAN THUAN, 2014, p.15).

Tendo observado a vontade de sentido do ser humano, ao longo deste capítulo, seguir-se-á com a ideia de que a vivência do Princípio e Fundamento da Espiritualidade Inaciana contribui, significativamente, para o ser humano enfrentar a crise de sentido.

3. O PRINCÍPIO E FUNDAMENTO DA ESPIRITUALIDADE INACIANA COMO MODO DE ENFRENTAMENTO DA CRISE DE SENTIDO

Após apresentados no capítulo 1 algumas características da sociedade atual e elementos que fundamentam a crise da subjetividade moderna em busca de sentido, no capítulo 2 será feita uma análise da crise de sentido dessa mesma subjetividade moderna à luz do conceito de Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl. Daremos neste capítulo, uma atenção ao Princípio e Fundamento que, na Espiritualidade Inaciana, serve como porta de entrada nos Exercícios Espirituais. Santo Inácio de Loyola considera que ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus e, assim, viver em plenitude, desejo e ideal de toda pessoa em busca de realização. E como faz uso das coisas criadas, seus anseios e valores. A compreensão é um tanto complexa, por tocar aspectos subjetivos do ser humano. Buscar-se-á bibliografia baseada em autores cristãos, membros da Companhia de Jesus e outros que beberam dessa fonte deixada por Inácio de Loyola.

Quando se fala em Princípio e Fundamento, é possível remeter-se a três experiências profundamente humanas e, conseqüentemente, espirituais: 1º O ser humano é amado por Deus e sente-se interpelado a aceitar esse fato bem como a corresponder a esse amor, amando; 2º O ser humano busca ordenar os seus afetos e fazer uso de todas as coisas criadas com discernimento; 3º O ser humano é conduzido para a indiferença, não preferindo senão aquilo que mais contribui para chegar ao fim para o qual é criado: de salvar-se.

Nos pontos a seguir, apresentar-se-ão o Princípio e Fundamento e o ser humano em busca de sentido; o exame de si mesmo; a liberdade humana diante das coisas criadas; conceitos e considerações sobre espiritualidade; a relação entre Espiritualidade, Liberdade interior e Caridade; Princípio e Fundamento: dispor o espírito ao amor; Santo Inácio de Loyola: breve biografia e alguns traços de sua personalidade; processo de conversão de Santo Inácio de Loyola; Santo Inácio orienta a “nos tornarmos indiferentes”.

3.1 O PRINCÍPIO E FUNDAMENTO E O SER HUMANO EM BUSCA DE SENTIDO

Encontrando-se o ser humano na busca sincera e constante de sentido, num contexto subjetivo em que está inserido, é possível notar que existe uma finalidade para a sua existência. Compreende-se que, em seu itinerário de integração humana e espiritual, Inácio intuiu que toda pessoa possui um Princípio e Fundamento, e compreendeu que só se sentirá plena, se fizer a experiência pessoal de salvação, se viver com essa consciência e torná-lo efetivo.

Assim sendo, será apresentado o Princípio e Fundamento nos Exercícios Espirituais vivenciados por Inácio de Loyola, aplicado aos seus primeiros companheiros, (que depois vieram, com ele, a fundar a Companhia de Jesus) e apresentava a visão espiritual que travava com as pessoas que o procuravam. Em seguida, será apresentado o Exame de si mesmo como meio para o autoconhecimento e ajudar a pessoa a dispor-se para buscar e encontrar a vontade de Deus, elementos que contribuem para encontrar sentido. E, ainda, tratar-se-á sobre a liberdade humana diante das coisas criadas.

3.1.1 O Princípio e Fundamento nos Exercícios Espirituais

Nos Exercícios Espirituais deixados por Santo Inácio de Loyola, o Princípio e Fundamento são uma consideração que move sempre a pessoa para ir além, acreditando em si e confiando na graça de Deus. Com isso, a pessoa não se acomoda nem se estabiliza em situações conhecidas, mas se supera sempre. É um exercício que leva à ousadia. É um exercício de presença, em que a pessoa se coloca, de maneira consciente, diante de Deus, como é e está. Logo, o Princípio e Fundamento não é um tempo, não se fala em modo de orar, é horizonte de sentido, no qual a pessoa irá circular durante toda a sua vida. Também não é uma etapa pela qual a pessoa passa. Antes, é um movimento de encontro com todas as dimensões do ser humano. Simultaneamente, lança-o para dentro e para fora de si.

O Princípio e Fundamento é um “Prólogo” dos Exercícios Espirituais. Ou seja, Inácio condensa num texto todo o desenrolar posterior, ou seja, o conjunto dos exercícios que se seguirão. Na experiência, percebe-se que se trata de um movimento de descida, à medida que ajuda a pessoa a tomar consciência do seu enraizamento na própria humanidade; e de subida, ao auxiliá-la a perceber que tem

horizonte e que é capaz de crescer em direção ao “Sol”, a Deus. Trata-se de uma experiência integradora. Ou seja, supera qualquer dicotomia, tão própria do período medieval em que Inácio viveu, o século XVI, tais como: corpo e alma, sagrado e profano. Envolve o ser humano por inteiro: sensibilidade, inteligência, sentimentos, alma e corpo. E, ainda, é um movimento humanizador, pois parte do ser humano. É ascendente.

O Princípio e Fundamento de Santo Inácio dá origem a inúmeras reflexões e incontáveis obras, inclusive, tentando interpretá-los e contextualizá-los. É fruto de uma profunda experiência de fé, enraizada na esperança, que desemboca na caridade. O mesmo também poderá constituir fonte de sentido. E é porta de entrada para os Exercícios Espirituais. Para entrar neles, supõe que a pessoa tenha ânimo, generosidade e disponibilidade. Para tanto, entende-se que há um desejo de Deus. Nesse sentido, afirma Luís González-Quevedo:

Trata-se de abrir espaço para o desejo de Deus. É o desejo de Deus que nos liberta da escravidão dos desejos errantes e inconstantes, que fragmentam nossa vida. [...] De fato, nada é capaz de dar um sentido tão forte à vida humana como a busca e o encontro de Deus. Só um amor absoluto pode dar um sentido absoluto à vida (GONZÁLEZ-QUEVEDO, 2007, p.23).

O desejo de Deus vai cedendo espaço para o amor a Ele. E esse amor dá sentido à vida e torna a pessoa livre e desapegada, predisposta para descobrir o essencial da existência. Daí a importância do discernimento em relação ao uso das coisas.

Do ponto de vista antropológico, o Princípio e Fundamento aponta para o significado e o propósito da existência humana. Para Inácio, existe um fim para a existência de cada ser humano. E todas as coisas criadas devem ser por ele usadas com discernimento, como meios, para chegar a esse fim, que implica o desenvolvimento da liberdade interior, fruto do amadurecimento humano e do espiritual. Muito ajuda a experiência pessoal do amor de Deus, a fim de que se queira e escolha aquilo que mais conduza para Ele e para o seu projeto salvífico.

Pela primeira vez, Inácio nomeia Deus como Criador. Ao dizer que Deus é criador e Senhor, título que manifesta grandeza, realeza e transcendência de Deus, Inácio quer afirmar que o ser humano pode oferecer-lhe todo o seu querer e liberdade, a partir de uma relação de intimidade que ele destaca ao fazer uso da expressão “seu”, uma vez que a possessão é sempre atribuída a Deus.

Também, pela primeira vez, o ser humano é nomeado como criatura. Com isso, Inácio supõe uma comunicação entre Deus e o ser humano, em que este busca encontrar a vontade divina a partir da ação amorosa entre o Deus Criador, que se autocomunica à sua criatura. E, nessa autocomunicação, o Criador revela-se como Mistério absoluto e pessoal, enquanto o ser humano se reconhece como pessoa em íntima relação com Deus. No entanto, na proximidade estabelecida entre o Criador e a sua criatura, Deus não se torna dependente desse outro colocado por Ele na existência. Mas Deus permanece Deus, o totalmente outro, e o ser humano continua sendo este outro distinto de sua natureza divina, na sua condição de criatura. A esse respeito, afirma Salles:

Nesse duplo movimento, que cria moções, deslocamentos, podemos empenhar-nos em afastar de nós as afeições que impedem de sermos afetados por Aquele que é o nosso “Criador e Senhor”. E a partir daí, desse “estar afetado” por Deus, podemos buscar e encontrar a vontade divina, servir e louvar o Criador, e nos unirmos a Ele (SALLES, 2007, p. 134).

Para Inácio, esse “estar afetado” se expressa em: o ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor. Ser criado por Deus e para Deus, na visão da Espiritualidade Inaciana, expressa a relação essencial do ser humano com Deus. Logo, o louvor, a reverência e o serviço não são imposições de Deus, porém condições naturais da condição humana. Para ele, o ser humano é criatura dependente do Criador; filho, amigo, companheiro e interlocutor. Criado à imagem e semelhança de Deus, o ser humano tem a possibilidade de dialogar com o seu Criador e Senhor.

Assim sendo, interpreta-se que Inácio sintetiza o fim próximo, imediato da vida humana nos três termos: louvar, reverenciar e servir. O louvor, como a glória e a honra, exalta Aquele que é louvado e faz exultar quem louva. Já a reverência, enquanto sinônimo de respeito ou acatamento, suscita fascínio, silêncio, temor reverente. É a reação espontânea diante do Sagrado. Reconhecendo o poder de Deus, o respeito exclui todos os atos no ser humano que O desonrariam. E o serviço é a atitude justa diante do Criador e Senhor. Porque, sentindo-se amado, o ser humano tende a corresponder com amor ao próximo, que é doar-se.

Aos três fins específicos do ser humano em relação a Deus, Inácio acrescenta o fim último da vida humana: a salvação. Que corresponde à realização, à felicidade. No entanto, a ideologia consumista atual substitui o desejo de salvação por

felicidade imediata, alegrias de curta duração, porque o ser humano, muitas vezes esquecido de que Deus é o princípio e o fundamento de sua vida, torna-se vítima de tal ideologia dominante e atribui à infelicidade a carência de determinados bens materiais, centrados nas mãos de uma minoria, que, da mesma forma, também não é feliz.

Para Inácio, a busca da felicidade no momento presente deve ser de tal maneira que ajude o ser humano a alcançar a felicidade eterna. Visto que a felicidade, enquanto realização de si mesmo, consiste na entrega ao amor de Deus até o fim. O Princípio e Fundamento mostra o objetivo da existência: “alcançar a felicidade eterna” e o restante dos Exercícios Espirituais deixados por Inácio aponta o itinerário, que, seguindo os passos de Jesus, o ser humano passará pela pobreza, humildade e abnegação de si mesmo.

Quando o Princípio e Fundamento aponta para a finalidade da Criação, com a expressão “as outras coisas da face da terra são criadas para o ser humano e para o ajudarem a atingir o fim para o qual é criado”, quer mostrar que a relação do ser humano com o seu Criador se realiza no tempo e no espaço, pela mediação das outras coisas, ou seja, do mundo. Inácio vê o mundo de maneira ampla e positiva e a ele se refere como meio para ajudar o ser humano a alcançar o fim. Segundo González-Quevedo, Inácio escrevia a João Pedro Caraffa, futuro Papa Paulo IV, a respeito do mundo, da seguinte maneira:

Tenho como verdade máxima que Deus criou todas as coisas desta vida presente para as necessidades humanas, serviço e conservação dos homens. Inácio escrevia isso numa época em que se pensava que a Terra era o centro do Universo e o ser humano o “rei da Criação” (GONZÁLEZ-QUEVEDO, 2007, p.27).

No entanto, esse olhar aponta para a convicção de que a primazia na obra da Criação corresponde ao ser humano como única criatura relacional, consciente e livre. Apenas ele é capaz de abrir-se à esperança e de ser feliz.

A expressão “daí se segue que ele há de usar das coisas tanto quanto o ajudam para atingir seu fim, e deve privar-se delas tanto quanto o impedem” apresenta uma consequência lógica das premissas anteriores. As coisas são simples meios relativos a um fim mais elevado. E todas as coisas serão usadas ou não, conforme ajudem ou impeçam atingir tal fim, visto que aquele que reconhece Deus como único absoluto de sua vida e busca realizar a sua vontade, sente-se livre diante de todas as coisas criadas.

Com a frase: “Por isso é necessário fazer-nos indiferentes a todas as coisas criadas, em tudo o que é permitido à nossa livre vontade e não lhe é proibido”, inicia-se a segunda parte do texto inaciano Princípio e Fundamento: a indiferença inaciana, que corresponde a uma total disponibilidade para Deus e a liberdade afetiva do ser humano. E é compreendida como uma conclusão prática. Porque a indiferença situa a pessoa de uma maneira liberta diante da afeição desordenada a tudo o que é relativo, levando-a a experienciar que somente Deus é Absoluto. Todo o restante: vida longa ou vida breve, saúde ou enfermidade, riqueza ou pobreza são relativos. E isso só é possível mediante uma experiência de amor, do amor de Deus, porque apenas a experiência de um amor maior é capaz de libertar o ser humano do poder da sedução das coisas e o tornar indiferente.

Outro aspecto importante está no fato de que tal indiferença opõe-se ao apego, ao medo ou respeito humano e ao excessivo desejo de agradar a todos. Para tanto, é imprescindível a liberdade. González-Quevedo lembra o que Inácio considerava a esse respeito:

Inácio escreve: “Conserva a liberdade em qualquer lugar e diante de qualquer pessoa, sem levar em conta a ninguém; antes, mantém sempre a liberdade de espírito, diante de tudo o que enfrentas e não a percas por nenhum empecilho; nunca falhes nisto” (GONZÁLEZ-QUEVEDO, 2007, p. 29).

Entretanto, essa necessidade de tornar-se indiferente não significa insensibilidade ou falta de amor à vida, mas está fundamentada num sentido profundo do absoluto de Deus. O mais importante aqui não é a relação da pessoa com as coisas, mas a sua relação com Deus.

Desse modo, a vida humana é marcada por inúmeras experiências e inesperadas mudanças, sendo necessário, portanto, abertura e fé. Essa fé, que se traduz em confiança profunda e verdadeira em Deus, pode e deve levar a pessoa a alimentar sonhos e a estabelecer metas, a sair de uma vida estreita passando a enxergar novas possibilidades. Assim sendo, o Princípio e Fundamento a situam acima das situações da vida, no horizonte.

Na segunda frase da segunda parte do princípio e Fundamento: “De tal maneira que, de nossa parte, não queiramos mais saúde que enfermidade, riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que vida breve, e assim por diante em tudo o mais”, aparece uma explicitação ou concretização da frase anterior. Aqui

Inácio aplica a indiferença a quatro pares de contrários, que afetam, radicalmente, a vida humana.

Saúde e enfermidade tratam da condição física do ser humano. Por experiência, Inácio sabe que as doenças limitam a capacidade física de uma pessoa. A questão aqui é tornar-se indiferente. Já riqueza e pobreza referem-se à economia, cuja importância na vida do ser humano é evidente. O chamado é para fazer-se indiferente, a exemplo de Jesus Cristo. Da mesma maneira, honra e desonra afetam a vida humana em um ponto demasiado sensível, que são a reputação e o reconhecimento social. E Inácio bem conheceu a importância da honra na Espanha do século XVI. Por fim, vida longa ou vida breve é o local em que a exemplificação da indiferença inaciana atinge o seu nível mais radical. Para Inácio, até o futuro histórico torna-se relativizado à luz da exigência absoluta do fim último. Para ele, tudo nesta vida acaba por esgotar-se, entretanto, no instante da decisão diante de Deus, o Eterno, a transcendência do sentido supera toda extensão.

Por fim, “desejando e acolhendo somente aquilo que mais nos conduz ao fim para o qual fomos criados”, apresenta-se a fonte do radicalismo inaciano, o magis (“mais”), que orienta e unifica toda a caminhada do ser humano. Não se trata de um “mais” arrogante, competitivo, que nasce do orgulho ou do poder, mas do reconhecimento humilde de ser acolhido e amado por Deus.

O “magis” expressa o desejo da maior glória de Deus, do maior serviço e do maior amor, no seguimento a Jesus Cristo. Assim sendo, a Espiritualidade Inaciana costuma condensar a sigla AMDG (Ad maiorem Dei gloriam [Para a maior glória de Deus]).

Esse maior amor, vislumbrado no Princípio e Fundamento, é um amor tão humilde e discreto que sequer ousa pronunciar o nome de Deus. É um amor liberto da desordem causada pela sedução das criaturas. É um amor ordenado, porque existe liberdade afetiva, que é caminho. Contudo, a necessidade de “fazer-se indiferente” é a expressão livre do profundo desejo humano de fazer a vontade de Deus.

A vontade de Deus é procurada e encontrada. A indiferença inaciana é a disponibilidade para fazer a vontade de Deus. Todavia, o desejo de fazer a vontade de Deus não relega o desejo de sentir-se amado, que é um dos maiores desejos do ser humano e condição básica para que este seja amável. Amando alguém, a

pessoa experimenta que sua vida tem valor e percebe a própria vida desenvolvendo-se. O amor é, portanto, constituinte.

Ao contrário, quando uma pessoa escuta palavras ofensivas ou internaliza gestos de desamor, tende a sentir dor profunda. É como que, se por um momento, a vida se esvaísse. Experimenta-se angústia e dor, que também podem expressar-se em tristeza. A pessoa parece atrofiar-se e poderá fechar-se, tornando-se amarga e solitária, e não fonte de vida para outras pessoas. É muito delicado. Faz-se necessário proteger-se de emoções negativas, cultivar a inteligência emocional para canalizar adequadamente as palavras duras ou grosseiras recebidas de outrem e desenvolver uma espiritualidade radical, ou seja, com raiz profunda. Só assim, desenvolve-se também a fé, que é sempre excelente instrumento para a construção interior. Nesse sentido, Alírio Pedrini chamará de coração ferido aquele que guardou palavras e gestos ofensivos. Afirma, portanto:

Trata-se do “coração centro-emocional”. [...] é o centro de comando que recebe, conserva, elabora e emite todas as boas e más impressões emocionais. Quando o coração emocional recebe impressões ou informações dolorosas, dizemos que ele fica ferido. Ferido ele sofre e faz sofrer. E este coração precisa ser curado (PEDRINI, 2017, p.16-17).

Em contrapartida, ao receber informações, manifestações ou impressões agradáveis e prazerosas, o coração emocional sente alegria, paz e realização. É como se a pessoa fosse encontrando, dentro de si, aquela felicidade pela qual é tentada a procurar externamente e vai-se vendo plena, com sentido. Há um desejo natural de contribuir para que outras pessoas façam a mesma experiência. Isso é serviço, do ponto vista do cristão.

Enfim, o objetivo do Princípio e Fundamento é de uma imensa riqueza, pois serve também como instrumento para ajudar a pessoa a adaptar sua vida ao padrão da Criação e Salvação. Como também, reafirma a disposição que a pessoa deve ter de total abertura aos desejos de Deus e a auxilia a quebrar o apego às coisas que restringem a sua liberdade, e está para ser apreendido e exercitado. Entre as várias maneiras de se exercitar, uma muito eficaz está no fato de Examinar-se a si mesmo. É o que será tratado a seguir.

3.1.2 O Exame de si mesmo

A experiência pessoal de Inácio comprova que Deus se serve da própria realidade humana para agir em suas criaturas. Cabe à pessoa aprender a captar e interpretar a ação divina ao longo de sua vida e nos eventos da história. O que implica respeito à pessoa concreta, à subjetividade e confiança no Espírito Santo que trabalha no interior do ser humano.

Na busca de encontrar e aceitar a vontade de Deus, o Exame de si mesmo em muito auxilia a pessoa a tomar consciência da sintonia entre a vontade humana e a vontade divina, a fim de, alinhando-as, realizar-se e viver em plenitude. Aos poucos, e com Exercício diário, o Exame vai ajudando a ser uma pessoa de discernimento. Pressupõe uma cuidadosa triagem de desejos, afeições, pulsões e tendências presentes em cada pessoa. É preciso ter lucidez nos pensamentos, sentimentos e atitudes, para que as decisões sejam tomadas em comunhão com Deus, que é sempre amor.

Inácio orienta usar, continuamente, a inteligência. E ter sempre presente a realidade concreta, o contexto atual, as consequências de sua opção, porque esta jamais se dá em um vazio antropológico ou social. A pessoa deve procurar e encontrar, pessoalmente, o que Deus quer dela, sem influências externas, mas permitindo agir o Criador com a criatura.

Facilita também o fato de poder ser realizado em qualquer lugar e a qualquer momento. Trata-se de um excelente exercício que ajuda a pessoa a perceber constante presença e ação de Deus. Trata-se de encontrar-se com o Absoluto e rastrear suas pegadas na realidade histórica e na pessoal vida diária. Sobre o Exame de si mesmo, afirma Santos:

O exame espiritual cotidiano foi um desses instrumentos privilegiados usados por Inácio para buscar e encontrar Deus no concreto da existência, além de ajudá-lo a tomar consciência das suas reações, dos sentimentos que experimentava, das decisões que ia tomando em sua vida (SANTOS, 2017, p. 216).

Inácio entendeu a vida espiritual como uma maneira progressiva de deixar-se guiar pelo Espírito, o que supõe um trabalho contínuo de sensibilização. Nesta tarefa, o Exame ocupa um lugar fundamental. Para ele, interessa muito que a pessoa aprenda logo a entrar em si, penetrando no interior de suas experiências

espirituais. Deus se faz presente: é preciso buscá-Lo, interpretar a sua presença. Nisso, precisamente, consiste o Exame.

No decorrer de sua trajetória, Inácio buscou, incansavelmente, fazer uma leitura espiritual deste complexo mundo interior. Interessa a ele a disposição da pessoa diante da ação de Deus. Isso exigirá olhar, considerar, escutar, discernir ou, em suas palavras preferidas: “examinar muito”. O “muito”, advérbio de intensidade, adquire, na linguagem inaciana, uma nuance de advertência, de receptividade, de qualidade, sobre a ação do verbo que acompanha: olhar muito a própria condição, considerar muito. O que importa não são as ideias, mas os sentimentos espirituais e que a pessoa aprenda, pessoalmente, a interpretar o que se passa em seu íntimo.

O contínuo e progressivo exercício de Examinar-se a si mesmo ajuda a pessoa a dispor-se para buscar e encontrar a vontade de Deus, o que constitui a essência da vida espiritual. Essa disposição evoca o Exame, que auxilia a entrada no mais íntimo de si. Examinar-se significa também enfrentar os conflitos, avaliar e qualificar os pensamentos, filtrar as emoções, alimentar, criar e recriar motivações cada vez mais conscientes, o que acabará por dar à pessoa uma adequada maturidade psíquica e religiosa. Sobre o Exame de si, afirma Adroaldo Palaoro:

Não se trata de somente revisar algo que já foi encontrado, mas um exame de si mesmo numa atitude de novas buscas. É uma experiência cotidiana de confrontação e de renovação. [...] pela prática do exame, podemos, no interior mesmo de nossa ação apostólica e na trama de nossa existência cotidiana, discernir os sinais da presença adorável de Deus, bem como os sinais de sua vontade e de seu apelo à participação na transformação deste mundo (PALAORO, 1992, p.44).

Na visão inaciana, o Exame de si é a oração privilegiada do ser humano apostólico, pois sensibiliza para ter um coração que discerne os sinais da presença de Deus, tornando-o dócil para captar a ação do Espírito e conhecer a sua vontade, bem como o torna ativo para a colaboração com a transformação do mundo.

Compreende-se que o Exame é tarefa permanente. Será preciso sempre saber olhar dentro de si, buscar as resistências, conhecer o mundo interior. Para Inácio, no entanto, o exame é um exercício espiritual que se faz diante de Deus, em atitude de reverência e de oração, em uma dinâmica de conversão, com os olhos colocados sobre um melhoramento na qualidade espiritual de vida. Olhar-se senão na presença de Deus, implica dois riscos, igualmente delicados, ou enxergar-se com

pessimismo ou com permissividade, ambos em alta escala. Para Inácio, o Exame de si é instrumento básico para ordenar os afetos desordenados. Comenta Oliveira:

Uma vez identificados os pontos fracos, de fonte de nossas afeições desordenadas, de trabalhar com determinação para ordenar a afetividade ferida, examinando-se diariamente sobre esses pontos ou sobre um deles (OLIVEIRA, 2014, p.37).

É conhecido que Inácio orienta examinar-se diariamente sobre esse ponto fraco, que indica afeição desordenada, comparando um dia com o outro para observar os progressos, contando com a graça divina, pois as virtudes são desenvolvidas progressivamente, a partir da autodisciplina. Para que haja crescimento na vida espiritual, a pessoa deverá colocar acento no desenvolvimento de virtudes sólidas, por meio de exercícios cotidianos de abnegação, mortificação e renúncia.

Inácio sabe, por experiência, da dificuldade para exercitar a liberdade em meio às diversas moções interiores. Por isso, ensina que o discernimento é processo contínuo, no qual a liberdade humana jamais está definitivamente garantida e os condicionamentos e ela sempre estão presentes. Contudo, para ele, o muito examinar-se é fundamental para o exercício constante da liberdade. Logo, o Exame é um método de discernimento diário, que ajuda a manter a atenção constante em Deus e na sua ação, bem como contribui para colocar em ordem as afeições desordenadas.

Exercitando-se para ordenar as afeições desordenadas, o ser humano vai adquirindo fortaleza interior para alcançar liberdade diante das coisas criadas. O mundo dos afetos, no entanto, faz parte da natureza humana e não pode ser renunciável. Na espiritualidade inaciana, as afeições desordenadas situam-se no nível do inconsciente. Não são nem do âmbito do pecado nem da psicopatologia, visto que Inácio tem consciência de que, no processo de integração humana, afeto e desejo têm um papel muito importante: os afetos são uma energia vital e, portanto, muito decisiva. Nesse sentido, afirma Oliveira:

Não se trata, portanto, de suprimir os afetos, tarefa, aliás, impossível, mas de ordená-los, transferi-los de sua aderência desordenada a criaturas para um apaixonamento pela pessoa de Jesus Cristo e por sua causa, o Reino de Deus. Uma pessoa sem afetos é inerte e morte, e não há seguimento verdadeiro de Jesus sem paixão (OLIVEIRA, 2014, p.37).

Inácio compreende que, para seguir Jesus Cristo, é necessária uma paixão por Ele, por seu estilo de vida e por sua causa, o Reino de Deus. Em outras palavras, aderir o seu afeto a Ele. Do contrário, os afetos aderem a coisas, a pessoas e a determinadas situações, e o ser humano apresenta dificuldade para delas se desprender. Para ele, os afetos tendem a passar da aderência de uma coisa a outra, de uma pessoa a outra, desde que esta outra tenha, do ponto de vista afetivo, alguma conexão com a primeira.

Para seguir Jesus Cristo, faz-se necessário conhecê-lo e encontrá-lo. Somente o encontro com uma pessoa encantadora e uma causa nobre é que fornece uma motivação interior para a transferência dos afetos. Assim aconteceu a Inácio. O seu ser foi-se transformando e houve uma verdadeira mudança de senhor a servir. Jesus passou a ser o seu Senhor e Rei Eterno, a quem escolheu seguir com lealdade. Nesse seguimento e assumindo uma nova maneira de viver, segundo o estilo de vida de Jesus, Inácio sentiu-se seduzido, experimentou profunda paz e encontrou o sentido de sua vida. Pode-se dizer que ele tomou como suas as palavras do profeta Jeremias: “Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir” (Jr 20, 7).

3.1.3 Liberdade humana diante das coisas criadas

O Princípio e Fundamento apresenta o fim para qual o ser humano é criado: louvar, reverenciar e servir a Deus. E experimenta que foi criado por puro amor para atingir esse fim. Sendo assim, ele é ser responsável, ou seja, capaz de responder em liberdade diante de um Deus criador, que cria a pessoa humana com um propósito de relação pessoal e, portanto, um ser que só realizará seu sentido à medida que, livre e responsabilmente, reconheça e realize tal propósito. Alcançá-lo é condição para ser salvo, ou seja, ter uma existência plena e feliz. Para assim viver, o ser humano precisa ser livre, assumir que Deus é o único absoluto.

O Princípio e Fundamento serve de orientação ao ser humano para chegar à indiferença e à disposição para desejar e escolher somente aquilo que mais conduz ao fim para o qual é criado. No Princípio e Fundamento, a pessoa coloca-se totalmente nas mãos de Deus. Essa tem uma atitude de oferecimento livre e radical ao Senhor e de aceitação de sua vontade. É uma oferta de seu querer e de sua liberdade, a fim de que o Criador dela se sirva, conforme a sua vontade, de seu ser

e de tudo o que ela possui. Essa entrega exige desprendimento de tudo o que a possa impedir de dar esse passo. Para tanto, faz-se necessário vencer-se a si mesmo e superar as afeições desordenadas, pois elas impedem uma escolha livre e autêntica.

Para Inácio, o amor desordenado da pessoa por si e pelas coisas fecha as portas ao amor que vem de Deus. Assim sendo, as coisas criadas formam o horizonte concreto diante do qual o ser humano exercita a liberdade e o uso delas. Logo, é o campo em que encontra a possibilidade de realizar-se acolhendo a oferta única e singular que o Criador concedeu ao ser humano. A respeito do que é liberdade, para Inácio, afirma Costa:

A liberdade é para Inácio – e para toda a antropologia cristã – o campo onde se pode dar ao mesmo tempo a oferta de Deus ao homem na forma de amor livre e pessoal e a resposta, igualmente livre e pessoal a esse dom: “em tudo amar e servir”, isto é, reconhecer a dependência desde a liberdade doada, mas real: servir desde o amor livre e agradecido (COSTA, 2012, p. 37).

Assim sendo, a liberdade é o espaço para o amor, a possibilidade de optar por algo oferecido à pessoa que, de maneira voluntária, abraça-o e a Ele se entrega. Contemplando a ação de Deus, a pessoa ama o mundo com maior liberdade, sem apegos. E, amando o mundo, ama de modo mais consciente a Deus, sabe ser grata, inclusive, porque o mundo revela Deus e sua ação. Assim, a pessoa vai desenvolvendo liberdade diante das coisas criadas, como também vai assumindo a sua responsabilidade. Nesse contexto, o grande poeta e escritor espiritual Teilhard de Chardin afirmava:

A relação simbiótica entre a liberdade humana e o mundo material quer dizer que as pessoas não podem entrar numa relação consciente com Deus, à parte do mundo, mas somente dentro e através do mundo. O amor de Deus e o amor do mundo não se competem entre si: a ideia do amor de Deus não está correlacionada a bater em retirada do mundo. A liberdade espiritual não nega a consciência estética, mas injeta nela um valor transcendente (CHARDIN apud HAIGHT, 2015, p. 236).

Todavia, a pessoa que tem e cultiva a espiritualidade passa a enxergar a vida, a sua realidade e a si mesma com maior consciência, lucidez e maturidade. Assim, é mais fácil encontrar o sentido de sua existência bem como a sua missão nessa existência, conseqüentemente ela terá foco e direção. Sua ação, suas escolhas, todo o seu ser e fazer serão permeados por uma atitude de discernimento. Viverá

com maior leveza. Dará sentido inclusive ao sofrimento e encontrará motivo para ser feliz. Tudo fará para proporcionar a felicidade daqueles com quem convive ou se relaciona. E isso faz toda a diferença nos ambientes, nas relações.

O ser humano sente-se realizado quando admite a sua inclinação para Deus. E a espiritualidade o ajudará nesse processo. Como também o ajudará a estar mais aberto e dócil ao Trancendente. Interpretando as ideias de Frankl, Thiago de Aquino afirmou:

O homem é um ser todo referido a Deus. A inclinação mais profunda do seu ser é a inclinação para o divino. [...] A condição humana, limitada pelo tempo e espaço, impõe uma limitação ao conhecimento; entretanto, o fato de que o sentido e a finalidade dos cosmos sejam ignotos para a pessoa, abre-se a perspectiva de uma confiança ou fé incondicional em um sentido (AQUINO, 2014, p.58-60).

É, pois, possível e pertinente, no entanto, a espiritualidade nesse contexto de mundo em que vivemos, e na sociedade atual. E, por falar em sociedade atual, vale trazer a grande apreciação pela fluidez da vida. É bom saber que, na subjetividade desta vida, nada é permanente, nada é sólido. Tudo muda, e continuamente. Porém precisamos cultivar a solidez interior, os valores pessoais, o autoconhecimento, a autocrítica, a autoconsciência. Aí está presente e, concretamente, a espiritualidade, que amplia o olhar como também ajuda a cultivar os relacionamentos, a vivê-los com liberdade e harmonia.

Por sua vez, Bauman usa o termo liquidez para tratar de alguns assuntos como o amor, o medo, a vida, o tempo... Em se tratando de relacionamentos, dirá, entre outras coisas:

No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decretos, e no topo de sua agenda existencial. “Relacionamento” é o assunto mais quente do momento, e aparentemente o único jogo que vale a pena, apesar de seus óbvios riscos (BAUMAN, 2004, p. 8-9).

Contudo, a existência da espiritualidade e a sua autenticidade no ser humano encontra razão de ser se o torna melhor como pessoa, se o ajuda a encontrar sentido e se favorece o seu relacionamento com os seus semelhantes, com o universo criado. Do contrário não passaria de ilusão, o que não combina com o que de fato é, nem com o motivo para o qual é cultivada.

Ainda no referente à espiritualidade, abre-se a discussão sobre um outro tema afim: a religiosidade. Esse não deixa de ser atualmente um tema bastante polêmico, devido à diversidade que comporta e as influências que ele sofre. A esse respeito, afirma Ribeiro:

É fato que as experiências religiosas na atual sociedade globalizada apresentam-se fortemente influenciadas pelo modelo econômico vigente. Por isso, reconhecemos que as análises científicas da religião não podem prescindir da relação com a economia, especialmente a força sedutora do capitalismo globalizado, como força de massificação e uniformização dentro de um quadro crescente de diversidade religiosa (RIBEIRO, 2015, p.1806).

Em relação à experiência religiosa, percebe-se que as pessoas estão buscando-a do seu modo e independente de instituições. Buscam-na à maneira que mais as ajude a entrar em contato com o divino, reagindo neste particular a estruturas rígidas, formais, padronizadas. Sobre isso, faz Ribeiro a seguinte afirmação:

Evidencia-se cada vez mais a privatização da experiência posta no indivíduo como sujeito autônomo da sua fé, capaz de escolher dentre as ofertas do mercado religioso os aspectos que lhe agradam e que contribuem para a recomposição de seu mundo e para integrá-lo em uma variada coloração religiosa (RIBEIRO, 2015, p.1806).

Enfim, a vivência de uma espiritualidade deve servir de meio para que a pessoa encontre uma maior harmonia consigo, com os seus semelhantes, com o cosmos. Pois tudo isso abrange-a, impulsiona-a a desenvolver-se e a evoluir enquanto ser humano em relação. E se expressa em uma visão global da vida e da realidade, de maneira a proporcionar integração, transcendência e sentido à existência.

3.2 ESPIRITUALIDADE ENQUANTO DISPOSIÇÃO INTERIOR

A espiritualidade vivida pelo ser humano é uma experiência de totalidade, que requer o envolvimento de toda a pessoa, em todas as suas dimensões. Neste ponto, portanto, serão tratadas questões referentes à espiritualidade cristã.

Logo, compreende o indivíduo como alguém que adere a Jesus Cristo e se deixa guiar pelo seu Espírito, concebido aqui como princípio dinâmico, que age lenta

e seguramente. Cabe, unicamente, ao ser humano o abandono e a entrega ao Espírito, numa disposição interior de abertura à graça.

Assim sendo, nas linhas a seguir, serão apresentados alguns conceitos e considerações sobre espiritualidade, a relação entre espiritualidade, liberdade interior e caridade, e Princípio e Fundamento: dispor o espírito ao amor.

3.2.1 Conceitos e considerações sobre espiritualidade

Considerar a espiritualidade na sociedade atual é levar em consideração mais uma dimensão da existência humana, a espiritual. Dessa forma, enxerga-se o ser humano como uma totalidade, aberto ao Transcendente e, portanto, capaz de se realizar.

Compreende-se por espiritualidade a vida humana vivida segundo o Espírito de Deus, que significa viver familiarmente com Deus, em intimidade com Ele, buscando-O por desejo e desejando em tudo realizar a sua vontade, que é atitude de quem O ama, pois amar alguém significa ser e viver para a pessoa amada, levando em conta que o Espírito de Deus está presente em toda parte, Espiritualidade também quer dizer viver sob a sua inspiração, que é sempre um caminho do bem que conduz ao amor. Assim sendo, é possível notar que desenvolver a espiritualidade não é tarefa complexa.

Considerando que o ser humano possui uma dimensão corporal e uma dimensão espiritual, busca-se a vivência da espiritualidade com o intuito de integrar ambas as dimensões, numa dinâmica de abertura ao Transcendente. Essa integração pode ser considerada sinônimo de salvação, visto que ajuda a pessoa a amar Deus e a buscá-lo em seu interior. É uma das maneiras de cultivar a espiritualidade é por meio da oração, a ser feita de maneira consciente e continuamente.

Observa-se que a espiritualidade se refere à vida interior de uma pessoa e visa a formá-la para o engajamento e comprometimento em prol da transformação da realidade. Também se refere à esfera da existência humana, ou seja, a maneira como uma pessoa vive a própria vida constitui a sua espiritualidade. Nesse sentido, afirma Haight:

Todo mundo tem algum tipo de espiritualidade. A espiritualidade se refere à organização básica da vida das pessoas, ao centro de

gravidade que dá coerência à soma total dos seus comportamentos. Todas as pessoas têm uma espiritualidade à medida que suas vidas têm uma certa coerência (HAIGHT, 2015, p.22).

Considera-se também que a espiritualidade ou vida espiritual de uma pessoa reflete e descreve a sua história, o seu modo de interação com outras pessoas e com o mundo. Logo, vida espiritual existe em potência em todo ser humano pelo simples fato de existir bem como pode ser o seu aspecto mais nobre, por englobar a sua totalidade e exigir um trabalho sobre si, uma transformação pessoal. E, ainda, dá condições de superar barreiras e dificuldades, o que seria praticamente impossível sem o desenvolvimento da dimensão espiritual.

Leva-se em conta que o crescimento espiritual é um processo gradual e paulatino, feito de tensões, contradições, conflitos e rupturas de equilíbrio. O ritmo para tal crescimento pode variar de acordo com cada pessoa, as situações por ela vivenciadas e a liberdade de Deus. Tal processo leva o ser humano ao encontro do novo, ou seja, injeta um espírito de novidade, a fim de que o ser humano não caia na rotina nem se contente em percorrer um caminho fixo, com práticas determinadas.

A pessoa experiencia uma presença luminosa de Deus no núcleo mais profundo de seu ser. Nessa experiência de iluminação, ela se sente uma só coisa consigo e com Deus. Obviamente, a pessoa não vê Deus diretamente, mas tudo nela se torna claro e o seu núcleo mais íntimo torna-se luz. Trata-se não de um conhecimento teórico de Deus, mas experiencial e existencial. E em seu ser mais profundo deseja o bem, deseja fazer o bem, deseja amar.

A espiritualidade cristã é fundada no encontro com Jesus Cristo e na vida no Espírito Santo, que leva o serviço ao próximo na vida cotidiana. O Espírito Santo toma por inteiro o ser humano e renova todas as dimensões de sua existência, oferecendo-lhe nova motivação e vigor.

Na identificação com Jesus Cristo, a pessoa age na liberdade. Assim, sua práxis será sempre livre, dinâmica, responsável e transformadora. Pois se estabelece um ciclo entre o encontro pessoal com o Senhor e o serviço aos mais necessitados.

No que se refere à Espiritualidade Inaciana, é possível afirmar ser Espiritualidade exigente que não aceita obediência infantil à autoridade nem submissão incondicional a princípios teóricos, os quais podem desembocar numa intransigência desumana ou numa incapacidade desesperada e trágica de vivê-los

no presente. Trata-se de uma Espiritualidade que deixa à pessoa a responsabilidade de buscar e encontrar a vontade de Deus ao longo de sua trajetória histórica. Espiritualidade para adultos, porque respeita a liberdade individual.

3.2.2 Relação entre espiritualidade, liberdade interior e caridade

Na sociedade atual, é comum associar liberdade à felicidade, e a felicidade ao possuir. Acredita-se, no entanto, que, quanto mais tem, o ser humano é mais feliz. Ou seja, quanto mais propriedades possuir, mais senhor e, portanto, mais livre. Quando, na verdade, é mais escravo de si e de suas apropriações. Pois está mais atado. Logo, mais dependente é. Normalmente, por seu insaciável desejo de ter, castiga-se com inveja, rivalidade e manobras para conquistar coisas que, certamente, lhe darão prestígio pessoal, porém vive inquieto, por medo de perdê-las.

Porque, na verdade, tudo na pessoa deve convergir para Deus e nada do que é humano deveria estar fora da espiritualidade. Todo ser humano tem em si uma sede de eternidade, uma espécie de saudade de Deus, que o impulsiona a buscá-LO nas mais diversas manifestações, tempos e lugares. Há também uma necessidade ontológica de totalidade do ser. Portanto, só o Espírito de Deus unifica a totalidade da existência. Nesse sentido, afirma Conte:

É dentro da natureza que o Espírito de Deus vai aperfeiçoando a humanidade, num processo histórico paciente, contando com a liberdade e a cumplicidade do ser humano. O “Sobrenatural”, ou seja, a presença de Deus, se fa dentro das situações normais, conflitivas, de pecado, frustração ou alegria, trabalho, vida, doença e morte, enfim tudo o que pertence à condição humana corporal e espiritual (CONTE, 2001, p. 33).

No desenvolvimento da própria liberdade, o ser humano recebe a liberdade divina, que lhe confere uma missão e o chama sem cessar a ir mais longe, porque a comunicação divina é corrente de vida que se nutre de uma fonte inesgotável e se renova em seu constante fluir. A concepção inaciana da liberdade humana diz respeito a uma abertura radical à liberdade infinita de Deus, que chama a pessoa a colaborar no plano da salvação. Adroaldo Palaoro descreve a maneira como Inácio concebe a liberdade da seguinte forma:

Inácio não justapõe a vontade de Deus como uma a mais a ter em conta, senão como a soberana e única fonte de sua liberdade. Longe de diminuir ou anular a liberdade humana, a vontade divina é a sua

fonte e o seu cume. Porém, o simples fato de ter encontrado a vontade de Deus não significa que já se tem um plano detalhado e definitivo da divina providência...senão que se tem uma direção fundamental, uma opção radical, um caminho, que a cada dia se enriquecerá e através da qual continuará a receber novas manifestações da vontade divina (PALAORO, 1992, p.43).

Nada mais importante ao ser humano que a liberdade, inclusive para acreditar ou não em Deus. E é com liberdade que a pessoa assume um jeito de ser e de viver desenvolvendo uma espiritualidade. Nessa maneira de ser e de viver, a pessoa poderá sentir a necessidade ou inclinação interna para desenvolver uma espiritualidade, como meio para relacionar-se com Deus. Interessante considerar uma das maneiras de Martin, sacerdote jesuíta, olhar a espiritualidade:

A espiritualidade é um modo de viver um relacionamento com Deus. Na tradição cristã, todas as espiritualidades, independentemente de sua origem, têm o mesmo foco: o desejo de união mística com Deus. A ênfase no amor e na caridade (MARTIN, 2012, p. 8).

De fato, o coração humano anseia por relacionamento com Deus, e busca meios para isso. A caridade é uma expressão, por excelência, da união com Deus. No hino à caridade, escrito por São Paulo aos coríntios, em sua primeira Carta, capítulo 13, aparece uma relação entre o que vem a ser a caridade e a imagem do que o ser humano, que cultiva a mística, faz de Deus. E o sentido mais pleno da espiritualidade consiste no fato de ter o olhar voltado para Jesus Cristo, modelo a ser imitado, Homem Deus a ser seguido e que é, ao mesmo tempo, o ponto culminante da história da salvação. Ao entrar na espiritualidade concreta de Jesus de Nazaré, que é o fundamento do cristianismo, a pessoa adquire um novo acesso à metanarrativa cristã da história da salvação.

A espiritualidade cristã provoca o encontro com o outro, a saída de si, de um possível dinamismo interno marcado pelo egoísmo para um movimento de compaixão e solidariedade. Baseando na prática e no ensinamento de Jesus Cristo, o ser humano busca, de crepúsculo a crepúsculo e de aurora a aurora, fazer ao outro tudo o que deseja que a ele seja feito. Isso é a maneira concreta de viver a caridade, que é amor oblativo. Esse tipo de amor só é possível àqueles que amadurecem espiritualmente. A esse respeito, afirma Miranda:

A maturidade espiritual pressupõe uma pessoa realmente livre. Nesse sentido podemos afirmar que a espiritualidade inaciana consiste numa pedagogia da liberdade. [...] O respeito à liberdade pessoal, a importância dada à experiência e a disponibilidade para o

agir de Deus vão caracterizar também o modo de proceder de Inácio (MIRANDA, 2014, p.20).

Assim sendo, enquanto fundador e superior geral da Companhia de Jesus, Inácio não queria regras muito minuciosas ou demasiado severas, mas, considerando que Deus fala através dos acontecimentos e da própria experiência, vê que é importante aprender da vida concreta, e não querer impor uma determinação teórica ou ideal que, não podendo ser cumprida, ocasionaria mais mal do que bem.

O ser humano, no entanto, que está, constantemente, procurando abrir-se à ação do Espírito Santo, dispõe a liberdade para o bem, por meio de uma escolha: fazer a vontade de Deus. Assim, a sua liberdade interior será efetiva e sempre o melhor critério de veracidade e de acerto na busca dessa vontade divina. E o nível da liberdade está em constante crescimento.

Por experiência, Inácio bem sabe que não adianta almejar uma meta muito elevada se uma percepção realista indica a impossibilidade de alcançá-la. Cabe um discernimento contínuo, que propicia abertura à liberdade divina, respeitando os limites e os condicionamentos da pessoa humana que tem seus precedentes e suas possibilidades, que é espírito num corpo, que é indivíduo numa sociedade e que constrói a sua identidade num processo histórico gradual.

3.2.3 Princípio e Fundamento: dispor o espírito ao amor

A ação de Deus é de dentro para fora do ser humano, dando-lhe condições de tornar-se pessoa nova a cada aurora. Cabe ao ser humano abertura a Deus e atenção à sua presença, bem como, exercício de práticas espirituais que façam com que disponha o seu coração a amar. Com o decorrer do tempo a pessoa vai afeiçoando-se de tal forma ao Senhor, que aprende a discernir a vontade de Deus para a sua vida. É um aguçar de ouvido interior para escutar a voz do Senhor e atendê-la com presteza.

Exercita-se para dispor o espírito ao amor por meio da oração. Na oração, a pessoa entrega-se à Presença completamente real, interna e invisível, que preenche o interior e dá sentido à existência. Para tanto, é imprescindível dedicar tempo e cultivar o silêncio.

O amor de Deus é uma verdade a ser sentida no mais íntimo do ser. E se dá ao aguçar a pessoa o seu olhar para enxergar o caminho por onde o Senhor tem guiado a sua vida, como a tem modelado e como a escolheu, não obstante as suas fraquezas, pecados, fragilidades e limites. Nesse sentido, afirma Jaer:

Algumas coisas me agradam, outras me desagradam. Devo reconhecer que é em tudo isso que sou escolhido e amado por Deus; há também toda a história que me modelou e que eu também modelei. Deus me acompanhou, escolheu, amou, quaisquer que tenha sido as sinuosidades ou os altos e baixos de meu caminho de vida (JAER, 2009, p.31).

A vida nem sempre aparece como um caminho linear a ser trilhado. Ao contrário, a pessoa precisa contar com experiências de solidão, tristeza, frustração, o que não significa ausência de Deus, muito menos de seu amor. Justamente nesses momentos da vida, o ser humano é convidado a fortalecer a fé, alimentando a certeza da escolha e predileção de um Deus que não existe, Ele é. E não cabe nos moldes e padrões meramente humanos. O salto da fé pode-se dar no fato de a pessoa examinar a própria vida e perceber as pegadas de Deus que acompanha, sustenta e acolhe, sem nada exigir, nada esperar, nada buscar. Se o ser humano insistir em acreditar que Deus tem vontade, que seja uma crença de que a sua vontade é a realização e a felicidade humana, que é construção diária.

Nem sempre é fácil sentir-se amado, aceito e escolhido por Deus. E não basta saber e sentir-se amado por Deus, mas atual e continuamente criado por Ele. Criado/a agora, no momento presente, por Deus. Criado no ser e em todo o concreto da existência. Assim, o ser humano é convidado, constantemente, a aceitar ser recebido por Deus exatamente como é, a consentir ser totalmente Dele. Pois, antes de existir, a pessoa é escolhida e amada no coração de Deus. Com isso, a pessoa vai exercitando-se a sentir que o seu amor criador apaixona e arde no mais íntimo do seu ser. Isso significa, aqui, no Princípio e Fundamento, salvação. A esse respeito, afirma Jaer:

Porque esse projeto de Deus está inscrito no mais íntimo de tudo o que existe e em mim. O desejo de amor do Senhor (sua vontade) é que tudo que Ele escolheu, criou, amou, seja um dia plenamente realizado, reunido, salvo Nele (JAER, 2009, p.32).

Fazendo a experiência de ser salvo, o ser humano deseja contribuir com a salvação de seus semelhantes, ou seja, de contribuir para que esses tenham vida em plenitude, o que significa instaurar, estabelecer o Reino de Deus (Mt 6,34), o

reino do amor em nosso mundo. Isso significa também estar comprometido com Deus e com o Seu desígnio de amor. Pois o Senhor chama e convida a cada um para realizar, com Ele, neste mundo, seu projeto de amor, inscrito em seu ser.

É lá, onde Deus cria, no momento presente, a pessoa humana, com tudo o que ela é, com os seus desejos mais profundos, o seu lugar único e intransferível nesse empreendimento, cuja fonte é Ele próprio, origem da identidade profunda do ser humano, Aquele que suscita desejos profundos. Esses desejos são muito importantes. E a pessoa precisa estar muito atenta para discernir os verdadeiros desejos, aqueles que estão enraizados em Deus. Porque sendo o ser humano muito complexo, possui múltiplos desejos, às vezes, inclusive, contraditórios. É certo que são inúmeras as coisas que o atraem e despertam o desejo. Observa-se que os desejos podem ser mais profundos ou mais superficiais; mais fundamentais ou mais imediatos; mais ordenados e mais autênticos ou mais desordenados.

Santo Inácio considerou, no Princípio e Fundamento, que todas as coisas foram criadas para o ser humano a fim de o ajudarem a chegar ao fim para o qual é criado, Uma das maneiras de interpretar isso é que as coisas são criadas para o crescimento da pessoa humana, para ajudá-la a alcançar a sua felicidade, para realizar a finalidade de sua existência. Não são raras as vezes que a pessoa deseja inúmeras coisas, tais como: relacionamentos, saúde, segurança, cultura, bens de consumo, viagens, boa situação financeira, conforto, entre outros. E tudo isso foi criado para o ser humano. Deus viu que tudo era bom (Gn 1,31). Porém, a atenção deve ser dada à relação do uso das coisas criadas, sem apegos e com sentido do outro.

Existe uma grande tentação de se acreditar que o relacionamento do ser humano com Deus se dá, é vivido apenas na oração, em seu relacionamento pessoal com Deus, e isso não é verdade. A relação do ser humano com Deus passa por sua relação com as coisas. A esse respeito, afirma João A. Macdowell:

A loucura inaciana não consiste em desprezar os valores humanos, as riquezas materiais e culturais, o desenvolvimento harmonioso da personalidade, o exercício da razão ou o equilíbrio moral. Sua originalidade reside em viver todas estas dimensões da existência em plena liberdade, não em função de um projeto pessoal de autoafirmação, mas a partir da consciência de sua gratuidade, como expressão do amor, no serviço dos outros (MACDOWELL,1993, p.44).

Pensa-se ser imprescindível perceber que é, por meio das coisas e do seu

uso de modo ordenado, que se busca e se encontra o Senhor. E o mais importante: realiza-se o desígnio de amor. Enraizada nesse amor, a pessoa vai discernindo as coisas que são boas para ela, aquelas que irão ajudá-la a encontrar o sentido de sua vida. E, ainda, que escolhas deverá fazer, entre todas essas coisas boas, com liberdade, sem se deixar conduzir por vontades e desejos superficiais demais e ilusórios, o que não é tarefa fácil. Desse modo, Inácio afirma que não se faz discernimento sozinho/a. Antes, faz-se necessário contar com a graça divina e a orientação de uma pessoa experiente na vida espiritual.

Uma das coisas que em muito favorece uma pessoa a viver em estado de discernimento são os Exercícios Espirituais na vida cotidiana, pois acentuam mais as coisas criadas, que formam a trama de sua existência. Inácio estruturou tais Exercícios Espirituais a partir de sua própria experiência e orientou os seus primeiros companheiros a dá-los individualmente às pessoas. É importante, para quem dá, levar em conta a idade, a escolarização, o estado de vida, a saúde e, sobretudo, a disposição interna e a constituição interior de quem recebe.

3.3 O USO ORDENADO DAS COISAS CRIADAS

Para chegar ao amadurecimento humano e espiritual que possibilite à pessoa fazer uso ordenado das coisas criadas, há um processo contínuo, que exige ânimo, generosidade e determinação. Somente aquele que descobriu ser Deus o seu Absoluto, bem como o fim da sua existência, é capaz de colocar as coisas em seu devido lugar, não dando espaço no interior para o vazio, algo tão comum na sociedade atual. Eis o eixo do Princípio e Fundamento da Espiritualidade Inaciana. Para realizá-lo, a pessoa sente-se interpelada a viver em estado de discernimento.

Para viver em estado de discernimento, é imprescindível prestar atenção à própria disposição interna e à constituição interior, à qualidade de seus desejos e necessidades e à sua relação com as coisas criadas. Para tanto, muito ajuda a oração pessoal e, sobretudo, o constante exercício do Exame de si. Esses meios contribuem para o despertar da consciência, a fim de viver a verdade que liberta.

Nesse ponto, dar-se-á relevância à importância de usar, de maneira ordenada, as coisas criadas, o que vai conduzindo a pessoa a ser senhora de si e tornando-a indiferente. Na espiritualidade inaciana, a indiferença é a graça de

ordenar os desejos, das tendências e dos sentimentos. É, portanto, uma tarefa para a vida toda. Porque o ser humano deve colocar-se diante de Deus na verdade de seus desejos, de suas vontades, que em muitas coisas não estão plenamente ordenadas para chegar a Deus.

Com o intuito de oferecer meios para uma melhor compreensão, será apresentada, de maneira breve, a biografia de Inácio de Loyola, o seu processo de conversão e o convite que ele faz, com base em sua própria experiência, à indiferença, que é fruto de um amadurecimento humano e espiritual. E que requer liberdade interior.

3.3.1 Santo Inácio de Loyola: breve biografia e alguns traços de sua personalidade

Filho de Marina Sánchez de Licona e Beltrán de Oñas y Loyola, Inácio nasceu no castelo de Loyola, no País Basco, em 1491. De família nobre, seguiu a carreira militar, tornou-se cavaleiro (a serviço do vice-rei de Navarra). Até os vinte e seis anos de idade, foi homem dado às vaidades do mundo e deleitava-se, sobretudo, no exercício das armas. Até então, a sua fé era inoperante. Um de seus biógrafos chegou a afirmar que até esse tempo, embora afeiçoado à fé, não a colocava em prática. Gostava muito de jogos, de mulheres e de torneios. Numa batalha em Pamplona, Espanha, teve uma das pernas atingida por uma bala de canhão e a outra ficou muito ferida. Não podendo apoiar-se sobre a perna, viu-se obrigado a ficar na cama. Sua perna foi salva, porém dali em diante iria andar mancando de maneira evidente. Acerca de sua personalidade, Oliveira o descreve da seguinte maneira:

Inácio era profundamente narcisista: preocupava-se com a aparência e o aspecto corporal, orgulhava-se de seus cabelos louros e cuidava da indumentária. Alimentava o desejo de ganhar honras, de praticar grandes façanhas para ter um nome na terra e ser contado entre os grandes; além disso, aspirava a obter favores de uma dama que era mais do que duquesa. Enfim, sentia necessidade compulsiva de distinguir-se perante o olhar próprio e dos outros. Por não tolerar que sua perna mal encanada apresentasse uma deformação, submeteu-se a uma carnificina para corrigir o defeito (OLIVEIRA, 2014, p.26).

É interessante ver os “bastidores da santidade”. Assim sendo, procura-se conhecer o “homem Inácio” antes de buscar conhecer o “Santo Inácio”. A sua

história de vida é marcada por perdas que deixaram marcas profundas em seu interior e o fizeram apresentar algumas características de pessoa depressiva. Muitas vezes notava-se uma tristeza em seu olhar e percebia-se uma angústia em seu coração, aspectos com os quais ele precisou aprender a conviver durante anos a fio. Ora, Inácio era o caçula de treze irmãos. Perdeu a mãe aos cinco anos de idade e o pai aos catorze. Não se sabe se chegou a conhecer a mãe. Tinha uma ama de leite, Maria Garin. Ele não conheceu os avós. Além da carência materna e ter convivido poucos anos com o pai, a carência dos avós, que é sempre fonte de ternura e, sobretudo amor, deixou lacunas profundas em seu caráter. Eis o que Oliveira afirma em relação a aspectos afetivos de Inácio:

Ele se tornou um homem afetivamente introvertido e solitário; embora rodeado por companheiros, sempre se refugiava em sua interioridade. A ausência da mãe seria a fonte de sua depressão: por achar que era o responsável pela perda do objeto amado, sentia-se abandonado e extremamente culpado, o que desencadeou uma crise mortal de escrúpulos, com ímpetos de suicídio e desânimo (OLIVEIRA, 2014, p.25-26).

Nota-se que o universo afetivo de Inácio, por ser um homem carente de amor, narcisista, autocentrado e orgulhoso, encontrava-se desordenado e ferido por ocasião de sua conversão. Tinha afeições desordenadas e hábitos pecaminosos impregnavam a sua vida e ele teria de enfrentar em sua generosa cooperação com a graça.

Ainda levando em consideração a falta que Inácio sentia de sua mãe, pois se perguntava se já amou na vida, escreve Cruz a respeito de alguns desabafos feitos por ele:

Se não fosse o amor [...] Mil e uma cenas de amor voltam-lhe à fantasia. Mas a primeira cena de amor, a mais profunda e inesquecível é a de sua mãe, que lhe acariciava o rosto flácido, na sua infância. Ela morreu tão cedo que não lhe permitiu beber na autêntica fonte o amor verdadeiro. – Amor verdadeiro só o de mãe! Continua o soldado adulto, sentindo a falta do coração maternal (CRUZ, 1984, p.10-11).

Levando em conta o momento histórico em que viveu Inácio, quando não se tinha conhecimento dos mecanismos do inconsciente, a sua transformação só pode ser explicada por uma extraordinária experiência mística, uma vez que alcançou a integração harmoniosa de seus afetos desordenados. Acontece então a intervenção do Espírito Santo, transformando sua vida e as estruturas de sua personalidade.

Uma vez consciente da ação divina em seu ser, deixa como legado os Exercícios Espirituais como “modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas”, com o seguinte objetivo: “buscar e encontrar a vontade divina na disposição de sua vida para sua salvação”, que consiste em meditações sobre as histórias de Jesus nos Evangelhos e orienta o exercitante a uma vida espiritual engajada. Além disso, ele se engaja na espiritualidade cristã de maneira profunda e metódica, com conteúdo real.

Nos Exercícios Espirituais Inácio apresenta diversos métodos de oração que vêm da Tradição da Igreja, aqueles que lhe pareciam mais eficazes e lhe haviam sido mais úteis, de acordo com a sua experiência pessoal. No livro dos Exercícios Espirituais, não existe nenhuma reflexão teológica sobre a oração nem uma definição sobre oração. Mas, explicando no início dos Exercícios o que pode ser entendido por “Exercícios Espirituais”, Inácio se mostra flexível. Segue o que ele escreveu:

Por Exercícios Espirituais se entende qualquer modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e outras operações espirituais, de que adiante falaremos. Assim como passear, caminhar e correr são Exercícios corporais, chamam-se Exercícios espirituais diversos modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas. E, depois de tirá-las, buscar e encontrar a vontade divina na disposição de sua vida para sua salvação (LOYOLA, 2016, p.10).

Para Inácio, a oração não esgota a atividade espiritual do ser humano, mas está incluída entre as coisas espirituais. Indica também sua preferência por uma concepção qualitativa da oração, e não quantitativa. Considera, portanto, que não é a duração que faz a oração.

Por esse motivo, Inácio não deixou qualquer tratado sobre oração ou sobre a teologia da oração, e sequer propôs uma noção pessoal sobre ela. No entanto, concede-lhe o lugar privilegiado, que toca a vida espiritual. É um dos “exercícios espirituais” que constituem a vida interior da pessoa que deseja, sinceramente, entregar-se inteira e generosamente a Deus.

Inácio era um homem prudente e apresentava um sentimento de desconfiança em relação ao excesso de contemplação e às orações prolongadas sem discricção. Ele viveu em uma época em que havia uma tendência para longas horas de oração e a manifestação de dons extraordinários. Essa prudência o levou a compor as “Regras de Discernimento dos Espíritos”. Elas ajudam a pessoa a

descobrir as astúcias do inimigo da natureza humana. Uma vez que ele se aproveita, inclusive, do momento da oração para fazer o ser humano cair em ilusões, de modo que tome por ação divina o seu próprio sentimento ou uma tentação, dissimulando-se em aspecto de um bem ou de uma consolação. Sabendo, por experiência, que o exercício da oração não estava isento de perigos, advertiu, no livro dos Exercícios Espirituais [332]:

É próprio do mau anjo, assumindo a aparência de anjo de luz, introduzir-se junto à pessoa devota para tirar vantagem própria. Isto é, sugerir pensamentos bons e santos, conforme a esta pessoa justa, e depois, pouco a pouco, procurar sair com a sua, atraindo-a para seus enganos escondidos e perversas intenções (LOYOLA, 2016, p.126).

Inácio bem sabia que nem tudo o que é bom em si, é bom para a pessoa. Relativiza, contudo, o valor da oração na vida interior intuindo que o mais importante não é rezar a cada momento, mas fazer em todas as coisas a vontade de Deus. Porque uma vez ordenada para Deus, a vida, em seu conjunto, pode ser chamada oração.

O que resume o pensamento de Inácio acerca da oração contínua é a que se faz tendo Deus diante dos olhos. Para ele, é tê-LO sempre, que significa uma graça concedida a quem Ele quer. Inácio bem sabe, uma vez que foi beneficiado com uma experiência em La Storta e está registrado em sua Autobiografia [10]. Segue:

E já se ia esquecendo os pensamentos passados com a força desses santos desejos que experimentava, os quais lhe foram confirmados por uma visão que se deu do modo seguinte. Estando uma noite desperto, viu claramente uma imagem de Nossa Senhora com o santo Menino Jesus, com a qual recebeu, durante bastante tempo, uma grandíssima consolação, e ficou com tal asco de toda a vida passada, e especialmente de coisas da carne que lhe parecia terem desaparecido da alma todas as imagens que nela antes tinha impressas (LOYOLA, 2015, p. 43).

Inácio considerou como autêntica essa oração contínua. Logo, não permite passar em silêncio as graças extraordinárias que recebeu, tais como: dons de purificação do coração, de iluminação de seu entendimento, de aprofundamento de sua fé, que lhe serviram de sinais a confirmar a vontade de Deus em relação à sua vida e aos seus projetos.

É possível perceber ser Inácio, ao mesmo tempo, um homem de ação, comprometido em diversas atividades apostólicas e familiar com Deus. No entanto,

ele não faz dela um absoluto, mas concebe a oração como um meio. Ademais, sem fazer muito uso de palavras na oração, foi um homem de elevada oração mística.

Sua vida não foi um prolongamento de dias, nem uma mera sucessão de fatos, mas Inácio viveu com intensidade os seus sessenta e cinco anos. Acometido de litíase biliar e cirrose hepática, faleceu por volta das sete horas da manhã do dia 31 de julho de 1556. Ele estava imerso numa imensa paixão por Cristo, que o desarraigava da vida terrena como um furacão.

3.3.2 Processo de conversão de Santo Inácio de Loyola

Nos momentos de lucidez, Inácio percebe a gravidade da situação. No leito, embora o calor lhe arda nas costas, não pode mover-se, para não desinstalar a junta dos ossos que ainda não se ligaram às fibras dos nervos. A respeito de seus desabafos, narra Cruz:

A inércia me mata! – geme Inácio, sentindo-se inútil, por causa da imobilidade. Aprecia as ações externas e arrojadas. Vibrar a espada, galopar pelos campos, desafiar para o duelo, chaco-tear pelas esquinas com mulheres desenvoltas (CRUZ, 1984, p. 10).

Durante o período de recuperação de seu ferimento na perna, Inácio ficou na casa de seu irmão, sob os cuidados diretos de sua cunhada. Sabendo-se ser ele muito dado à leitura de romances de cavalarias e, sentindo-se melhor, pediu à sua cunhada alguns desses para passar o tempo. Porém, por ser a família muito religiosa, na casa não havia nenhum desses livros que Inácio pedira para ler e ela deu-lhe: “A imitação de Cristo”, de Thomás Kempis, um livro sobre a vida dos santos. Lendo-os muitas vezes, ia-se afeiçoando ao que lia. E se lhe abriam os olhos do entendimento. Debruçado sobre a biografia de Inácio, Idígoras escreve acerca de seu processo de conversão:

A conversão de Inácio não foi instantânea e fulminante, mas trabalhada em horas solitárias de pensamento e meditação. Chegado a determinado ponto, os olhos começaram a abrir um pouco, os olhos do espírito, naturalmente (IDÍGORAS, 2001, p.24-25).

Considera-se abertura dos olhos do espírito aquela maneira nova de enxergar a si, ao outro e ao Senhor. Deus passa a ser aquele que encanta e atrai, ao mesmo tempo que interpela ao seguimento comprometido de Jesus Cristo e ao serviço generoso ao próximo, a partir dos próprios dons que a pessoa tem. Foi o que

ocorreu com Inácio. Encantado por Jesus Cristo, por seu modo de viver, e pelos feitos dos santos que buscava imitar, afirmava, tomando como propósito de vida: “se eles fizeram isso, também posso fazê-lo. E ainda muito mais!” É que no momento desejava assumir uma nova postura diante da existência. Estava totalmente decidido a viver, como projeto pessoal, o projeto de vida de Jesus. Independente dos caminhos trilhados até então, tomando nas mãos os valores internalizados, assumiria a autoria da própria vida. Enfim, Inácio estava determinado a ser peregrino da vontade de Deus, ou seja, de segui-lo e servi-lo, aonde o Senhor aprovesse enviá-lo. Nesse sentido, escreveu Idígoras:

Agora buscava uma ruptura total com sua vida anterior. Buscava libertar-se dos condicionamentos de seu passado. Inácio é uma “paixão convertida”, como uma torrente de forças a serviço do Deus que o seduziu (IDÍGORAS, 2001, p.26)

Não desejava senão orientar a própria vida, redirecionando os seus hábitos e inclinações de pecado, ordenando os seus afetos. Trata-se de um movimento de dentro para fora, de uma adesão aos ensinamentos de Jesus Cristo. Possui agora uma “nova paixão”: Jesus Cristo e o seu Reino. Essa sua paixão ocupará os seus pensamentos, desejos, sonhos e despertará as suas emoções. Inácio foi um homem de grande desejo. Também era notável a força de sua determinação. Diferente do que algumas pessoas pensam, Inácio era homem terno, gentil, generoso, bom. Gostava de tratar com as pessoas, de estabelecer colóquios espirituais com quem dele se aproximasse. Quanto à postura que foi assumindo, descreve Idígoras:

Os primeiros companheiros de Inácio destacavam a sua bondade e doçura. Olhava um por um, era paciente e delicado, progressivamente exigente, principalmente em matéria de retidão de intenção, cumprimento de normas, generosa disponibilidade (IDÍGORAS, 2001, p.64).

Inácio era um homem sensível e muito educado, porém não lhe agradava notar em algumas pessoas sinais de mentira e de desonestidade. Sabia acolher e escutar com respeito. Desenvolveu, aos poucos, profunda espiritualidade, a ponto de fazer notar uma luz que emanava de seu ser. Descrevendo a experiência espiritual de Santo Inácio, Adroaldo Palaoro afirma:

A experiência de Inácio de Loyola é aquela de um cristão que, sob a ação do Espírito Santo, toma consciência, cada vez mais clara e profunda, da vontade de Deus sobre ele mesmo e sobre o mundo. Deus toma a direção de sua vida e ele, Inácio, não faz outra coisa

senão “dispor-se” à força da graça que o conduz por caminhos antes inimagináveis (PALAORO, 1992, p. 18).

Tendo feito uma experiência de Deus, de maneira pessoal, nada mais resta a Inácio senão deixar que o mesmo Deus o conduza e revele a sua vontade para a sua vida. O que poderá constituir, sem dúvida, novos projetos, novos dinamismos, novos caminhos. Para isso, é imprescindível a fé, que é sinônimo de confiança profunda em Deus, que quer sempre o melhor para o ser humano, que conduz sempre o ser humano ao fim para o qual é criado. Inácio, deixando-se conduzir pelo Espírito de Deus, vai aos poucos se tornando um novo homem, assumindo novos valores, como: não mais buscar honra, prestígio e glória para si, como fizera até então, mas persiste em buscar a honra e a glória de Deus, em todas as suas ações e palavras, fazendo-se notar o início de sua reforma de vida, de uma reforma interna, profunda e verdadeira.

Inácio passou a perscrutar a vontade de Deus para a sua vida. A partir das leituras que realizava, surgem em Inácio movimentos interiores que, mais tarde, chamará de moções. Muito o ajudou a sua capacidade de auto-observação. Sobre isso, afirma Oliveira:

A sua primeira experiência espiritual, motivadora de sua conversão, no fundo, está ligada a essa capacidade de auto-observação. É uma experiência de discernimento. [...] Pode olhar para dentro de si e perceber o que sucede no seu íntimo (OLIVEIRA, 2013, p.31).

De fato, Inácio é dotado de uma notável capacidade de auto-observação, qualidade humana enriquecida pela graça, que o leva a fazer uma autoanálise tão perfeita quanto é possível a um ser humano. O que muito colaborou para a sua transformação, mudança de vida, conversão.

Inácio passou por uma forte experiência de conversão por meio da qual aprendeu a captar e a interpretar a ação de Deus em seu íntimo. Embora vivendo em um tempo conturbado por divisões confessionais e pelo início do que seria a modernidade, na busca por critérios para a vida cristã, evitou os extremos de uma obediência mecânica e fideísta à autoridade eclesial total do ser humano em seu relacionamento com Deus.

Questionado acerca do que pregava, responde não pregar, mas conversar com pessoas amigas sobre as coisas de Deus. Inácio é confrontado, tanto em Alcalá quanto em Salamanca, por falar de Deus e das coisas de Deus, ou ainda dos

assuntos de fé, sem ter estudado teologia durante o tempo estipulado de quatro anos, sem ser clérigo, o que poderia ser considerado alguém com inspiração do Espírito Santo. Isso o levou a ser julgado diante de quatro juízes da Inquisição para os quais respondeu a todas as perguntas. E respondeu de tal maneira que não puderam censurá-lo. Sobre a sentença, escreveu Vásquez:

A sentença não o condenava, mas proibia-lhe definir o que era pecado mortal ou pecado venial. É por isso que Inácio, sem em nenhum momento negar a autoridade do Tribunal, não quis de forma alguma aceitar a sentença (VÁSQUEZ, 1993, p.18).

Inácio expressa o que pensa por meio do silêncio, sem reclamar nem protestar. Lida a sentença, ele falou que faria tudo o que fora ordenado, mas não aceitaria. Pois, sem condená-lo, fecham-lhe a boca e impedem-no de ajudar as pessoas. Isso o fez tomar a resolução de ir a Paris estudar. Partiu sozinho e a pé, consciente de que entre o estudo e o Espírito Santo não há contradição.

Essa foi, sem dúvida, uma marca de Inácio enquanto homem indiferente, disponível a aceitar os desígnios de Deus não obstante os conhecer. A partir de sua experiência, orienta as pessoas a tornarem-se “indiferentes”, o que é um exercício. E, para ele, conhecer Deus e ajudar as pessoas são indissolúveis. Essa indiferença se deu em seu ser porque ele descobriu o sentido de sua vida em Jesus Cristo feito homem por meio da Encarnação.

Antes de adquirir tal indiferença, confiava em seu esforço humano e sua ação voluntária. A vida que escolhia ainda estava distante de um querer eficaz, pois Inácio dava ênfase aos projetos que partiam de sua iniciativa e desejava agir por si mesmo, conquistar sua própria salvação, como se quisesse forçar a mão de Deus. Aos poucos, ele vai alinhando o seu desejo profundo de servir a Deus, tornando-se dócil, realizando uma entrega de sua vida ao Senhor, já não buscando honra e glória para si, mas tudo fazer para a “Maior Glória de Deus”.

Não obstante a sua nova caminhada, a busca de honra continua sendo uma tentação para Inácio, porém assume como lema de sua vida a expressão acima citada e passa a orientar outras pessoas a fazerem o mesmo, tornando-se indiferentes, que é um caminho de maturação humana e espiritual para tantos quantos queiram seguir Jesus e encontrar o sentido da vida.

Inácio tornou-se um homem apaixonado pela pessoa de Jesus Cristo e pelo seu Reino. Enfim, compreende ser Ele a palavra incriada do Pai, o Logos, o verbo

que se fez Homem. Ele acredita que quebrar o seu orgulho foi uma aventura, somente possível mediante uma paixão. Lembrando as próprias palavras de Inácio, escreveu Cruz:

Basta ter um chão firme, _ medita Inácio. [...] Corações são capazes de heroísmo e desespero, contanto que sejam apaixonados. Inácio acredita na eficácia interna das verdades reveladas. Se Cristo disse que é a própria verdade encarnada, então Ele está vivo no Evangelho, atuando em cada sílaba, pois Ele mesmo se identifica como a Palavra (CRUZ, 1984, p.86).

Paixão pode ser traduzida aqui como abertura à graça. E Inácio acredita que ter o coração aberto à graça exige heroísmo. Muito disso está expresso em seu livro dos Exercícios Espirituais, que é um livro-ação, livro-vida, cujo conteúdo não se lê às pressas, mas se amolda e se pratica. A esse respeito, escreveu Cruz, com tamanha profundidade e beleza:

A estrutura de suas ideias assemelha-se a um organismo perfeito. Profunda unidade, na máxima variedade. Parece árvore frondosa, com raízes profundas e sadias. Um edifício, com fundamento inabalável. Uma árvore cuja seiva atinge até as pontas das folhas. Um edifício, cujo fundamento repercute até o teto (CRUZ, 1984, p.86).

O livro dos Exercícios Espirituais é um conjunto de instruções práticas sobre métodos de oração e exames de consciência, orientadas a conduzir a uma decisão consciente e livre, colocadas sob uma variedade de meditações e contemplações, oferecidas às pessoas que desejam, como Inácio, tornar-se livres para se deixarem conduzir pelo Senhor na realização de uma missão a que Ele mesmo convida e dá a graça.

Sendo Inácio o protótipo da pessoa que busca e encontra a vontade divina ao longo de toda uma vida, o seu processo de libertação pessoal pela indiferença, que é um encontrar-se com Deus em liberdade, é retomada ao longo de sua vida peregrina.

3.3.3 Santo Inácio orienta a “nos tornarmos indiferentes”

A modernidade apostou na autonomia e racionalidade do ser humano. Este passou a ser considerado de maneira fragmentada. No entanto, essa autonomia não deu conta de realizar o ser humano nem de oferecer soluções aos problemas da

humanidade e o mesmo ser humano que reivindicou a maioria e libertou-se das amarras metafísicas transcendentais, caiu na crise ética e de sentido.

Considerando que o ser humano é um ser integral, não se pode relegar a sua dimensão espiritual. Numa visão antropológica, a existência humana é constituída por todas as suas dimensões, na contínua relação consigo, com o outro, com o mundo e com a transcendência.

É certo que a modernidade trouxe muito desenvolvimento para o ser humano, principalmente no campo material. As inúmeras descobertas e incontáveis inventos trouxeram indescritível conforto às pessoas, que passaram a se apegar, cada vez mais, aos bens materiais. Contudo, o ter passou a ser extremamente desejado e valorizado.

No entanto, o ser humano não se realiza apenas com o ter, com os bens que possui, mas precisa encontrar o sentido da vida. A modernidade cria uma ilusão de que a realização existencial está unida ao material e se estabelece uma crise, visto que a satisfação com o material não é capaz, por si, de dar sentido à vida. A esse respeito, afirma Martins:

A modernidade jogou o homem dentro de uma crise de sentido: o ser humano foi engolido pelo ter, que é superficial, pois não toca no cerne da existência. Esse problema tem sua origem, em grande parte, no pensamento racionalista (MARTINS, 2009, p. 15-16).

É possível observar que a crise de sentido do ser é enorme. Pois o ser humano, na modernidade, foi fragmentado. Ou seja, encontra-se em pedaços e não sabe integrar-se novamente numa realidade ontológica capaz de realizá-lo. Apenas com a unidade ontológica recuperada, pode o ser humano reencontrar o sentido.

Santo Inácio foi, aos poucos, integrando o seu ser e descobrindo o sentido de sua vida. Ao mesmo tempo em que desejava oferecer a vida a serviço do Senhor, por meio de seus semelhantes. Intuiu que o ter ou o uso desordenado das coisas poderia impedir ou dificultar o seu crescimento e o serviço ao próximo. Assim sendo, buscou a graça de Deus como auxílio para discernir o uso das coisas criadas.

Inácio tinha segurança interior e vivenciou na pele o que significa ordenar a própria vida de modo a fazer o uso reto das coisas criadas, orientar os desejos segundo Deus e a submeter-se aos desígnios de Deus, mesmo sem os conhecer. O que supõe liberdade interior diante das coisas criadas, dos desejos e dos medos. Assim como as coisas atraem e os desejos impulsionam, o medo pode frear a

pessoa e impedi-la de caminhar na direção de seu próprio crescimento e do serviço ao Senhor por meio de seus semelhantes. Com isso, Santo Inácio dirá que é preciso “nos tornarmos indiferentes”.

Porque o ser humano não é espontaneamente livre de todos os seus desejos e de todos os seus medos, assim como não é, de fato, livre de todas “as coisas” que fazem seu meio social e seus ambientes, e nem mesmo das situações de sua existência, faz-se necessário um reajuste de seus desejos e de sua afeição às coisas. É preciso realizar um certo desprendimento quando há escolhas a serem feitas que, de algum modo, tocam a sua existência. Pois, muitas vezes, a pessoa é levada a escolher de acordo com a moda, ou seguindo a sua inclinação natural, ou de acordo com aquilo que mais lhe agrada instintivamente, ou para corresponder às expectativas de outras pessoas, ou para realizar os seus projetos ou as suas ambições. Nesse sentido, afirma Jaer:

Há em nós pulsões ou resistências, pesos, medos, que tornam difícil uma escolha plenamente conforme a realização de nossa vida e de nossos desejos, segundo o desígnio de amor de Deus para nós e em nós. Há uma longa peregrinação a realizar que nos pede que nos desprendamos interiormente dos condicionamentos que nos estorvam. Nesse sentido é necessário nos tornarmos livres e portanto indiferentes (JAER, 2009, p. 34).

A expressão “tornar-se indiferente” não significa, portanto, que não se pode sentir preferência ou afeição, ou medo, ou que não se tenha mais desejo. Não é isso! Porém, há uma maneira de a pessoa ser afeiçãoada às coisas, relacionamentos, carreira, projetos entre outros, que envenenam ou obstruem a liberdade. Há, sobretudo, um risco de se identificar com essas coisas e delas não aceitar abrir mão em vista de um bem ou um dom mais elevado. Pois as coisas podem seduzir e o ser humano, aos poucos, vai se tornando escravo delas. Essas coisas se tornam o seu absoluto.

Assim sendo, a pessoa deve trabalhar com a graça do Senhor sobre essa afeição desordenada ou sobre esse medo instintivo. Somente por meio de um desprendimento em seu coração, a pessoa vai-se tornando livre interiormente e obtendo condições de fazer uma escolha justa. Isso é tornar-se indiferente! Portanto, o colocar-se em atitude de indiferença e liberdade interior é condição fundamental e determinante. E é nessa liberdade interior que a pessoa pode encontrar o seu desejo mais profundo, que sempre coincide com o desejo de Deus para ela. Então, reconhecem-se as afeições que a aproximam desse desejo fundamental e se pode,

no dizer de Santo Inácio, “desejar e acolher somente aquilo que mais nos conduz ao fim para o qual somos criados” (PRINCÍPIO E FUNDAMENTO).

O ser humano vai percebendo que deve deixar o que o aliena ou que o impede de alcançar o seu fim. Portanto, no Princípio e Fundamento, a indiferença tem a ver com a existência enquanto resposta e seguimento. Embora não nomeando, explicitamente, o Cristo, é possível perceber na dinâmica proposta no texto uma cristologia implícita. A indiferença inaciana é um assumir a práxis de Jesus Cristo. Logo, a procura da vontade de Deus, pela ordenação mais livre da vida, tem em vista um maior e melhor serviço ao Reino.

No entanto, o fato de tornar-se indiferente é algo fecundo ao brotar de uma relação pessoal com a pessoa de Jesus. Foi o que aconteceu a Inácio na experiência que marcou, definitivamente, a sua vida, enquanto via, do alto de uma das margens, o fluir profundo do rio Cardoner. Algo se juntou dentro do seu ser e transbordou de sentido a sua vida. Nesse sentido, transcreveu Vásquez de sua Autobiografia:

Quando começaram a abrir-se-lhe os olhos do entendimento; não porque visse visão alguma, mas entendendo e conhecendo muitas coisas, tanto de coisas espirituais, como de coisas da fé e de letras; e isto com uma ilustração tão grande, que lhe pareciam todas as coisas novas (VÁSQUEZ, 1993, p. 23).

A experiência do Cardoner foi, para Inácio, uma espécie de divisor de águas, por auxiliá-lo a enxergar, de maneira nova, todas as coisas. O Espírito Santo abriu-lhe o entendimento e a inteligência de modo a lhe dar a clarividência, o que resultou em um aumento de fé, a transbordar em seu fazer apostólico, pois não desejava senão ajudar homens e mulheres a acreditarem que o Criador se comunica diretamente com a criatura. Isso desemboca no louvor, reverência e serviço, fonte de sentido para o ser humano. Ainda sobre esse momento de sua vida, descreve Roger Haight:

Sua mais importante iluminação veio às margens do rio que atravessava a cidade. Foi uma expansão iluminadora da sua compreensão que transformou sua vida como um todo; o que seria chamado hoje de uma experiência “enlouquecedora”, e que superou todo o conhecimento e aprendizagem da sua vida inteira (HAIGHT, 2015, p.50).

Essa grande iluminação ocorreu em Manresa, que também significa, para Inácio, a purificação de sua vontade. Ele alcança uma pobreza em espírito que o

liberta de seu ambicioso desejo de confiar em si mesmo e em suas forças para alcançar a própria salvação. A visão do Cardener lhe dá uma nova inteligência e Inácio a utiliza para reestruturar a sua vida bem como reorientar a concepção que possuía de Deus, do homem e do mundo. Tal transformação Adroaldo Palaoro chama de reconversão e afirma:

Tal reconversão o faz transformar-se totalmente de homem solitário em homem solidário, de homem totalmente penitencial e contemplativo em homem ativo que elege a ação e o apostolado por Cristo, e muda por completo sua concepção de vida espiritual. Inácio passa de uma imitação ingênua dos santos ao seguimento de Cristo (PALAORO, 1992, p.23).

Essa reconversão de Inácio lhe dá ardor apostólico, que nada mais é que encontrar sentido na vida doando-a a serviço do Senhor, por meio de seus semelhantes e assumindo uma postura de responsabilidade por sua própria existência, tomando a sua história pelas mãos e ressignificando-a. No centro de sua vida está Jesus Cristo, o mediador da Revelação Divina e fundamento de seu ser.

Jesus Cristo, a partir de então, não é mais visto como alguém distante, seu Senhor e Rei, e mais do que isso: é o seu amigo íntimo. Anunciar o Reino de Deus se torna para Inácio uma missão pessoal, o para quê de sua existência. Ele reconhece que, em sua ação Redentora e Salvadora, Jesus Cristo não trabalha sozinho, mas convida homens e mulheres generosos para compartilhar de sua vida e missão. Logo, dispõe de sua liberdade e vontade para compactuar com o ideal cristão levado a sério. Torna-se um homem indiferente e convida outros a fazerem o mesmo, contagiando com o seu testemunho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo o que foi desenvolvido ao longo deste estudo, acredita-se ser possível agora elencar sinteticamente, a título de conclusão, algumas das principais ideias do Princípio e Fundamento da Espiritualidade Inaciana para a subjetividade moderna em busca de sentido: um estudo a partir da Logoterapia e Análise existencial de Viktor Frankl.

Estamos certos de que existe uma pergunta primordial para o ser humano, que é pelo sentido da vida. Toda pessoa, em algum momento se questiona: qual o objetivo de viver? Que sentido têm as coisas? E vai respondendo de maneira concreta. Porém, a pergunta sempre ressurgue: tem sentido? Qual a razão de tudo isso? Durante toda a existência, o ser humano se depara com uma questão misteriosa: não pede para nascer e não quer morrer.

Ou seja, ele é fruto de uma decisão e escolha de outros, que o puseram no mundo. Logo, estando vivo, percebe que existe para viver, e não deseja morrer. No entanto, esta é a única certeza que tem: irá morrer. Logo vem outro questionamento: o que estou fazendo com a vida que tenho?

Sabe-se que essa pergunta sobre o sentido da vida qualifica o ser humano como *humano*, visto que, entre os seres criados, só ele o faz. Tal pergunta coloca em destaque a vida humana como mistério criado que, em algum momento, irá remeter àquele incriado, que é Deus. Ao questionar-se se a vida significa algo mais ou é apenas uma sucessão de fatos, como nascer, crescer, declinar e morrer. O ser humano já acredita que não é só isso. No entanto, diante do sofrimento que acompanha a existência humana, muitos se perguntam se vale a pena viver. E tal pergunta, de todas as épocas, na atualidade parece que se faz com maior insistência.

Com base nisso, considera-se que a espiritualidade ajuda o ser humano a conhecer, compreender e buscar o sentido de sua existência e, ainda, aponta caminhos para a sua realização. No Princípio e Fundamento da Espiritualidade Inaciana, descortina-se, com maior evidência, que, criando o ser humano, Deus o salva. E, salvando-o, Deus o cria. Aqui a salvação é o “despertar” da pessoa *humana* para um assumir do verdadeiro fim para o qual foi criado. É um viver de modo consciente, em harmonia com toda a criação e em profunda comunhão com o Criador, a modelo do Filho, Jesus Cristo.

Assim sendo, o Princípio e Fundamento é primordial ao ser humano para o enfrentamento da crise de sentido vivenciada pelas pessoas na contemporaneidade. Fazer a experiência, ou seja, tomar consciência de que se tem um fim para o qual existir, faz total diferença na existência dessas pessoas.

Nas expressões inacianas: “O ser humano é criado para...”. “Daí se segue que deve usar das coisas tanto quanto...”. Chega a uma consequência bem fundamental: “Por isso é necessário fazer-nos indiferentes a todas as coisas criadas...” Inácio quer situar a pessoa como centro do universo, em sua capacidade de escolha.

Tal consciência ajuda o Homem a encontrar o sentido de sua vida. O Princípio e Fundamento da Espiritualidade Inaciana faz uma leitura muito profunda do ser humano, bem como, dá pistas para que esse faça a experiência concreta do amor de Deus e apresenta meios para ele realizar-se enquanto pessoa. Além disso, aponta para o fato de que todos os seres humanos são criados por e para Deus e somente no louvor, na reverência, no serviço e no amor dele, encontramos a nossa salvação, que é justamente, o verdadeiro sentido de viver.

E, na sociedade atual, observa-se o quanto o ser humano tem buscado o autoconhecimento como meio para auxiliá-lo na autocompreensão e no encontro daquilo que o realiza. Nesse contexto, vale salientar a grande apreciação pela fluidez da vida. É bom saber que, na subjetividade desta vida, nada é permanente, nada é sólido, nada é constante. Tudo muda continuamente. Porém, é imprescindível cultivar a solidez interior, os valores pessoais, a autocrítica, a autoconsciência. Mais uma vez, percebe-se, concretamente, que a espiritualidade é um meio eficaz para a ampliação deste olhar. Bem como, para inspirar e dar suporte para relacionamentos maduros, que levam a pessoa a vivê-los com liberdade e harmonia. Essa liberdade implica, portanto, duas dimensões: liberdade diante de tudo o que não é Deus e liberdade aberta a Deus. Essa disponibilidade requer fé e fé amorosa, que pode ser traduzida por liberdade espiritual interior.

O Princípio e Fundamento pode possibilitar ao ser humano descobrir sua vocação e assumir sua posição fundamental diante de si, de Deus, de seus semelhantes e da História, uma vez que é imagem divina.

O conteúdo e as ideias de Inácio no Princípio e Fundamento integram a experiência de sua visão às margem do Cardoner: Tudo vem de Deus e tudo retorna a Deus. Numa pedagogia prática, o texto se apresenta com dois polos centrais: 1. O

fim próximo do ser humano: louvar, reverenciar e servir; 2. A indiferença: a atitude necessária para alcançar esse fim.

Assim, no Princípio e Fundamento, toma a pessoa humana como é existencialmente, rodeada de criaturas concretas, tais como: pessoas, circunstâncias de tempo, lugar, ação e acontecimentos, e a convida a tomar consciência de si, a se aceitar diante de Deus e colocar-se em atitude de disponibilidade. Logo, o Fundamento é colocar-se, gratuitamente, nas mãos de Deus, que é uma atitude de fé e de amor. Só então, é possível compreender o sentido do Magis. Porque quando se trata de amor, a pessoa deseja, unicamente, o que mais conduz à pessoa amada.

Num movimento dinâmico, o princípio e Fundamento levam o ser humano a assumir uma atitude de fé amorosa e disponibilidade total para “ser livre de” e “ser livre para”, que pode ser traduzida por liberdade espiritual interior, que implica duas dimensões: 1. Liberdade diante de tudo o que não é Deus e segundo Deus; 2. Liberdade aberta a Deus.

Assim, pode-se definir a Espiritualidade Inaciana como uma “espiritualidade de responsabilidade na liberdade”, consequência da doação amorosa de Deus ao ser humano. E tudo nela aparece como uma pedagogia da liberdade na sua constitutiva orientação para Deus.

Enfim, Inácio resumiu a sua resposta quanto à questão do sentido da vida no Princípio e Fundamento. Nele esconde-se uma história de amor: o amor de Deus, o Criador, que por amar tanto o ser humano lhe deu o seu Filho. Atinge-se o coração do Princípio e Fundamento quando se experiencia o amor de Deus que cria, salva e santifica. Como também é sugestivo relacionar esses três temas com as três pessoas da Santíssima Trindade: ao Deus Pai-Mãe, atribui-se a Criação; ao Deus Filho, a Redenção, Libertação e Salvação; e ao Deus Espírito Santo, a Santificação ou amizade com Deus.

O Princípio e Fundamento convida a olhar o mundo com olhos novos, extasiando-se ante a Criação e sentir admiração por um pôr do sol e por um amanhecer. Para concluir leia-se um breve texto de Benjamín González Buelta, jesuíta, dedicado a oferecer os Exercício Espirituais de Santo Inácio e à formação humana e espiritual, que centraliza e, de certa maneira, sintetiza o Princípio e Fundamento de maneira sensível e profundamente mística:

A plenitude aparece no instante

Concentrar todo o meu tempo em um instante,
recolher meu projeto em um só punhado,
dizer toda a minha pessoa em uma única palavra,
e entregar-me!

Mas faz falta toda uma vida
para acolher-te, fazer-me entregar-me.
Faz falta toda uma história
para que minha solidariedade humana se complete.
Faz falta um tempo infinito
Para nunca acabar de encontrar-te e encontrar-me.

Desde a transcendência que impregna meus ossos
Tu me libertas da nostalgia
de totalidades impossíveis,
porque em cada um dos meus fragmentos
já aparece tua presença (BUELTA, 2004, p.73).

Enfim, Inácio compreendeu que o sentido da vida ou a plenitude do sentido se alcança apenas pelo esvaziamento de si. Isso vai acontecendo no decorrer da vida, pois viver é estar sempre a caminho, em busca de uma constante realização pessoal. Toda a existência é uma peregrinação, uma saída, um êxodo. Na Espiritualidade Inaciana, a pessoa faz o seu êxodo a fim de chegar à indiferença, que só é possível compreender à luz de um amor maior, que ultrapassa todo conceito meramente humano e vislumbra o horizonte do fim último. Ou seja, viver a eternidade no momento presente, com amor e liberdade, no serviço ao nosso Criador e Senhor, num constante exercício de desapego de tudo o que não nos conduz ao fim para o qual somos criados. Pois o mal não está nas criaturas, boas em si mesmas, mas em nosso apego desordenado a elas.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. **A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl**: articulações entre logoterapia e religião. São Paulo: Paulus, 2014.
- BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Ética pós-moderna**. Tradução de João Rezende Costa. 6ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2013.
- BENNER, David G. **Desejar a vontade de Deus**: alinhando nossos corações ao coração do Senhor. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- BÍBLIA. Português. BÍBLIA DE JERUSALÉM: Nova edição revista e ampliada. 11 reimpressão. São Paulo: Paulus, 2016.
- BREEMEN, Piter G. Van. **O pão repartido**. Tradução de Francisco Van de Water. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **“O ser humano é criado...”**: Ensaio de tradução em linguagem atual de alguns elementos do Princípio e Fundamento. In GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. Um sentido para a vida: Princípio e Fundamento. São Paulo: Loyola, 2007.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. Fundamentos do cuidado da vida. **Diálogo: Revista de Ensino Religioso**. São Paulo, v. 21, n. 48, p.20-23, out./dez. 2007. Trimestral. ISSN 1413-0076.
- BUELTA, Benjamín González. **Salmos para sentir e saborear as coisas internamente**. Tradução de Maria Clara Bingemer. Juiz de Fora: Subiaco, 2004.
- _____. **Orar em um mundo fragmentado**. Tradução de Maria Clara Bingemer. São Paulo: Loyola, 2007.
- CIGOÑA, J. Ramón F. de la. Da sedução à transfiguração dos sentidos. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana**. São Paulo, n. 64, p. 88-93, jun./ago. 2006. Trimestral. ISSN 1517-7807.
- _____. O olhar do Espírito: Espiritualidade Inaciana. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana**. São Paulo, n. 80, p. 83-88, jun./ago. 2010. Trimestral. ISSN 1517-7807
- CONTE, Hildo. **A vida do amor**: O sentido espiritual do Eros. Petrópolis: Vozes, 2001.
- COSTA, Alfredo Sampaio. Um equilíbrio difícil: Graça e Liberdade nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana**. São Paulo, n. 90, p. 27-39, dez./fev. 2012. Trimestral. ISSN 1517-7807.
- CRUZ, Afonso de Santa. **As duas paixões do oficial**. 6 ed. Paraná: Rosário, 1984.
- FINKLER, Pedro. **Ao encontro do Senhor**: A vida de oração à luz da psicologia. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FRANCISCO, Papa. **Deus é jovem**: Uma conversa com Thomas Leoncini. Tradução de João Carlos Almeida. São Paulo: Planeta, 2018.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 25 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial.** Tradução de Alípio Maia de Castro. 5 ed. São Paulo: Quadrante, 2010.

_____. **Logoterapia e Análise Existencial: textos de seis décadas.** Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **A presença ignorada de Deus.** Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 16 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2015a.

_____. **O sofrimento de uma vida sem sentido: Caminhos para encontrar a razão de viver.** Tradução de Karleno Bocarro. São Paulo: É realizações, 2015b.

_____. **A vontade de sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia.** Tradução de Ivo Studart Pereira. 1 ed./ 4 reimpressão. São Paulo: Paulus, 2016a.

_____. **Teoria e terapia das neuroses: Introdução à Logoterapia e à Análise Existencial.** Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2016b.

GALVÃO, Francisco. **O cultivo espiritual em tempos de conectividade.** São Paulo: Paulus, 2018.

GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. **Um sentido para a vida: Princípio e Fundamento.** São Paulo: Loyola, 2007.

HAIGHT, Roger. **Espiritualidade Cristã para buscadores: Reflexões sobre os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.** Petrópolis: Vozes, 2015.

IDÍGORAS, José Ignacio Tellechea. **Inácio de Loyola: A aventura de um cristão.** São Paulo: Loyola, 2001.

JAER, André de e Equipe. **Viver o Cristo no cotidiano: Para uma prática dos Exercícios Espirituais na vida.** Tradução de Odila Aparecida de Queiroz. São Paulo: Loyola, 2009.

LARRAÑAGA, Inácio. **Suba comigo: Para os que vivem em comunidade.** Tradução de José Carlos Correa Pedroso. 19 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. **Transfiguração: Um programa de vida de santificação cristificante.** Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. 5ª reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2017.

LOYOLA, Inácio de. **Autobiografia.** Tradução de António José Coelho. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. **Exercícios Espirituais.** Tradução de R. Paiva. 9ª reimpressão. São Paulo: Loyola, 2016.

MACDOWELL, João A. **Atualidade de Inácio de Loyola.** In BINGEMER, Maria Clara L. (Org.). As "Letras" e o Espírito: Espiritualidade Inaciana e cultura moderna. São Paulo: Loyola, 1993.

MARTIN, James. **A sabedoria dos Jesuítas para (quase) tudo.** Tradução de Joel Macedo. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

MARTINS, Alexandre Andrade. **É importante a espiritualidade no mundo da saúde?** São Paulo: Paulus, 2009.

MARTY, François. **Sentir e saborear: Os sentidos nos “Exercícios Espirituais” de Santo Inácio de Loyola.** Tradução de J. Pereira. São Paulo: Loyola, 2006.

MIRANDA, Mario de França. A alegria do Evangelho em ótica inaciana. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana.** São Paulo, n.96, p. 17-33. Jun./ago. 2014. Trimestral. ISSN 1517-7807.

MORI, Geraldo de. A antropologia dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola: leitura narrativa ou diacrônica. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana.** São Paulo, n. 90, p. 05-25, dez./fev. 2012. Trimestral. ISSN 1517-7807.

OLIVEIRA, José Antonio Netto de. Ter pecados e ser pecador. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana.** São Paulo, n. 90, p. 65-80, dez./fev. 2012. Trimestral. ISSN 1517-7807.

OLIVEIRA, José Antonio Netto de. **Perfeição ou santidade e outros textos espirituais.** 4 ed. São Paulo: Loyola, 2013.

OLIVEIRA, José Antonio Netto de. Modo inaciano de trabalhar as afeições desordenadas. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana.** São Paulo, n. 98, p. 25-37, dez./fev. 2014. Trimestral. ISSN 1517-7807.

PALAURO, Adroaldo. **A experiência espiritual de Santo Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios.** São Paulo: Loyola, 1992.

_____. E as vidas ficam diferentes. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana.** São Paulo, n. 93, p. 66, set./Nov. 2013. Trimestral. ISSN 1517-7807.

PEDRINI, Alírio J. **Oração de Amorização: A cura do coração.** 106 ed. São Paulo: Loyola, 2017.

PIAZZA, Waldomiro Octavio. **Introdução à fenomenologia religiosa.** 2 ed. reformulada. Petrópolis: Vozes, 1983.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. **Revista de Ciberteologia.** Pluralismo religioso, direitos humanos e democracia. Belo Horizonte, v.13, n. 40, p.1806, out./dez. 2015. Trimestral. ISSN 2175-5841.

SALLES, Walter Ferreira. **Jesus Cristo: Princípio e Fundamento.** In GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. Um sentido para a vida: Princípio e Fundamento. São Paulo: Loyola, 2007.

SANTOS, Adelson Araújo. **O exame de si mesmo: O autoconhecimento à luz dos Exercícios Espirituais.** São Paulo: Loyola, 2017.

TOMASI, Flávio Lorenzo Marchesini. **Ouro testado no fogo: Acompanhamento psicoespiritual entre mistério e seguimento.** São Paulo: Paulinas, 2007.

TORRALBA, Francesc. **Inteligência espiritual.** Tradução de João Batista Kreuch. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

VAN THUAN, François-Xavier Nguyen. **Cinco pães e dois peixes: Do sofrimento do cárcere um alegre testemunho de fé.** Tradução de João Batista de Boaventura Leite. 18ª reimpressão. São Paulo: Santuário, 2014.

VASCONCELOS, Eder. **Pedagogia do silêncio: Um caminho para a interioridade.** São Paulo: Paulinas, 2018.

VÁSQUEZ, Ulpiano. **As “letras” do Espírito. Inácio intérprete da vida cristã.** In BINGEMER, Maria Clara L. (Org.). *As “Letras” e o Espírito: Espiritualidade Inaciana e cultura moderna.* São Paulo: Loyola, 1993.